

CRÓNICA XI - ABORÍGENES - PARTE

I

1. ANTES (DE TODOS) ESTAVAM CÁ OS ABORÍGENES



Daremos hoje início a uma série de crónicas destinadas a esclarecer os leitores sobre um fenómeno humano que vem sendo esquecido e obliterado das páginas dos jornais e revistas culturais, talvez por sentimentos de culpa e desideratos de obliteração.

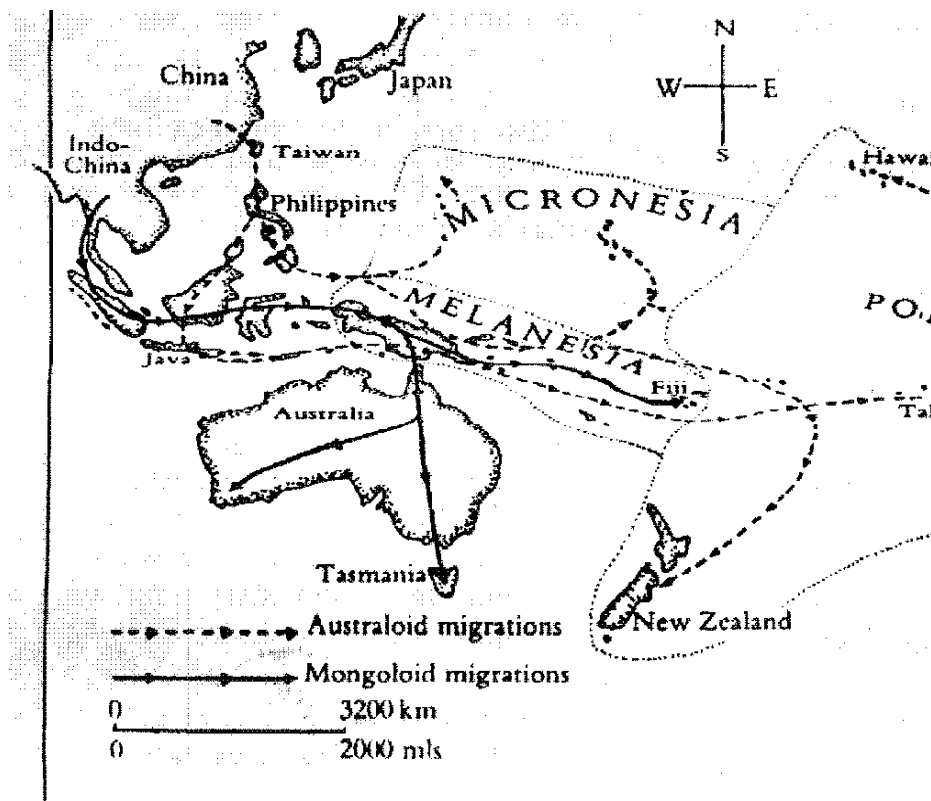
Sem querermos entrar em discursividades polémicas, iremos tentar lançar um pouco de luz sobre aquilo que consideramos ser um ato consciente e deliberado dos meios de comunicação social: a ostracização da cultura aborígine.

Focamos aspetos históricos importantes para o entendimento das problemáticas aborígenes, dando exemplos de acontecimentos célebres na História Branca da Austrália, citando avanços e recuos da política oficial face a um problema que, ainda hoje, está bem longe de ser resolvido. Enfim, tentaremos dar a conhecer as faces distintas do problema.

11.1. IGNORÂNCIA, ÁLCOOL, DEUS E AS BOAS INTENÇÕES

Os primeiros contactos entre os aborígenes e os Brancos Europeus alteraram de forma dramática a estrutura social e económica da comunidade aborígine, a qual tem sido sistematicamente destruída desde então, pouco sobrevivendo hoje da original estrutura. Desde que a 1ª Armada chegou, em 1788, muitas pessoas se interessaram em observar e estudar as atividades, estilos de vida e línguas, das várias tribos aborígenes, em especial, nas áreas de Sidney e restante NSW (Estado de Nova Gales do Sul).

O estudo antropológico permitiu criar uma imagem de como eram e viviam os aborígenes antes da chegada dos brancos, e, a pesquisa arqueológica deu-nos uma visão da sua vida nos últimos 40 a 80 mil anos. Se bem que tais estudos tenham sido apurados, extensos e diversificados, eles não influíram de forma notável para reduzir o fosso existente entre os aborígenes e as restantes etnias populacionais deste continente.



Quando o governador Phillip chegou com a sua 1ª Armada (ver crônicas I a VIII), as suas instruções eram de tratar bem toda a população autóctone e punir qualquer membro da sua esquadra que não o fizesse.

No entanto, menos de 20 anos após a sua chegada, todos os nativos eram já tidos como pestes, e, portanto, a exterminar. Assim, em 1796, o então Governador Hunter ordena aos colonos que se organizem em grupos armados contra os aborígenes.



Embora, a nível legal, fosse proibido o assassinato ou homicídio dos nativos, raramente se utilizou a letra da lei contra um colono branco. Em 1838, 7 colonos foram acusados e condenados pela morte de uma criança aborígine, mas a pena de morte não lhes foi imposta por ser considerada demasiado pesada para condenar apenas a morte de um nativo.

Dado que a nível da mão de obra a utilização dos aborígenes era desnecessária, devido ao elevado número de condenados e degredados transferidos para a Austrália, e dado que as vastas obras de expansão para o interior e zonas mais remotas se processavam a um ritmo rápido, os aborígenes foram sendo, cada vez mais, tidos como um obstáculo ao progresso da colónia.

Quanto mais expansão branca se verificava, maior era o atrito entre as duas comunidades. Os europeus eram incapazes de entender a ligação dos nativos à terra. Ao chegarem não viram nem vedações nem postes, marcos ou outros sinais óbvios de culturas agrícolas, sentindo, pois como sua obrigação de *povos civilizados* tornar a terra produtiva. Por outro lado, se a ocupação e cultivo das terras nada significava para os locais, a terra representava não só o meio de subsistência para os seus como a sua própria habitação. Retirar-lha era um corte profundo, como que

a remoção da sua cultura ancestral. Para os europeus a terra era dada, doada, vendida, e não propriedade eterna e permanente como para as gentes nativas. A terra possuía as gentes e não o reverso. A falta de compreensão e tolerância mútuas estiveram, desde o início, na fonte dos conflitos.



O ÁLCOOL EMBRUTECIA, A FOME GRASSAVA E O BRANCO ENGORDAVA

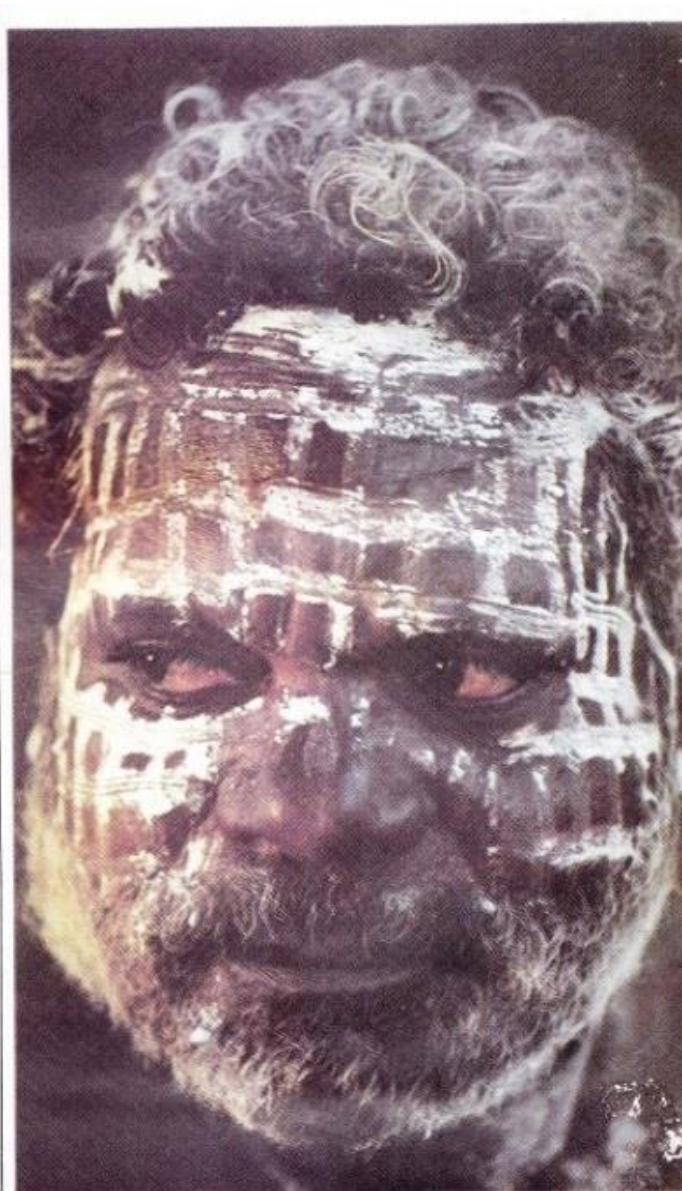




Os efeitos económicos da alienação das terras, depressa se fez sentir pois impedia os aborígenes de caçar, pescar e viver nas zonas suas conhecidas ancestralmente. Muitos outros eram, porém, mortos pelas balas dos colonos, pelas doenças por estes trazidas ou pela farinha envenenada que estes lhes vendiam. Rapidamente foram sendo empurrados para as franjas urbanas e para zonas aborígenes ainda não afetadas pelo expansionismo europeu. Os colonos ao despojarem os aborígenes das suas terras estavam – sem o saberem – a destruir a estrutura da sociedade local, a privá-la de se manter e preservar para gerações futuras.

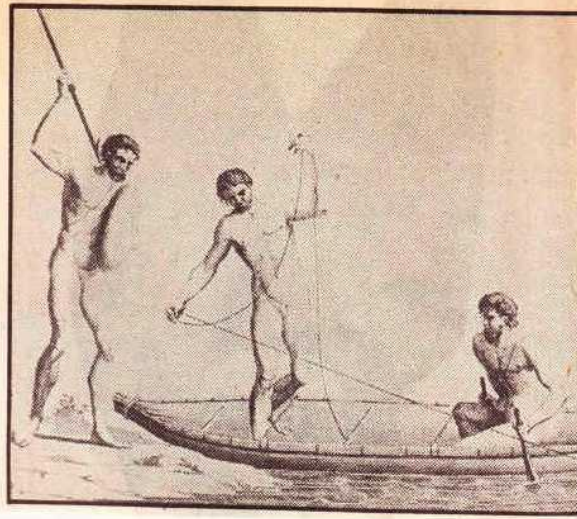
No aspeto sexual, a miscigenação entre grupos e tribos distintas ocorria para resolver conflitos ou guerras tribais, e para firmar uniões tribais. Este facto, observado pelos europeus, era considerado promíscuo e amoral, pelo que passou a ser vulgar a utilização de mulheres aborígenes para fins de prostituição e utilização meramente sexual pelos brancos que detinham uma população feminina minoritária. Com a destruição dos padrões de vida tradicionais os nativos deixavam de ter a sua *raison d'être*, pelo que com a facilidade de introdução do álcool nos seus hábitos, este rapidamente se tornou numa fácil válvula de escape.

Sob a influência desta droga, à qual os seus organismos eram alérgicos, os mais novos que ainda não haviam sido iniciados nos rituais tradicionais tribais, começaram a tornar-se rebeldes e a contestar o poder dos líderes mais idosos, pelo que entendiam ser a falta de poder de oposição aos brancos. As doenças, as péssimas condições de vida num meio hostil e estranho, onde os seus antepassados há dezenas de milhares de anos, aliados ao álcool cedo se manifestaram como razões para o declínio da sociedade aborígene.

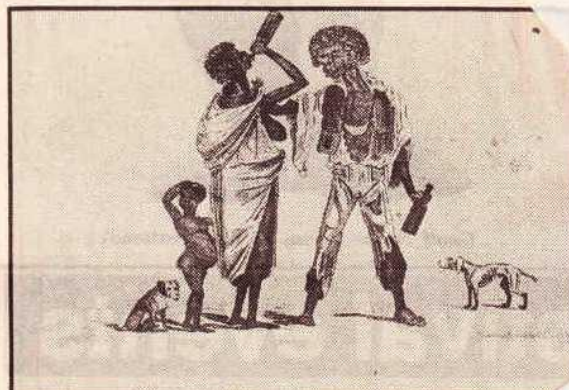


Os mais jovens nasciam e viviam num clima de dependência económica, de alcoolismo e de inferioridade social. Simultaneamente, começaram a assumir importância, os jovens mestiços, não aceites pelos brancos como prova da sua amoralidade, nem pelos aborígenes, incapazes de se auto-observarem numa fase de mudança e de quebra de tradições. Nem todo o dano causado aos aborígenes era, porém, fruto da animosidade, crueldade deliberada ou negligência, muito era causado por atos bem-intencionados, mas mal dirigidos.

Inicialmente os Aborígenes foram retratados idealisticamente como 'nobre selvagens'



Cerca de 1830, os Aborígenes passaram a ser vistos como párias, vivendo na maior miséria física, moral, social e econômica, nas franjas suburbanas das cidades europeias da Austrália, como a litografia anônima aqui os retrata.



Alguns governadores tentaram criar instituições políticas e de autoridade, semelhantes às dos europeus. Um exemplo foi o do governador Lachlan Macquarie, que, em 1815, criou um estatuto de chefes tribais (ou reis) para os líderes das comunidades aborígenes. Simultaneamente, intensificaram-se os esforços de cristianização dos nativos, que, pura e simplesmente se resumiram num falhanço, com os missionários na sua obstinada tentativa de alterar o *modus vivendi* local, e a tentarem convencer os aborígenes a seguirem os exemplos da *vida civilizada* sob a palavra divina, mas incapazes de perceber que os locais não reconheciam nada de *válido ou superior* que fosse benéfico para eles, caso adotassem, copiassem e adaptassem os estilos de vida europeia.

Se, para os missionários, o trabalho e a acumulação de riqueza (propriedade privada) eram a base da sua crença, para os aborígenes o trabalho deveria apenas ser feito para a satisfação das necessidades mediatas, e a propriedade era uma coisa comunitária a partilhar por todos. Os missionários, por outro lado, não estavam

preparados para entender a ligação do nativo à terra, os seus costumeiros rituais de iniciação, os quais não passavam de rituais pagãos a eliminar.

Este facto viria a assumir uma criminosa decisão, por parte das autoridades, civis e religiosas: a de retirar as crianças do seio das suas comunidades ancestrais, aborígenes e pagãs, incapazes de redenção, salvando-as assim ao retirá-las para o ambiente esterilizado das missões cristãs ou para os trabalhos domésticos em casa de europeus. Afastadas das suas tribos, as crianças perdiam o elo de ligação com as tribos, costumes, idiomas e leis tradicionais.

Simultaneamente aprendiam uma língua estrangeira: a dos invasores e colonizadores, destruidores das suas línguas, seus costumes e leis, adquirindo um novo *status* social de cidadãos de 2ª classe.

As primeiras cinco décadas de colonização europeia (1788-1838) destruíram, de facto, a sociedade aborígene tradicional neste Estado de Nova Gales do Sul. Se, para alguns, a extinção foi lenta e aceite com um suspiro de alívio, havia obrigações morais de lhes proporcionar (aos que sobrevivessem) uma vida tão confortável quanto possível, o que misericordiosamente era conseguido com a atribuição anual de cobertores, rações de farinha (quando esta não era propositadamente envenenada), açúcar, chá e a possibilidade de vida nas áreas adjacentes às cidades e vilas de cariz europeu.

Se, de uma forma geral, a destruição cultural local estava praticamente conseguida, em especial nas áreas dos rituais de iniciação, económica, social, certo é que, o sentido de cooperação e interajuda comunitária e as noções de partilhas de bens se mantiveram. Os mitos e os locais sagrados, para além dos idiomas tradicionais foram mantidos até aos dias de hoje, havendo ainda alguns que são capazes de utilizar instrumentos e ferramentas tradicionais.

Se bem que, 200 anos se tenham completado em 1988, com grande fanfarra no bicentenário da Austrália, certo é que, para alguns aborígenes, estes pequenos elos de ligação ao passado são, hoje, mais do que nunca, a *raison d'être* da sua própria identidade e autorrespeito.

Por outro lado, assiste-se hoje, em dia, a um revivalismo ativista, capaz de poder proporcionar às novas gerações o contacto com a cultura tradicional que se pensava perdida e até mesmo extinta. Foi no início da década de 80 que os turistas ávidos descobriram a arte aborígene e as suas pinturas únicas e esquisitas, catapultando esta arte para a frente das manifestações de vanguarda, elevando a somas astronómicas o valor de qualquer quadro ou pintura tradicional, mesmo recente.

Foram estes novos colonos brancos da Norte América e do Japão que deram nova vida e fizeram nascer em tribos quase moribundas a arte há muito esquecida ou relegada, de pintar. Os nativos, desta vez, porém, souberam aproveitar-se destes novos brancos fazendo-os pagar a preço de ouro, nas galerias que eles mesmo gerem e administram, beneficiando com os lucros os seus irmãos de raça, para que estes recuperem a voz que durante mais de dois séculos se não fez ouvir.¹

¹ Crónica originalmente publicada na revista *Nam Van*, #12, Macau, 1 de maio de 1985.

Bibliografia: "The Aborigines of New South Wales", *Parks and Wildlife* vol. 2, #5, textos de Christine Haigh.



Colaboração de Aboriginal Resource Centre, Chippendale, Sidney, e de James Williams 'Aboriginal Vocational Officer' Serviço Federal de Emprego 'CES'.



CRÓNICA XI – ABORÍGENES - PARTE 2 - OS ABORÍGENES DE NOVA GALES DO SUL²



² Crónica originalmente publicada na revista *Nam Van*, #14, Macau, 1 de julho de 1985.

Bibliografia:

1. Christine Haigh, "The Aborigines of New South Wales", *Parks and Wildlife*) vol. 2, #5.
2. Gillian Cowlish, Deptº de Antropologia da Universidade de Sidney.

Continuamos, hoje, com a série de crónicas sobre os aborígenes, destinadas a esclarecer os leitores sobre um fenómeno humano que vem sendo esquecido e obliterado das páginas dos jornais e revistas culturais, talvez por sentimentos de culpa e desideratos de obliteração.



11.2. O MEIO AMBIENTE E VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

Os sistemas tribais de Nova Gales do Sul não são facilmente explicáveis, dado que a sua organização começou a ser desmantelada em termos práticos com a chegada dos primeiros colonos europeus.

Nalguns casos as próprias tribos não tinham uma identidade nominal, antes se considerando *NÓS* para se distinguirem dos outros *ELES*.

Alguns destes nomes estão relacionados com grupos localmente estabelecidos, outros dizem respeito a subgrupos, clãs, nações aliadas, tais como os **Yuwin**, da Costa Sul (compostos pelos **Dhawa**, **Dhurga**, **Guyanga**, **Walbanga** e **Wandian**), os **Gamilaroi** e os **Wiradhuri**. Alguns destes grupos falavam uma linguagem comum, pelo que é provável ter existido uma qualquer forma de Federação entre eles.

Qualquer mapa da época que se consulte dá apenas indicação dos grupos, tribos, nações, sob um ponto de vista linguístico e social.

As suas delimitações são controversas e baseiam-se em locais totémicos onde se realizavam as iniciações dos jovens. A dificuldade em standardizar nomes deve-se sobretudo ao facto de nenhuma língua aborígene ter forma escrita tradicional.

Inicialmente existiam cerca de 600 idiomas falados por umas 300 mil pessoas, o que dá uma média de um dialeto por cada grupo de 500 pessoas, aquando do desembarque da 1ª Armada em 1788. Atendendo a que muitas dezenas de tribos foram dizimadas e considerando a falta de uma linguagem escrita, poucos foram os

3. Gretchen Pioner, Dept^o de Antropologia da Universidade de Sidney.

4. Helen Clemens, Conservadora do NPWS (Serviços de Parques, Reservas e Vida Animal);

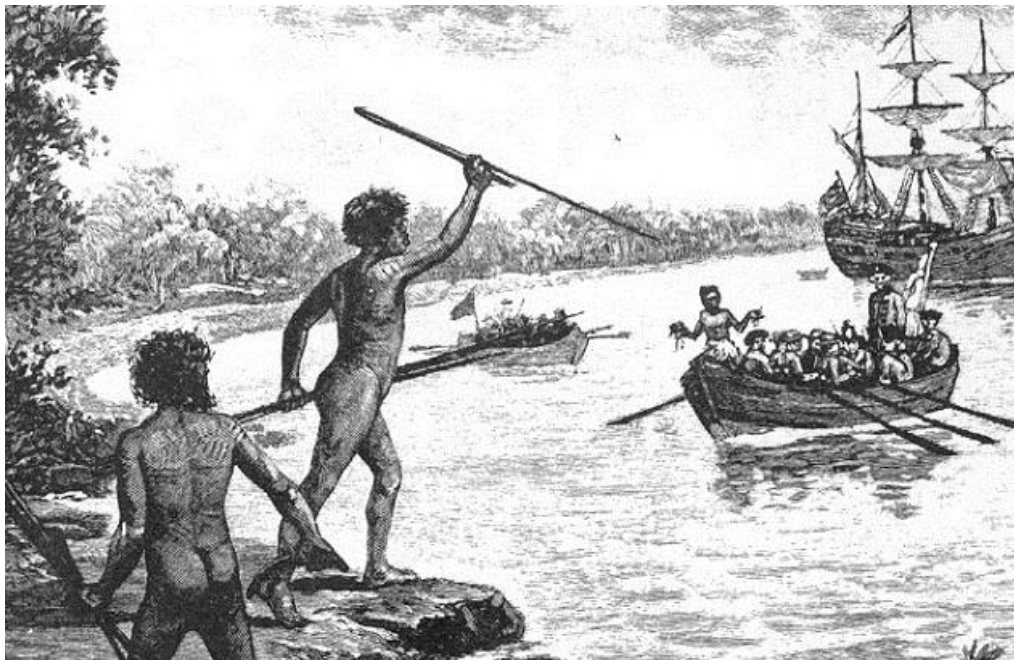
5. Howard Creamer, Research Officer, Aboriginal Sites Survey Team, NPWS (Serviços Nacionais de Parques, Reservas e Vida Animal).

6. Colaboração de Aboriginal Resource Centre, Chippendale, Sidney, e de James Williams 'Aboriginal Vocational Officer' Serviço Federal de Emprego CES de Newtown.

registos originais preservados, embora desde o início da década de 80 um grande trabalho se tenha feito em termos de recuperação da cultura e línguas aborígenes.

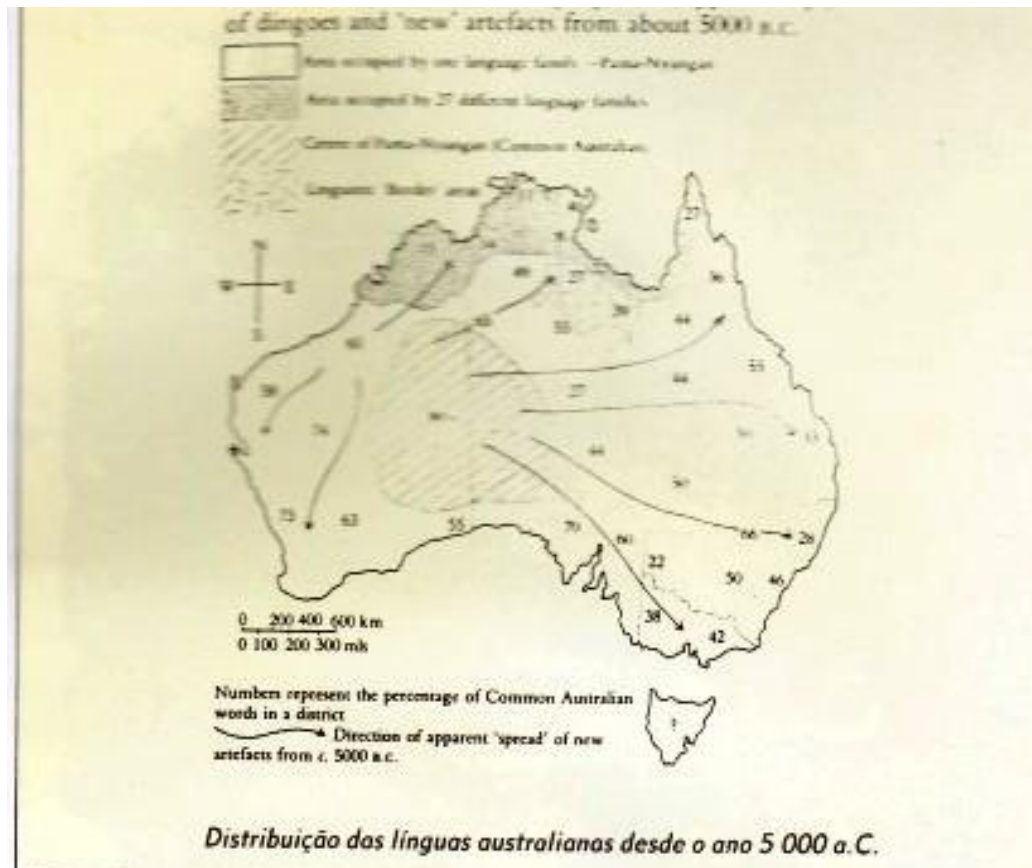
Nas regiões costeiras de Nova Gales do Sul os aborígenes viviam sobretudo de recursos marinhos e fluviais bem como de atividades venatórias.

O conhecimento que até nós chegou dos seus hábitos baseia-se sobretudo em diários da época (com todas as deficiências inerentes aos dados recolhidos por exploradores e missionários) e em descobertas arqueológicas, sendo estas na sua maioria relativas a depósitos de conchas nas zonas marinhas. Estes depósitos onde se encontram vestígios piscatórios e ossos de animais eram depositários de restos de refeições aborígenes, as quais eram sempre enterradas na areia. Nalguns locais os artefactos encontrados datam de há mais de 20 mil anos. Geralmente os homens dedicavam-se à pesca e à caça e as mulheres concentravam-se na recolha de mariscos.

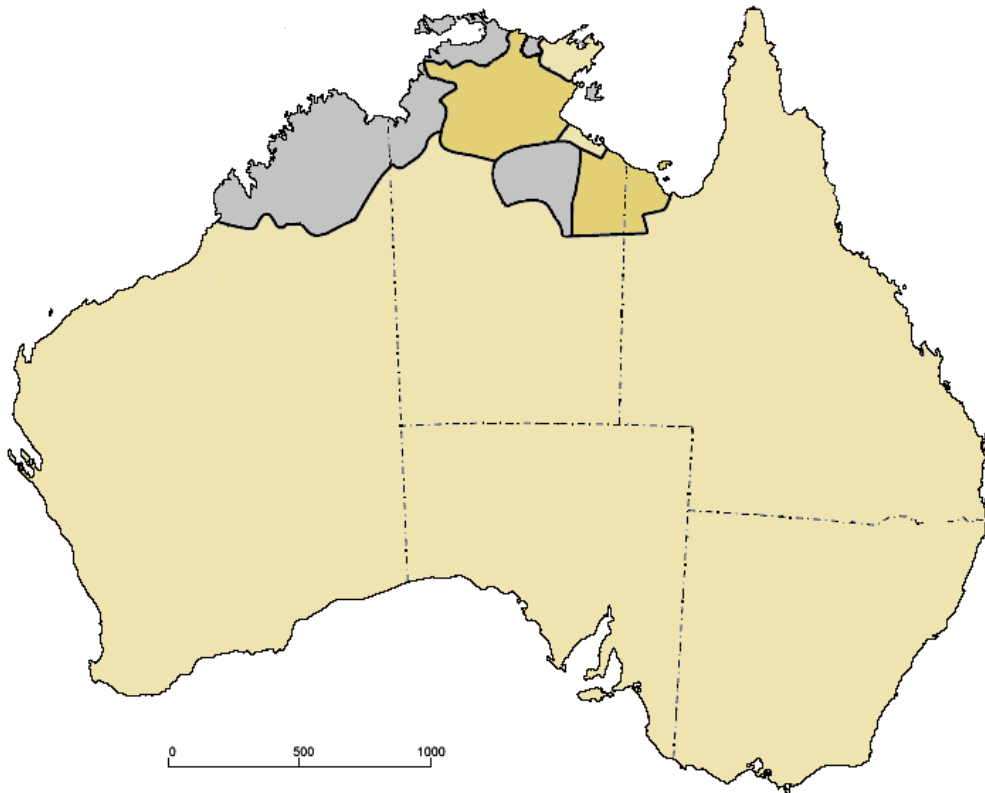




O ENCONTRO DO BRANCO COM O NATIVO



A DIVISÃO TIPOLOGICA PRIMÁRIA DAS LÍNGUAS NATIVAS AUSTRALIANAS: PAMA – NYUNGAN (COR DE PELE) E NÃO-PAMA–NYUNGAN (COR MOSTARDA E CINZENTO). AS LÍNGUAS NA COR MOSTARDA PODEM ESTAR RELACIONADAS COM AS LÍNGUAS PAMA – NYUNGAN.



CANDIDATOS AO DIPLOMA DE INTÉRPRETE EM DARWIN, NT

11.3. CERIMÓNIAS TRADICIONAIS

Para os colonizadores europeus os aborígenes pareciam ser ateus ou animistas, dado não existirem nem templos nem manifestações de preces ou invocações divinas, mas, de facto, a religião era uma parte de suas vidas embora não distinta de outras atividades quotidianas e assumia normalmente a forma de propagação de mitos, expressando os feitos espirituais dos ancestrais.

Estes mitos eram manifestados de forma social e económica, baseando-se numa distinção entre o bem e o mal, assumindo enorme peso a sua relação com o meio físico ambiente. A propagação destes mitos era feita durante as cerimónias de iniciação dos jovens, as quais se desenrolavam ao longo de vários dias e congregavam vasto número de membros de cada comunidade. A participação nestas cerimónias estava interdita a mulheres, embora a presença destas e de crianças fosse permitida nalguns casos.



<http://www.barunqafestival.com.au/history.html>



Os jovens a iniciar tinham de passar por períodos de preparação, isolados no mato e deviam submeter-se a certas atividades físicas.

Os locais sagrados de iniciação, nalgumas zonas, assumem importância através da configuração de certas rochas ou montes, enquanto noutras se manifestam através de motivos inscritos nas árvores.

Para os rituais da morte, várias eram as formas preferidas, desde a instalação de corpos em caves; à sua colocação em árvores ou até mesmo canoas que eram lançadas às águas, mas sempre depois de uma primeira fase em que o corpo era preparado temporariamente para ficar desprovido de carne. Noutros casos, encontram-se vestígios de atividades crematórias.



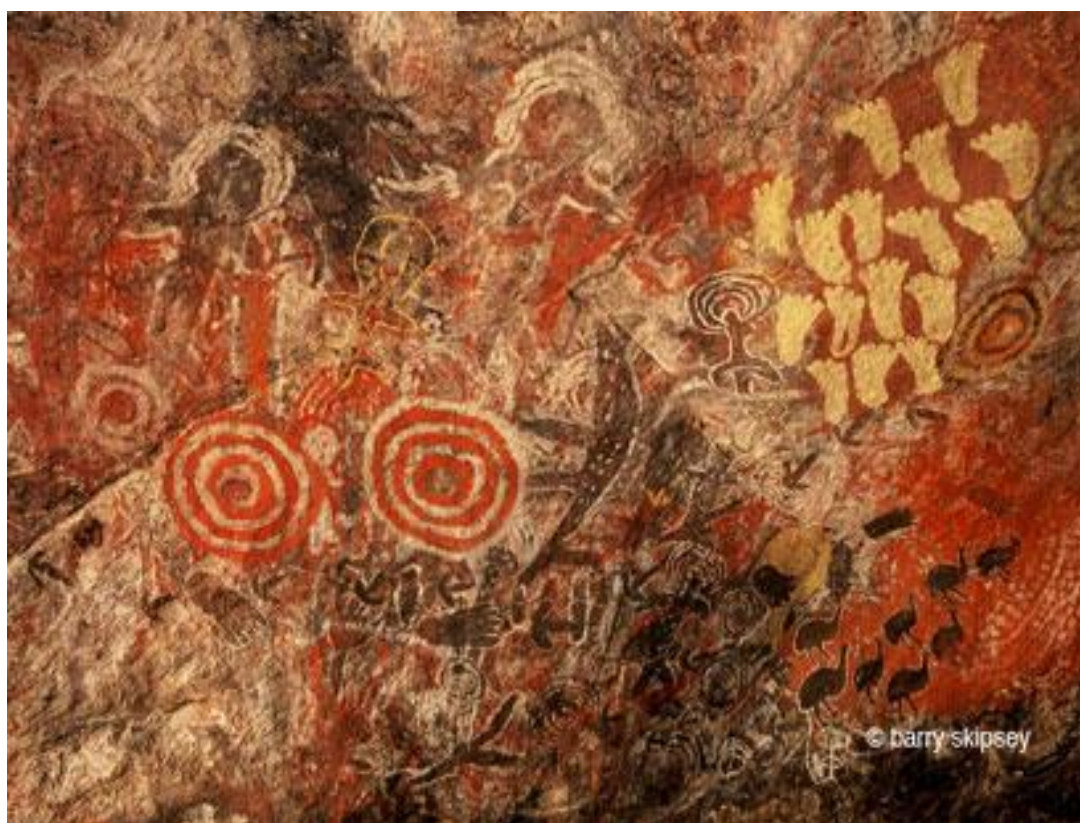
POSTES PUKAMANI (CERIMONIAL DE ENTERRO) DO POVO TIWI NO TERRITÓRIO NORTE

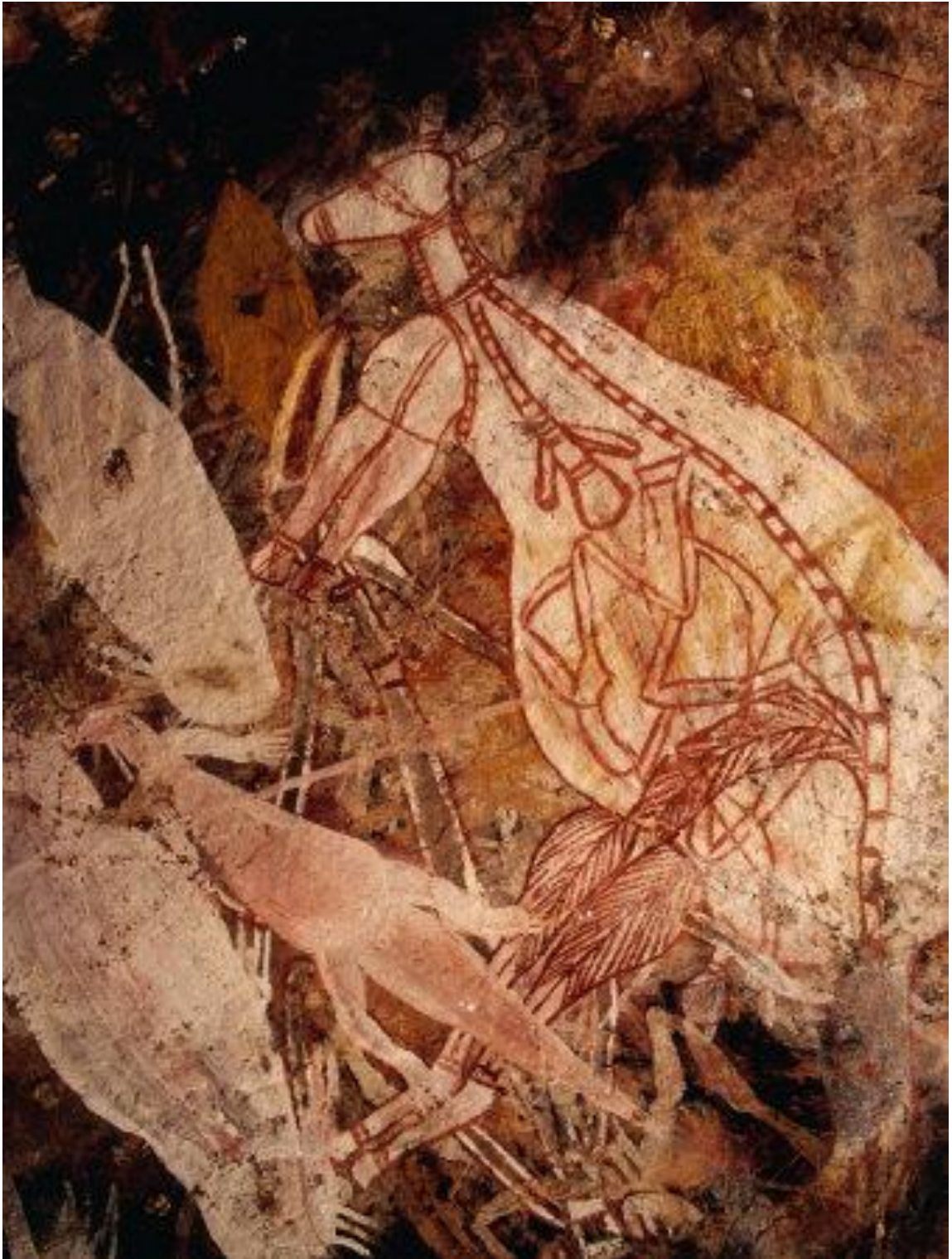
11.4. A ARTE

A arte aborígene é ainda hoje bem visível apesar do caráter transitório dos meios de que se serviam para expressá-la: árvores (e cascas destas), rochas (e pinturas esculpidas nelas) e pintura de corpos para rituais.

Nalguns casos utilizava-se o carvão e o ocre apigmentado e colorido para dar vida aos trabalhos.

A Arte é bem diversa de região para região, embora os meios de que se servissem fossem basicamente os mesmos. Os temas utilizados eram de uma forma geral animais (peixes e pássaros) e figuras antropomórficas, de motivos figurativos, simples de estruturas lineares.











Australian Aboriginal Art

The art of the Alligator Rivers
region, Northern Territory

Robert Edwards



11.5. HABITAÇÃO E FERRAMENTAS



Os abrigos nas rochas ou em grutas e palhotas rudimentares de madeira de carvalho (Bark tree) constituíam a base dos seus habitats, os quais se destinavam a protegê-los dos elementos, nomeadamente as intensas chuvas que se verificam nesta região da Austrália.

Os instrumentos utilizados eram provenientes de fibras vegetais, peles, pedra, e madeira, enquanto os adornos eram conchas, cana-de-açúcar, dentes de animais e pequenos feijões.

Apesar da abundância de água encontram-se vestígios de pequenos poços artesanais, e uma espécie de aquedutos construídos em folhas de palmeira. Para a pesca e caça eram utilizadas lanças de ponta de osso ou concha.

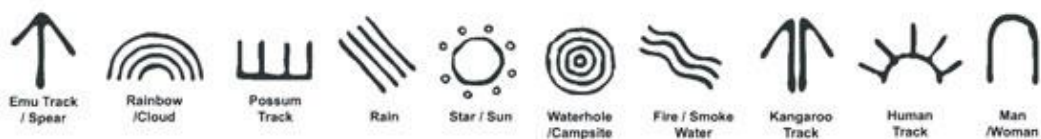
As mulheres pescavam pequenos peixes, moluscos e mariscos com uma isca e à linha (feita de fibra vegetal ou pelo de animais). As canoas, construídas de casca de árvore, não excediam em regra os 5 metros e nelas havia sempre fogo aceso, que se destinava a cozinhar de dia e a aquecer de noite.

11.6. PESCADORES – CAÇADORES, PORQUE NÃO AGRICULTORES?

Quarenta mil anos atrás (60 ou 80 dizem outros) já os aborígenes viviam na Austrália. Como todos os restantes grupos daquela época, viviam dos recursos naturais, fossem eles plantas ou animais.

Nalgumas outras áreas do globo uma certa transição desta fase de caça e pesca para atividades agrícolas e hortícolas foi-se estabelecendo, tendo atingido a sua fase de expansão para distintas regiões da terra há uns dez mil anos, e sendo caracterizadas pela domesticação de animais e por métodos de cultivo.

A teoria até há pouco vigente era de que toda esta transferência de hábitos e costumes, tal como ocorrera na América e na Ásia se havia propalado a diversas outras regiões. Hoje em dia acredita-se que esta fase de transição se possa ter passado de forma diferente e de acordo com unidades temporais distintas. Embora não haja vestígios humanos pré-históricos na Austrália, as opiniões diferem quanto à possibilidade de criação de um regime agrícola no continente até à época Plistocénica.





Emu Track
/ Spear



Rainbow
/ Cloud



Possum
Track



Rain



Star / Sun



Waterhole
/ Campsite



Fire / Smoke
Water



Kangaroo
Track



Human
Track

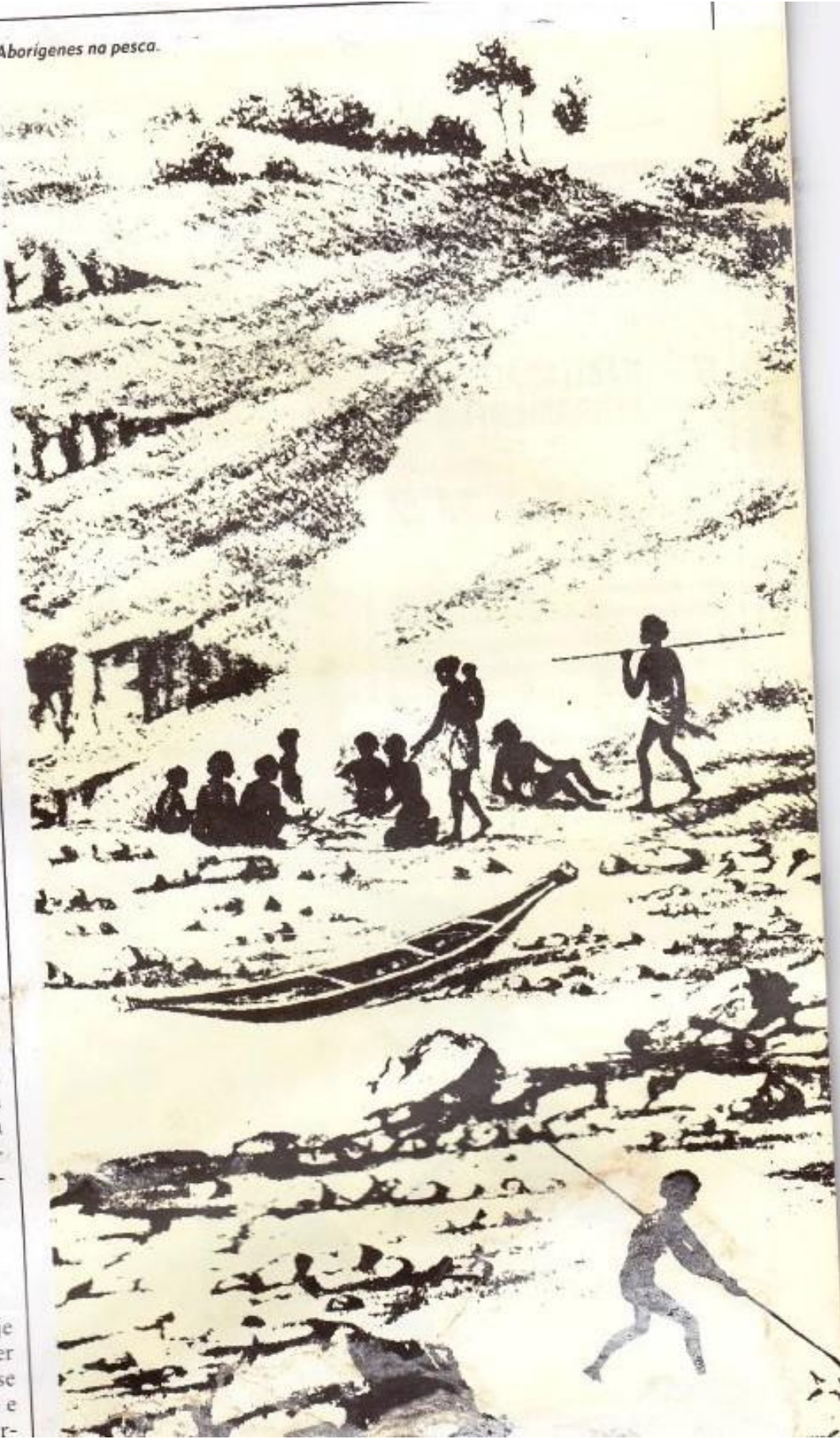


Man
/ Woman

Aborígenes na pesca.

s
-
is
os
o
e.
as
já
de
ti-
de
ão
re-
as.
ção
or-
de
nto
de
'ara
as
ala-
oca-
smo
s às
uma
era
para
vou-
restí-
ias.

hoje
racter
ue se
ores e
e cor-



No entanto, o norte do continente (Península de Iorque e Terra de Arnhem) beneficiava de terras aráveis férteis, de luxuriosa vegetação (florestas tropicais) e nelas se verificou o contacto com agricultores indonésios pelo menos durante 200 anos antes da chegada dos primeiros colonos brancos. Se bem que não se verifiquem vestígios de produção agrícola, inúmeros rituais pertencentes a culturas estranhas à Austrália, registam-se aqui como arpoes de metal, redes de pesca, canoas de árvores escavadas inexistentes no resto do continente.

Para além disto existem vestígios de uma cuidada política de harmonia com a natureza, com a criação de barragens artificiais primitivas, a plantação de sementes, a prática de queimadas para desbastar os matos e atrair animais comestíveis, alguns deles datando de há mais de 15 mil anos.

Por outras palavras, enquanto no passado, os aborígenes têm sido denegridos pelos aspetos primários da sua economia, verifica-se que nalgumas áreas desenvolveram técnicas de agricultura enquanto noutras não as prosseguiram por não verem vantagens em tal.

Os arqueólogos não dominam ainda totalmente as causas de mutações sociais e económicas, tendendo a assumir uma tendência de progresso na senda da caça e pesca até à industrialização.

Para os nativos da Austrália, o tipo de vida era o melhor socioeconomicamente de acordo com o meio ambiente em que viviam e não havia necessidade de o mudarem.

11.7. O PAPEL TRADICIONAL DA MULHER

Para descrevermos o papel da mulher aborígene numa sociedade tradicional teríamos de descrever o quotidiano nómada em que habitavam com todas as limitações de conhecimentos de que dispomos.

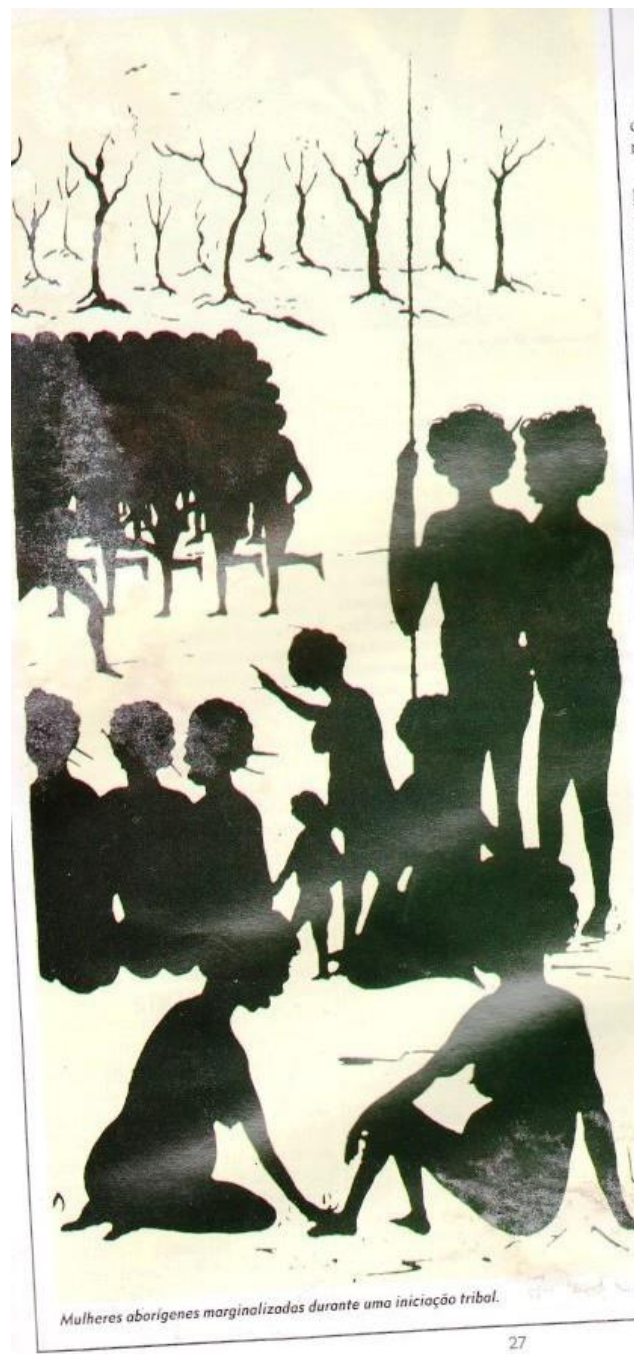
O campo silente com pequenos fogos ateados, o homem dormindo ao lado da (s) sua (s) mulher (es) com os filhos desta (s), sob o improvisado abrigo. Numa das extremidades do campo fica a parte destinada aos homens solteiros e jovens, na extremidade oposta as mulheres solteiras e viúvas.

A luz do dia desponta e lentamente todos se vão levantando, sentando-se em pequenos grupos, com as pernas cruzadas formando círculos em torno do lume, aguardando o nascer do sol. As raparigas e jovens mulheres apanham lenha e água, a comida que há é distribuída, quaisquer factos relacionados com a longa noite dos sonhos são narrados e partilhados por todos. Depois, discutem-se os planos para o dia.

O sol aquece, as mulheres e os homens dividem-se em dois grupos, no campo ficam os velhos e incapacitados. As mulheres partem à procura de lagartos de língua azul, peixe, ou de tartarugas, ensinando às mais jovens como cuidar de ir buscar comida. No princípio da tarde regressam para preparar comida, repartindo esta com aqueles que não podem angariar o seu sustento. A tarde é passada a cozinhar, normalmente assados na brasa, havendo refeições que demoram várias horas pela

preparação dos ingredientes vegetais que acompanhavam, por exemplo, um canguru caçado pelos homens enquanto as mulheres andavam à pesca.

Se os homens só caçavam animais de grande porte, as mulheres concentravam-se mais na recolha de todos os vegetais, répteis e outros pequenos animais que compunham a dieta habitual. Um campo não excedia normalmente as 50 pessoas, apenas se reunindo mais em época de rituais e cerimónias tradicionais, nas quais as mulheres eram relegadas para uma posição secundária dado que só os homens iniciados podiam participar em muitas delas. Nestas ocasiões competia ainda às mulheres, mais do que habitualmente, o proporcionarem e angariarem a alimentação.



Como na maior parte das sociedades (exceto na nossa) as jovens não tinham voto na seleção de marido. Antes do nascimento ou nos primeiros anos de vida, uma jovem era prometida em casamento de acordo com as propostas recebidas e aceites pelos pais da jovem. Antes da puberdade a jovem aprendia a colher alimentos para o seu futuro marido, que, em troca, retribuía parte da sua colheita. Depois da puberdade, as jovens eram normalmente enviadas para os acampamentos dos seus maridos onde se tornavam na 2ª ou 3ª mulher, sem se proceder a qualquer cerimónia. As jovens apanhavam alimentos e o marido untava-as com óleo vegetal para as ajudar a crescer e a atingirem a maturidade.

As mulheres, ao tempo de seu primeiro casamento, eram normalmente muito mais jovens do que os maridos, o que se devia ao facto de os mais velhos serem considerados mais capazes de ternura e paciência para com as jovens. Estas, como muitas vezes enviuvavam, acabavam por seleccionar depois um marido mais novo. Na sociedade aborígene o casamento era mais uma questão económica do que outra coisa. Um dos crimes mais graves era a fuga de um casal, pois todas as mulheres eram as mulheres ou as prometidas de algum homem.

Normalmente, a maior parte das disputas dentro de um campo relacionava-se com mulheres, o direito a elas e/ou a suspeita de infidelidade. O parto era uma situação privada a que nenhum homem podia assistir, e em que a mulher acompanhada da mãe e de outra mulher idosa se retirava para fora do campo. Ninguém podia tocar no bebé antes de totalmente nascido.

O período pós-natal era geralmente muito curto, havendo, em média, um intervalo de quatro anos entre cada filho. As crianças cresciam sempre junto da mãe até cerca dos 3 anos, a partir de então podiam outras crianças mais velhas cuidar delas.

Embora tivessem muita liberdade, as crianças eram, desde novas, instruídas nos segredos da vida e seus perigos. A disciplina era imposta através da pressão de grupo, não havendo lugar a punições físicas.

De uma forma geral, como vimos, a mulher era instrumento para a recolha de alimentos, mas aparte este aspeto assumia uma posição secundária e de subserviência, embora mantivesse segredos, entre outros, aspetos relativos à sua sexualidade e feminilidade, os quais se revestiam de rituais próprios.

11.8. A HERANÇA ABORÍGENE, PASSADA E PRESENTE

Antes da chegada dos europeus, a terra proporcionava tudo o que os aborígenes necessitavam, desde a alimentação até uma própria explicação sobre a sua existência no mundo, assim satisfazendo as áreas físicas e espirituais de suas vidas. Embora cada tribo possuísse os direitos territoriais sobre as áreas em que habitava, o sentimento de *posse (propriedade)* de terra era-lhes alheio, antes pelo contrário, eles sentiam que a terra os possuía a eles, aos outros animais e plantas que os rodeavam.

Este fator jamais foi bem interpretado pelos colonos brancos que, pouco a pouco, nos dois séculos após a sua chegada se assenhorearam da terra sem prever as consequências para futuras comunidades aborígenes. Até 1967, os aborígenes não

tinham direito a voto, não podiam ter uma propriedade, receber dinheiro ou mesmo trabalhar formalmente.

Bandeira dos Aborígenes



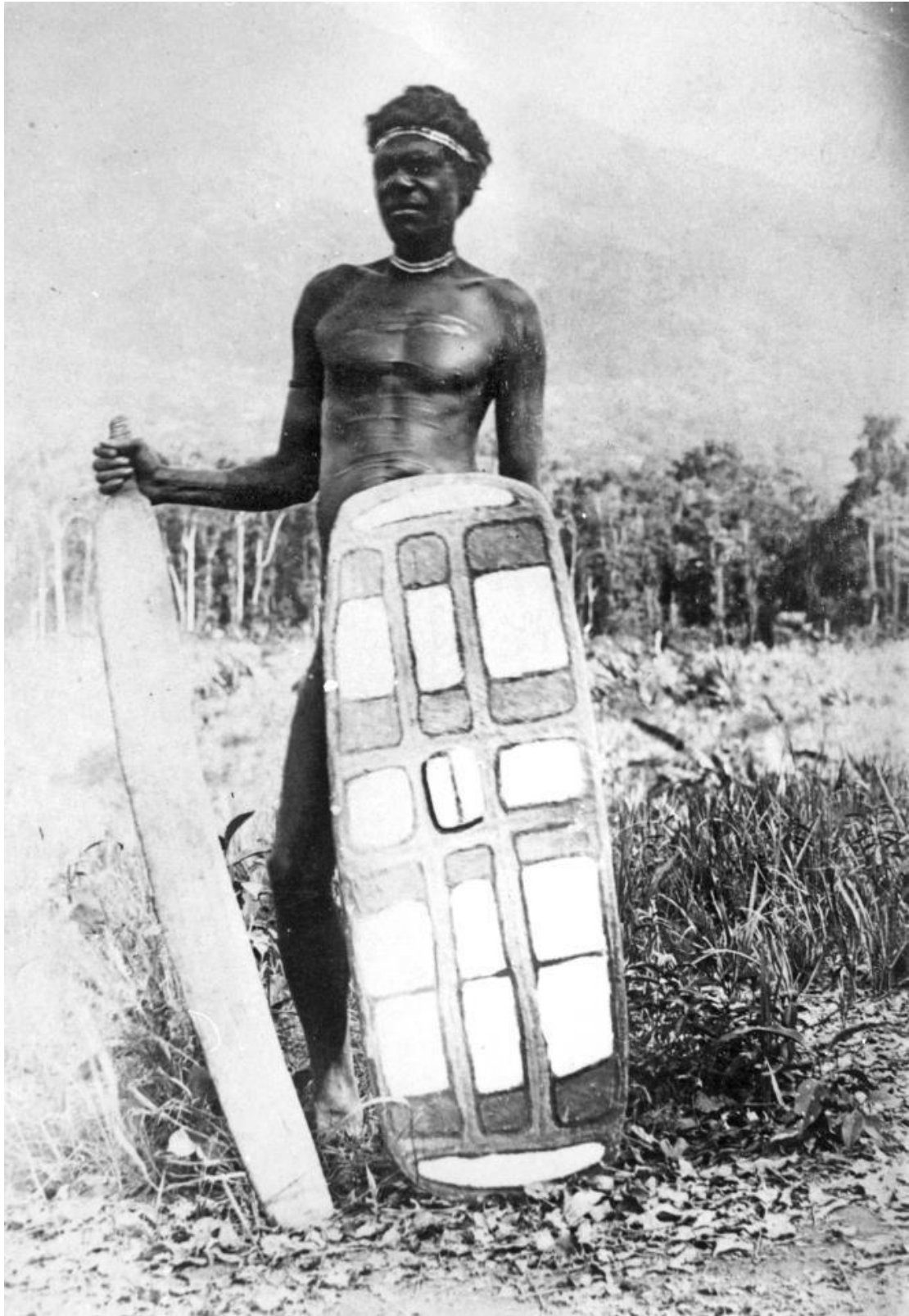
*Bandeira dos
Aborígenes
nativos das ilhas
Torres Strait*



Houve durante tempos desde o contacto que o Capitão Cook teve com os nativos da Nova Holanda, algumas tentativas de fazer o perfil do aborígene como um “*Selvagem Nobre - Noble Savage*”, pessoas simples e boas, mas selvagens que viviam com os animais. Eram considerados mais “*nobres*” que os civilizados pois ainda não tinham sido corrompidos pela civilização.

Cook escreveu em 1770: “Do que vi dos nativos da Nova Holanda podem parecer os mais desgraçados à face da terra, mas, na realidade, são muito mais felizes que nós, europeus, dado que não têm apetência pelo supérfluo, mas apenas pelo que é necessário...pois a Terra e o Mar proporcionam-lhe todas as coisas de que necessitam neste mundo...”

Um conhecido exemplo do Nobre Selvagem é o do guerreiro Ngoongar, de nome Yagan, que surge na história infantil “*The Courteous Savage: Yagan of the Swan River*”.



UM NOBRE DA TRIBO KUKU YALANGI EM 1890

O referendo de 27 de maio de 1967, promovido pelo governo Holt, aprovou emendas à Constituição australiana relativas aos indígenas, que consistiam sobretudo na exclusão de menções na Constituição relativas a aborígenes em todos os Estados para que sejam incluídos na população. Com 90,77% dos votos

favoráveis (5 801 584 votos a favor e 527 007 contra) em todos os seis Estados tais emendas seriam convertidas em lei no mês de agosto desse ano.

Erroneamente cita-se que a cidadania para os aborígenes e o seu direito de voto resultaram deste referendo, mas – na verdade – os aborígenes tornaram-se cidadãos em 1949, quando foi criada uma cidadania australiana em substituição da cidadania britânica. O direito ao voto para os aborígenes surgiria nas eleições da Commonwealth para os aborígenes da Queenslândia em 1965 e da Austrália Ocidental em 1962, embora já constasse como direito na Constituição de 1949.

Antes do referendo era vulgar considerar que os aborígenes australianos não eram contados como pessoas, mas estavam sujeitos à Lei da Flora e da Fauna, lei essa que nunca existiu com esse nome, mas o que se passava era que a maior parte dos Estados geria os assuntos aborígenes através dos departamentos que cuidava da fauna e da flora, dado considerarem-nos sub-humanos e parte do mundo da natureza. Na Austrália Ocidental eram regulados pelo Departamento de aborígenes e Pescas entre 1909 e 1920 e em Nova Gales do Sul pelo Departamento de Parques Naturais.

Recorde-se que em 1894 sete aborígenes foram retirados de Palm Island e levados “*em circo*” ao Palácio de Cristal em Londres pelo empresário Robert A. Cunningham, sendo exibidos por toda a Europa e América...



OS NOMES DOS 7: JENNY, O FILHO TOBY, O MARIDO TOBY, BILLY, BOB, JIMMY E SUSSY

A conquista da cidadania, entretanto, não trouxe consigo soluções para o problema de marginalização social, enfrentado até hoje por essa parte da população australiana. Uma realidade triste, chocante e pouco debatida, camuflada com crimes contra os Direitos Humanos e racismo.

Felizmente uma posição de sentido contrário se começou a verificar na década de 80 culminando com o então 1º ministro australiano Bob Hawke a devolver o ex-líbris de Uluru (Alice Springs, as rochas encarnadas e multicolores do maior megalito terreno) aos descendentes de seus legítimos donos.

Este progresso, porém, viria a ser, uma vez, impedido quando em 1998, o governo conservador de John Howard fez aprovar uma nova lei sobre o direito à propriedade das terras pelos aborígenes. A nova lei que alegadamente vinha clarificar a situação legal vigente sobre as pretensões dos aborígenes aos títulos de posse de terras do estado, que constituem 50% da área australiana, foi contestada por todos os setores.

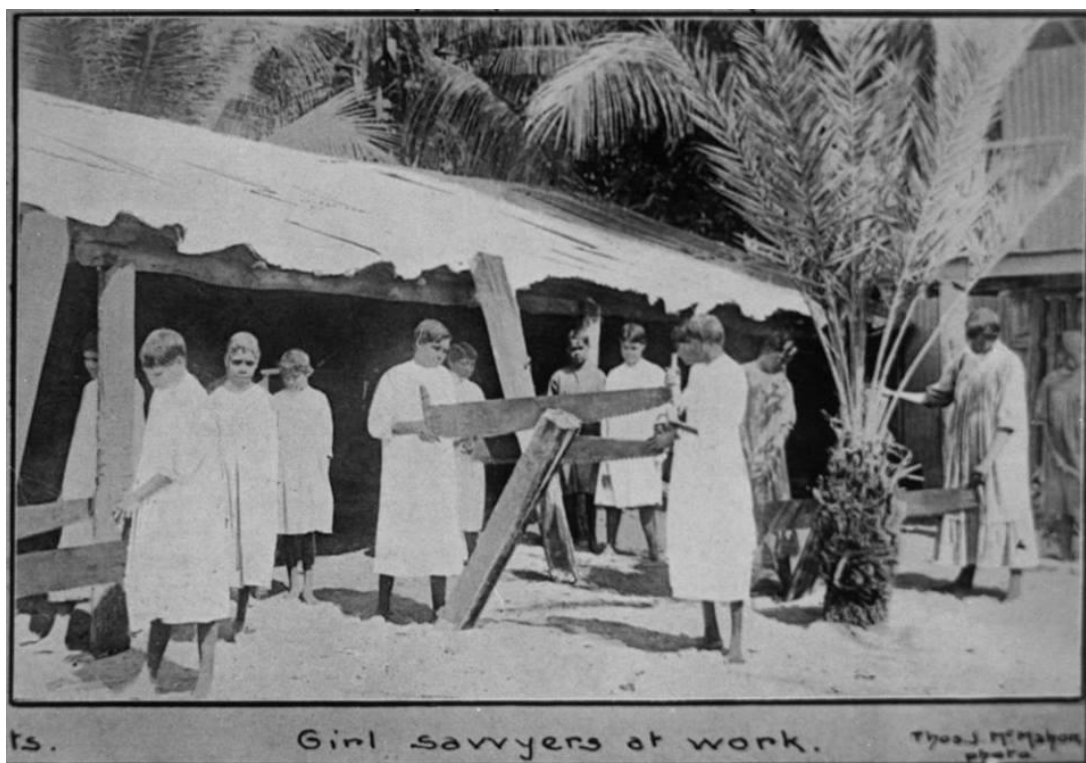


CUMJAM FOI PRESO PELO HOMICÍDIO DO SENHOR FERGUSON DE 60 ANOS QUE TRABALHAVA PARA DONALD MCINTYRE NA ESTAÇÃO MONTANA (NOTÍCIA NO NORMAN CHRONICLE, NORTH QUEENSLAND REGISTER E BRISBANE COURIER 1894-1895)

Os agricultores e mineiros dizem que dá demasiado poder e terra aos aborígenes. Estes alegam que a nova lei é racista, por privilegiar agricultores e mineiros e viola o seu direito à posse de terra que foi ancestralmente deles. Para grande parte da população a nova lei apenas favorece a prosperidade das indústrias agrícolas e mineiras.

11.9. AS MISSÕES

A chegada dos europeus destruiu o *modus vivendi* nativo e sob a capa de um protecionismo, o povo aborígine foi forçado a viver em reservas e em missões religiosas disseminadas pelo território. Assim, o governo tomava posse de novos territórios que posteriormente outorgava para colonos e agricultores. Na maior parte dos casos os aborígenes eram transportados para regiões bem distantes daquelas em que ancestralmente haviam vivido. Todo este processo se repetiu até há poucas décadas atrás. Durante 60 anos, de 1909 a 1969, o país viveu sob a lei da Proteção Aborígine, que fazia parte de uma estratégia de assimilação. Nessa época, os governadores dos estados australianos exerciam total controlo sob a população indígena.



MISSÃO DE MAPOON NA QUEENSLÂNDIA 1916" FOTO: BIBLIOTECA ESTADUAL - STATE LIBRARY OF QUEENSLAND

“Na reserva onde cresci tínhamos um superintendente que tomava conta da região. Os habitantes, como eu, eram chamados de ocupantes. Não podíamos deixar a reserva para ir até a cidade, a não ser que tivéssemos permissão por escrito. Havia locais em que não podíamos entrar por conta da segregação racial”, conta Joan Tranter. Se a polícia os visse num desses locais proibidos, tinham que mostrar a carta de autorização; caso contrário, eram levados para a cadeia.



National Library of Australia

nla.pic-vn4835196-v

CRIANÇAS ABORÍGENES NA ESCOLA DA MISSÃO DE MAPOON 1914. BIBLIOTECA ESTADUAL - STATE LIBRARY OF QUEENSLAND

Mais chocantes ainda são as histórias relacionadas à **Geração Perdida**. Sob esse regime, o governo tornava legal a remoção de crianças mistas de suas famílias aborígenes, sem a autorização de seus pais, para que assim pudessem crescer “brancas” e ser educadas em instituições especializadas, rejeitando suas raízes indígenas. Delas era esperado que se tornassem trabalhadores braçais ou serventes. As meninas, em especial, eram enviadas para lares estabelecidos pela administração local para serem treinadas em trabalhos domésticos. A prática de remover crianças continuou até o final da década de 1960, o que significa que até

hoje existem aborígenes de 40 anos ou mais que ainda pertencem à Geração Perdida e jamais reencontraram suas famílias.

Joan Tranter explica que além do trauma da separação, isso significou um enorme vácuo cultural nas comunidades aborígenes, cuja tradição oral é um dos seus pilares. Com as crianças tiradas à força de suas comunidades, não havia para quem repassar o conhecimento e história de seu povo. *“Essa geração roubada não tem ideia da sua história, das suas raízes culturais, de onde vieram. Nas instituições para onde eram levados proibiam-nos de falar as línguas nativas e encorajados a casarem com pessoas brancas”*, diz Tranter.



A FILHA DO PASTOR ECLESIÁSTICO SCHWARZ SENTADA NO MEIO DE CRIANÇAS ABORÍGENES NA MISSÃO DE HOPE VALLEY (SEM DATA)

Em 1990, a Real Comissão Australiana de Direitos Humanos e Igual Oportunidade instaurou um inquérito nacional sobre a prática de remoção das crianças, e o relatório final apresentado no parlamento em maio de 1997. O documento destaca o impacto devastador que a política teve nas crianças e nas suas famílias, alega que muitas das instituições e casas a que as crianças eram enviadas eram bastante cruéis, com o abuso sexual e físico sendo práticas comuns.

“Nós éramos vendidos como mercadorias. Ficávamos todas alinhadas com vestidos brancos e eles vinham e escolhiam uma de nós, como se estivéssemos à venda”, diz uma das testemunhas do relatório. O documento aponta também que essa política tinha por objetivo acabar com a raça aborígine, o que na Lei Internacional é considerado genocídio.

Apesar de muitos arquivos se terem perdido, estima-se que cerca de 100 mil pessoas tenham sido afetadas por essa política. Desde que o relatório foi divulgado, houve inúmeras campanhas exigindo um pedido de perdão oficial do governo. Apesar disso, em 1997, o primeiro-ministro australiano John Howard recusou-se a pedir desculpa às populações indígenas, alegando que as gerações atuais não eram responsáveis pelos erros cometidos por outros no passado, o que causou bastante indignação e polémica.

Somente dez anos depois, sob um novo governo trabalhista, em 13 de fevereiro de 2008, o primeiro-ministro Kevin Rudd pediu perdão em nome do governo. Segundo o editor da revista australiana National Indigenous Times, Stephen Hagan, os australianos sempre negaram a existência de todas as políticas atroztes em relação aos aborígenes. *“Muitos políticos prefeririam ter esse debate apagado dos livros de História. O primeiro-ministro Kevin Rudd mostrou muita coragem e compaixão ao pedir perdão nacionalmente”*. Apesar de o pedido ter sido feito, as compensações financeiras esperadas pelas famílias afetadas foram negadas.



11.10. AS INICIAÇÕES E RITOS

Dado que a iniciação era parte integral da religião que fundamentalmente unia os aborígenes à terra, e atendendo a que depois da chegada dos europeus elas rapidamente se extinguíram, conforme explicitamos em crónica anterior, este facto levou à extinção da cultura tradicional nativa.

A última cerimónia de iniciação teve lugar na década de 30 e dos presentes a essa cerimónia apenas cinco sobreviviam em 1985 para terem então a oportunidade de narrar o que se passara. Atualmente com as novas leis de proteção da cultura aborígene tenta-se a preservação dos locais sagrados e o revivalismo dessas cerimónias, do seu significado, e importância para a comunidade nativa.

O dilema de sobrevivência cultural de um povo a quem retiraram os elos de ligação com a sua cultura tradicional teve um enorme impacto. Deveriam eles abandonar o remanescente dos seus hábitos e adotar a cultura e educação dos brancos? Ou deveriam tentar manter acesa a chama do pouco que restava na esperança de um dia a poderem fazer ressurgir? A resposta foi uma longa época à deriva que ainda hoje manifesta os seus efeitos, embora felizmente já muitos dos aborígenes se sintam conscientes das suas origens, identidade e futuro.

Ao proporcionar à herança cultural aborígene um lugar na sociedade contemporânea e uma visão alternativa do mundo que a não excluía, protegendo os locais sagrados, devolvendo a titularidade da posse das terras às tribos que as reclamam, proporcionando uma interpretação dos seus hábitos e costumes, as organizações federais encarregues de fazerem o levantamento dos locais sagrados tentam criar um clima conducente a uma melhor compreensão dos aborígenes como o único grupo étnico nativo do continente, mas integrante desta Austrália Multicultural.

Desde que estes programas de pesquisa e levantamento se iniciaram em 1973, vários têm sido os livros publicados, filmes e slides, os quais, lentamente vão repondo a história tradicional dos ocupantes primeiros deste continente-ilha.

Por outro lado, várias organizações foram surgindo financiadas com fundos do governo federal de Camberra que visam representar a cultura e o povo aborígenes na sociedade atual desde o mercado de trabalho (onde representam uma fração bem pequena quando comparada com os pouco mais de 1% de representatividade na totalidade da população australiana) a todos os outros quadrantes da vida.

Importante realçar ainda que o significado dos locais sagrados e outros relevantes para os aborígenes inclui a seguinte conceptualização:

SIGNIFICADO TRADICIONAL	SIGNIFICADO HISTÓRICO (PÓS EUROPEU)	SIGNIFICADO CONTEMPORÂNEO
LOCAIS DE ENTERRO ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS	MISSÕES E RESERVAS LOCAIS DE MASSACRES (GENOCÍDIO) ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS	PINTURAS E GRAVURAS EM ROCHA LOCAIS DE ENTERRO ÁREAS DE RITOS E CERIMÓNIAS PEDREIRAS DE OCRE AGRUPAMENTO DE ROCHAS ÁRVORES TRABALHADAS DEPÓSITOS DE CONCHAS DE MOLUSCOS

11.11. NO FINAL DO SÉCULO XX SURTIU UM NOVO IDIOMA QUANDO OUTROS ESTÃO EXTINTOS

Um novo idioma foi descoberto num vilarejo remoto do norte da Austrália, habitado por apenas 700 pessoas. A nova língua se chama *Warlpiri rampaku*, ou *Warlpiri rápido*, e é falada exclusivamente por menores de 35 anos em Lajamanu, que fica no Território do Norte.

Apesar de ser composto em sua maior parte por estruturas gramaticais e palavras de outros idiomas, a linguista da Universidade de Michigan Carmel O'Shannessy, que descobriu a língua nova, diz que "*nos encontramos frente a um novo sistema linguístico, porque aqui se juntam estes elementos de uma forma muito sistemática e tradicional*".

“... (O idioma) tem estruturas gramaticais inovadoras que são próprias dele”, afirmou a linguista americana à BBC Mundo.

Mesmo que todos os integrantes da comunidade de Lajamanu falem a língua aborígene Warlpiri - idioma que compartilham com outras 4 mil pessoas de várias comunidades australianas - o inglês e o crioulo (idioma que mistura o Warlpiri e o inglês), a metade da população do local fala o Warlpiri rápido, inclusive como primeiro idioma.

De certo modo, este novo sistema linguístico pode ser comparado com a linguagem utilizada por adolescentes em qualquer parte do mundo, que criam seus próprios códigos incompreensíveis para adultos.

Mas, a grande diferença apontada por O’Shannessy é que “nestas situações (linguajar criado por jovens), quando os jovens crescem, voltam a falar como o resto das pessoas. Aqui (no caso australiano), continuam falando da mesma forma e a geração seguinte de crianças fala assim desde bebê.”

A linguista afirma que o nascimento deste novo idioma provavelmente ocorreu pelo fato de que, “nos anos 70 ou 80 os pais falavam com seus filhos misturando os idiomas e usaram este padrão para falar com eles de forma consistente. Para as pessoas bilíngues é muito comum passar de uma língua para outra no meio de uma conversa”.

Então, segundo O’Shannessy, “*quando os filhos começaram a falar, o fizeram seguindo o mesmo padrão*” e esta se transformou na forma de falar dos mais jovens. Apesar de não acontecer com frequência, o surgimento de um novo sistema linguístico pode ser mais comum do que se pensa.

“Acho que ocorre com mais frequência do que ficamos sabendo. O problema é que se não há um linguista para observar, não percebemos, mas é mais provável que apareça em comunidades onde há muitas pessoas multilíngues e uma população jovem interagindo”, afirmou O’Shannessy.

Antes do início da colonização britânica da Austrália, em 1788, existiam no país cerca de 250 línguas aborígenes faladas por aproximadamente um milhão de pessoas. Atualmente, apenas algumas dezenas de idiomas são falados no país.

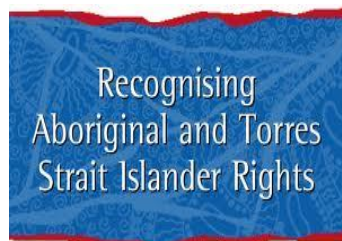
Quanto ao resto dos idiomas falados no mundo, a previsão de especialistas é que metade deles, cerca de 7 mil, será extinta no próximo século. Sendo assim, qual a perspectiva de sobrevivência desta língua recém-nascida?

Para Peter Bakker, professor associado de linguística da Universidade da Dinamarca, especializado no desenvolvimento das linguagens, o futuro do Warlpiri rápido é mais promissor do que do Warlpiri tradicional. “*Quando uma nova língua se desenvolve, ela costuma ficar muito estável, como, por exemplo, acontece com as línguas crioulas como o papiamento das Antilhas*”, afirmou.

Carmel O'Shannessy afirma "apenas o tempo dirá se o Warlpiri rápido vai sobreviver, principalmente porque os habitantes de Lajamanu estão sendo pressionados para deixarem de usar as duas línguas."³

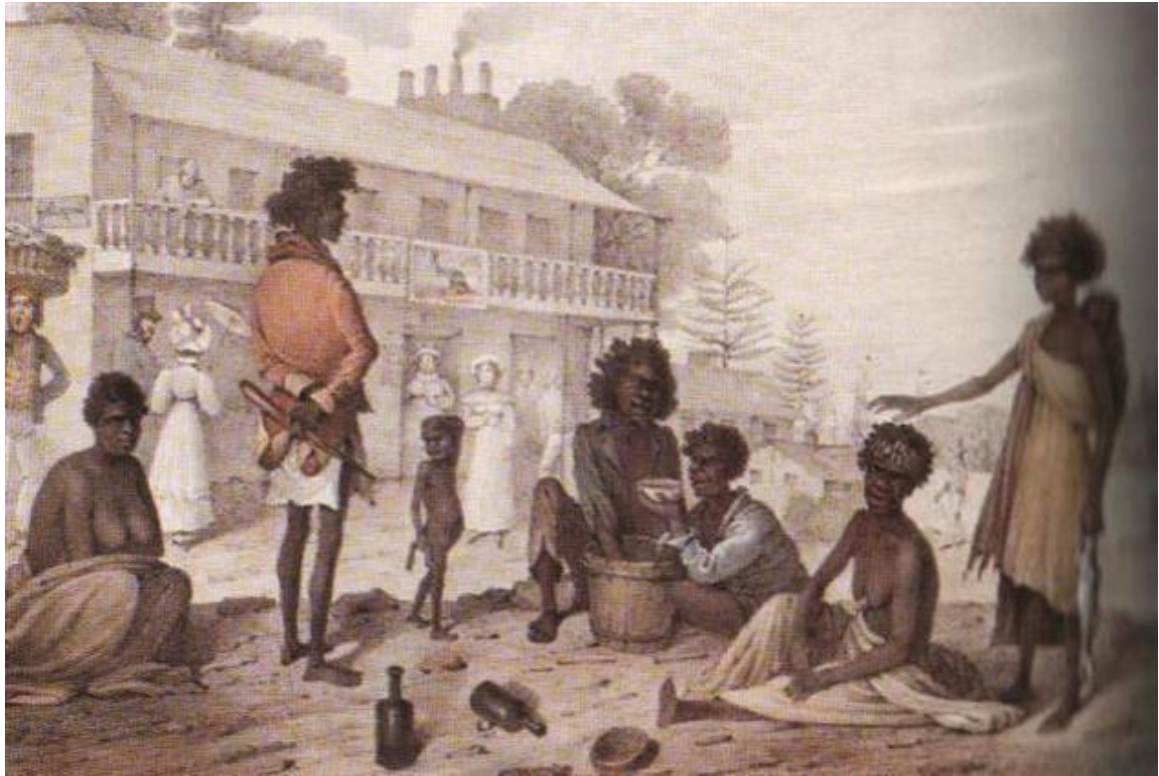


Impressão de mãos nas rochas.

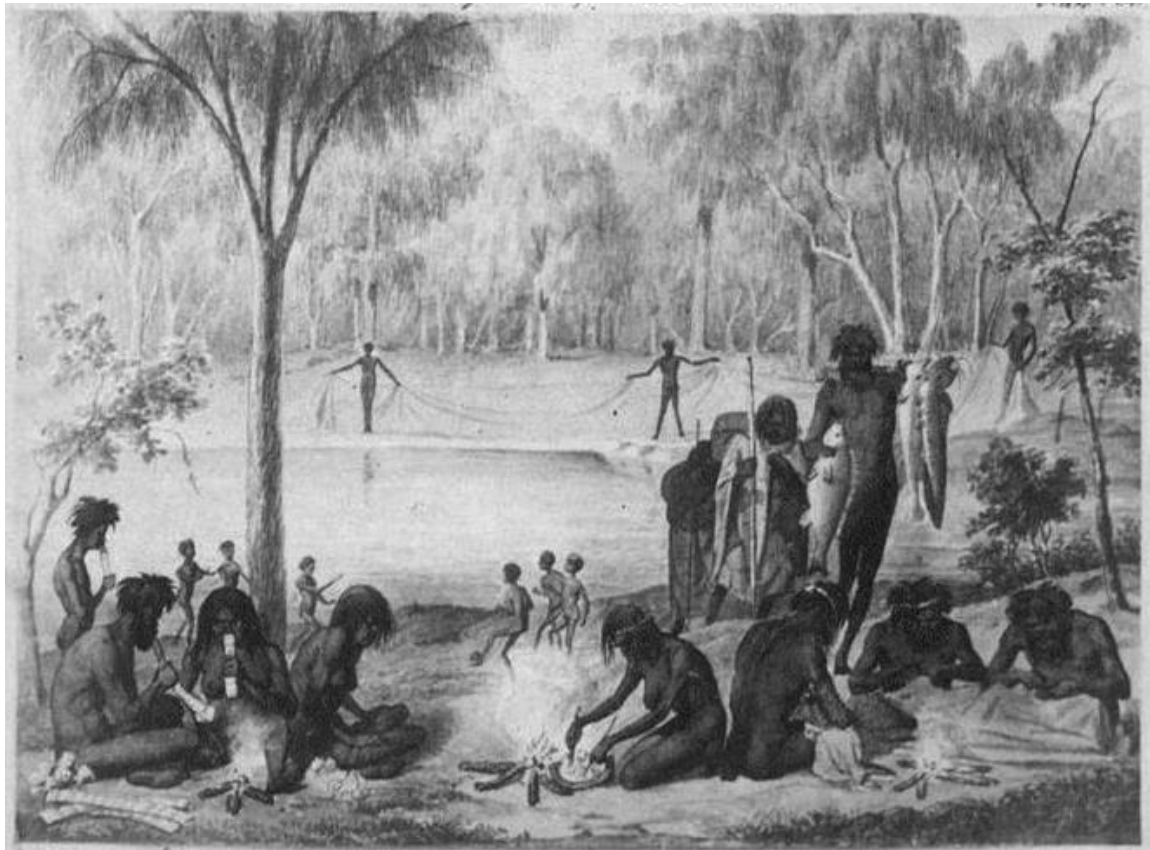


³<http://noticias.terra.com.br/educacao/lingua-recem-nascida-e-descoberta-na-australia.5ad4071c143ff310VqnVCM20000099cceb0aRCRD.html>





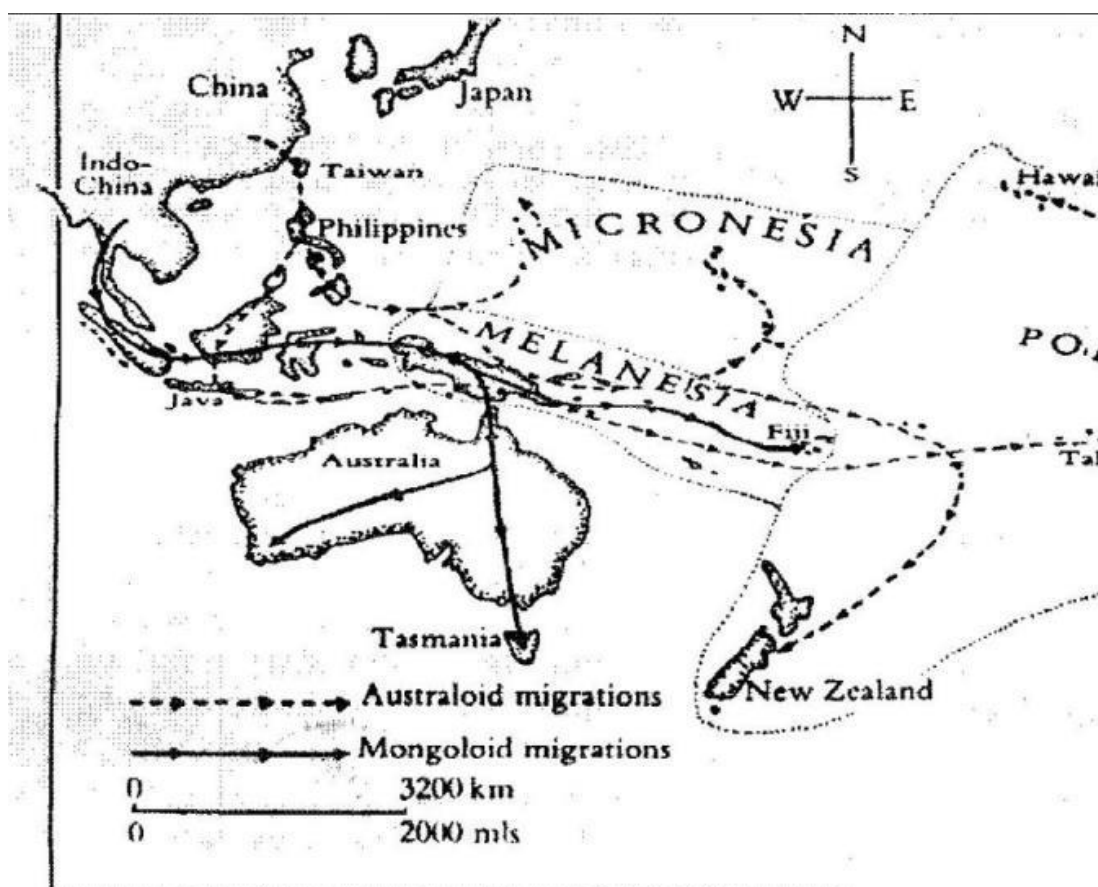
COM A CHEGADA DO HOMEM BRANCO O ÁLCOOL SUBSTITUIU A DOENÇA E SERVIU PARA ANIQUILAR OS ABORÍGENES



CRÓNICA XII – ABORÍGENES – PARTE III

2. A AUSTRÁLIA E SUAS COLONIZAÇÕES: DOS ABORÍGENES AOS INGLESES ⁴

A Austrália foi o primeiro continente a ser ocupado por colonos do Velho Mundo: quando a Civilização Cro-Magnon criava as suas maravilhosas reproduções artísticas nas cavernas de França (Lascaux), Portugal (Foz Coa), Espanha (Altamira) cerca de 15 mil anos antes de Cristo, já os aborígenes australianos se haviam estabelecido há pelo menos 25 mil anos (há quem afirme que eles lá estão desde há 40, 60 ou 80 mil anos).



As massas continentais ocupavam então uma área diferente, com a Austrália ainda ligada à Papua (Nova Guiné) e Tasmânia, enquanto as Ilhas de Java, Samatra, Bornéu e Timor faziam parte do continente asiático. A Austrália era então derivada do vasto continente Gondwana que englobava a atual África do Sul.

Assim, parece ser de admitir que os primeiros australianos se limitaram a andar e a atravessar mares por cerca de 30 km no máximo. Nunca saberemos ao certo como

⁴ Publicada originalmente na Revista Nam Van, de Macau, n.º 15 de 1 de agosto de 1985.
Bibliografia: Russel Ward, 'Australia since the coming of man', Lansdowne Press.

os primeiros cá chegaram, se através de jangadas, canoas ou meramente por acidente. Os primeiros habitantes vieram decerto do subcontinente asiático, do atual sudeste asiático, de acordo com idênticos vestígios encontrados nas Filipinas, Indochina, sul da China e Japão.



A CHEGADA DOS EUROPEUS NUMA PINTURA NATIVA

Para os antropólogos todos os territórios desta área eram então ocupados por dois grupos distintos: os Australóides e os Mongoloides, cerca do ano 10 000 a.C. Os Australóides são, provavelmente, geneticamente mais ligados aos Caucasianos do que aos Mongoloides ou Negroides.

Com efeito, os aborígenes de pele tismada têm uma compleição capilar diferente, que varia do cabelo liso ao encaracolado, mas jamais semelhante aos negros africanos. São descendentes de populações que imigraram milhares de anos antes desde a África em direção ao leste pelo continente asiático. Atualmente, existem apenas cerca de 40 mil aborígenes não mestiços, puros, dos trezentos mil encontrados no começo da colonização da Austrália. Originalmente praticavam religiões animistas própria, mas muitos converteram-se ao cristianismo. Sofreram um grande decréscimo populacional com o início da invasão europeia em 1770, fruto do deliberado genocídio que se seguiu à ocupação branca do continente.

A sociedade branca assumia a privacidade da propriedade que para os aborígenes era comunal ou tribal. Enquanto para a comunidade branca a terra era de quem a possuía e cultivava, para os aborígenes ela era de todos e partilhada igualmente. À data dos primeiros encontros havia pelo menos 600 tribos com uma dimensão média de 500 habitantes cada.

A vida local era baseada na pesca, caça, e na apanha de plantas e insetos de acordo com as leis tribais. A superioridade masculina era parte integrante das regras sociais, sendo a pena de morte instituída para os prevaricadores.

Linguisticamente existiam entre 350 e 750 idiomas distintos, a maior parte deles ininteligíveis para a maioria dos restantes grupos. Hoje extintos, na sua maioria, apenas 20 são falados diariamente e 110 estão em adiantada via de extinção, mas assiste-se desde a década de 1980 ao revivalismo e recuperação de alguns desses idiomas.

Um outro fator curioso para o estudo dos primeiros australianos reside no **Dingo**⁵ uma espécie de cão selvagem cuja origem foi já traçada até pelo menos 6 mil anos antes da nossa era.

DINGO

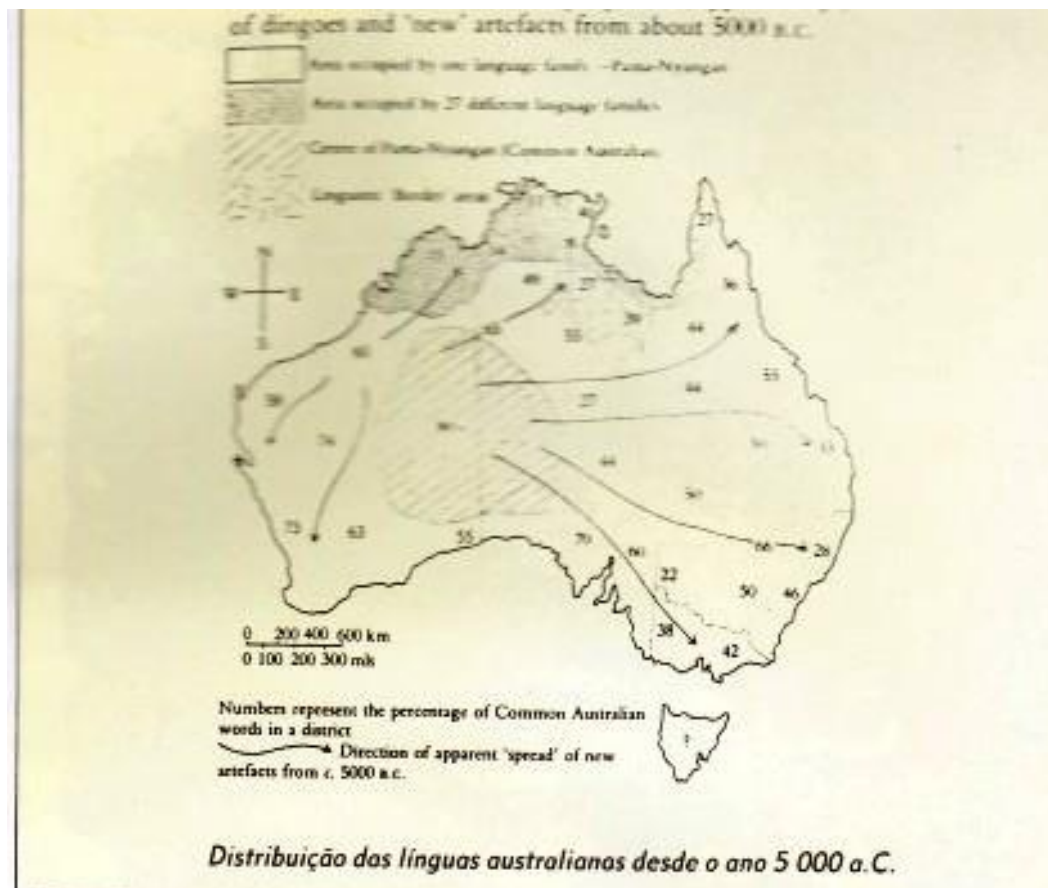


Até há pouco mais de um século, os antropólogos consideravam os aborígenes como selvagens ou primitivos e daí entendermos as dificuldades de comunicação social entre os primeiros colonos e as tribos com que contactavam.

Regiões com população aborígene significativa

Nova Gales do Sul	152 685
Queenslândia	144 885
Austrália Ocidental	70 966
Território do Norte	64 005
Vitória	33 517
Austrália Meridional	28 055
Tasmânia	18 415
Território da Capital	4 282

⁵ O **dingo** (*Canis lupus dingo*) é uma subespécie de lobo, assim como o cão doméstico, originária da Ásia e que se encontra atualmente em estado selvagem na Austrália e sudeste asiático. A origem dos dingos permanece incerta mas crê-se que resultem de uma das primeiras domesticações do lobo. Os dingos pesam entre 10 a 24 kg e apresentam pelo curto e amarelado. Ao contrário dos cães, os dingos só se reproduzem uma vez por ano, não ladram e têm dentes caninos mais desenvolvidos. Os dingos não formam alcateias e vivem ou sozinhos, ou em pequenos grupos familiares.



Hoje em dia, os aborígenes em estado tribal são uma minoria:

- Os **Alajawara (Alajauara)** são cerca de quinhentos. São os únicos aborígenes que enterram os mortos.
- Os **Aranda** também são poucas centenas; deixaram a caça e dedicam-se à pecuária, no deserto de Gibson, vive um povo com o mesmo nome, de apenas trezentos membros.
- Outro povo pequeno é o **Gurundji**, com duzentos e cinquenta indivíduos. Alguns são cristãos e há expressões da Bíblia Cristã na sua língua.
- De população igualmente escassa, os **Mudbara** trabalham nas reservas do governo na região ocidental do deserto; também são cristãos.
- Já os **Pitjantara** trabalham nas reservas governamentais na região central. São vários milhares de indivíduos, e alguns são cristãos.
- Os **Pintupi (Pintubi)** também são trabalhadores assalariados; vivem em reservas e trabalham para proprietários brancos na criação de gado.
- Os **Warlpiri (Ualpiri)** totalizam trezentos membros; vivem no centro do país; trabalham para o governo ou para criadores de gado.
- Os **Warramunga (Uarramunga)** também abandonaram o nomadismo para fazerem trabalhos remunerados; são várias centenas.
- No centro do país, vivem cerca de mil e quinhentos **Warlpiri (Ualpiri)**; uns mantêm tradições milenares, outros trabalham em granjas, como os **Mardu**, que, todavia, são menos numerosos.

Conforme vimos, em crônicas anteriores, diversas nações tentaram colonizar a Austrália, dentre elas a primeira talvez tenha sido a chinesa no início do século XV,

pelos vestígios de obras de estatuária e outras obras de arte já descobertas no continente.

Parece, no entanto, mais do que provado terem sido os Portugueses os primeiros europeus a demandar estas paragens pois que em 1516 já se haviam estabelecido nas Ilhas das Especiarias (Molucas) e em Timor, apenas a 456 km da costa da Austrália Ocidental.

Curiosamente quando se fala nos mapas (da escola) de Dieppe, especialmente o Mapa Delfim de 1536, sabe-se como eram conhecidos do Almirantado britânico e francês e os geógrafos e outros cientistas da época aceitavam como facto a descoberta portuguesa da Austrália.

Nesses cientistas contavam-se nomes célebres como Alexander Dalrymple, Matthew Flinders, Joseph Banks, John Inkerton, Major Rennel e James Burney.



ULURU (AYERS ROCK)



CHUVA EM ULURU

Foi, a partir de 1850 que o Almirantado e os historiados começaram a ocultar a descoberta portuguesa, por motivos políticos e religiosos, sendo Portugal católico e a Inglaterra protestante e sendo Portugal um competidor na colonização do mundo.⁶

⁶ <http://www.woodentallships.com/australia/portuguese.htm>

Em julho de 1916 foram descobertos dois canhões do século XV ou XVI com o brasão das quinas, na Ilha Cannonade, perto de Broome na Austrália Ocidental. Um deles repousa no Museu Marítimo de Fremantle (Perth) e o outro na base naval de Garden Island em Sidney.

Existem também notícias da aparição de uma embarcação de madeira típica descrita como uma caravela quinhentista conhecida como “*Mahogany Ship (A Nau de Mogno)*” na costa da Austrália Meridional, em Warrnambool (Vide Crónica 4ª).

A razão pela qual os Portugueses não publicitaram esta sua descoberta deve-se ao Tratado de Tordesilhas (1494), segundo o qual a Austrália pertencia (quase toda) já à metade do mundo sob o domínio de Castela.

Como Jaime Cortesão escreve: “Eles temiam que a Austrália pudesse tornar-se em uma base para as operações espanholas capaz de perturbar a segurança das terras sob domínio português. Isto veio dar ainda mais sentido à Política do Silêncio pois prolongou o período antes que isso acontecesse.”⁷



RUÍNAS EM BITTAGANBEE ALEGADAMENTE DE UMA CONSTRUÇÃO PORTUGUESA

⁷ Cortesão, Jaime ‘Os descobrimentos portugueses’, Lisboa, 1934, vol. II p. 229.



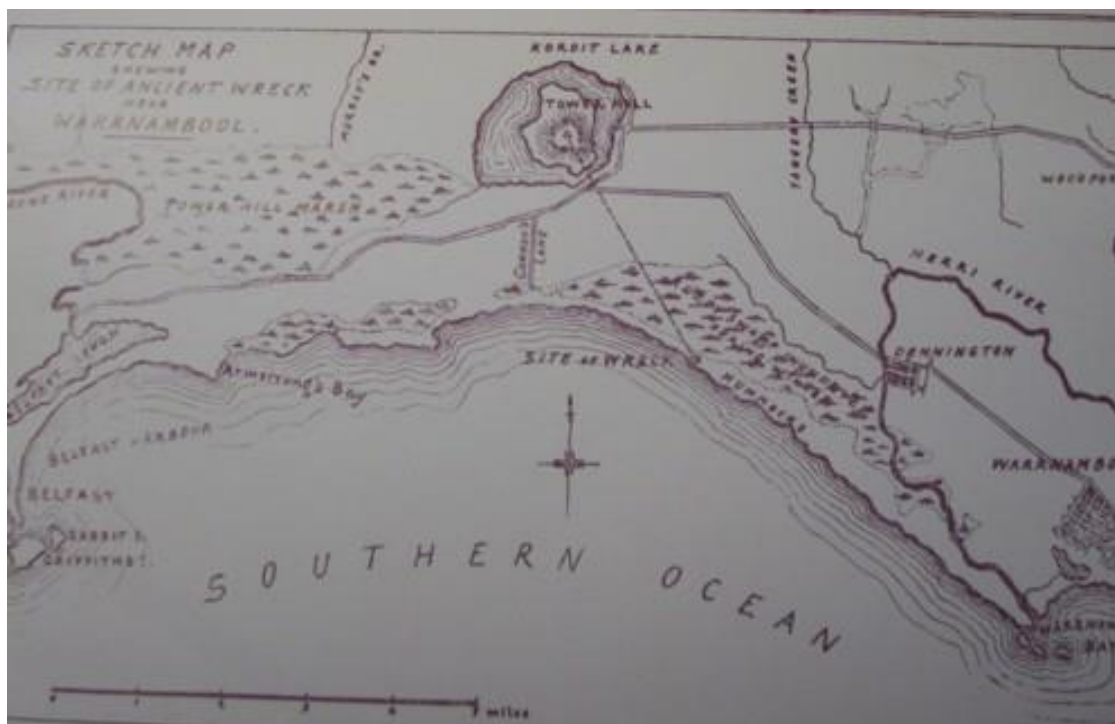
RÉPLICA MINIATURAL DA NAU DE MOGNO - MAHOGANY SHIP



RÉPLICA MINIATURAL NAVEGÁVEL DA NAU DE MOGNO - MAHOGANY SHIP



RÉPLICA MINIATURAL NAVEGÁVEL DA NAU DE MOGNO - MAHOGANY SHIP



MAPA DA LOCALIZAÇÃO E AVISTAMENTO DA NAU (PRIMEIRA VEZ EM 1836, A ÚLTIMA EM 1877)

Posteriormente vários navegadores apresentaram as suas credenciais para a descoberta da Austrália, nomeadamente os portugueses Pedro Fernandes de Queiroz (em 1595) e Luiz Vaz de Torres (em 1605), ambos ao serviço dos reis de Castela (Portugal estava então sob o domínio da côrte espanhola).

Até 1580, os Holandeses eram os intermediários comerciais de Portugal, mas, depois da união das coroas dos dois países ibéricos, eles seguiram as rotas inicialmente traçadas pelos Portugueses, reclamando para si os espólios

conseguidos. Muito mais haveria a dizer sobre as manobras e contramanobras dos diversos países contra os resultados das descobertas portuguesas, mas as mesmas inserem-se em âmbito distinto do destas crónicas. A partir de 1580 e até à chegada do Capitão Cook, em 1770, muita coisa se passou sem estar registada nos normais livros de História que estudamos, aqui e em Portugal.

Revelemos agora um pouco mais sobre os primeiros colonos aqui chegados, sem olvidar o relato do Capitão Cook, em 22 de agosto de 1770: “... **esta área** (Nova Gales do Sul) **em minha opinião jamais foi visitada ou vista por qualquer outro Europeu antes de nós...**”

Esta foi uma das poucas ocasiões em que Cook errou, mas a acreditarmos nos historiadores ingleses e australianos deste século e do passado, qualquer prova irrefutável de evidência de anteriores visitas se havia extinguido com o terramoto de Lisboa de 1755 (**quinze anos antes**), pelo que poderemos admitir que, caso Cook tivesse o conhecimento da autoria dos mapas de que se serviu, também se sentiria bastante seguro de serem quase únicos em todo o mundo, pelo que um pouco de exagero é perfeitamente aceitável e admissível, nas afirmações de descoberta do fabuloso continente, sob a alçada do reino de Inglaterra (idênticos exageros haviam sido praticados pelos Portugueses séculos antes).



Ora, entretanto, na Europa, os Ingleses e Franceses estavam em guerra, e de uma forma geral, os condenados eram enviados para as colónias da América do Norte. Era então ministro responsável para os condenados, o Visconde Sidney, Secretário de Estado. A lei que punia cerca de 200 crimes capitais era altamente inobservada, devido ao mau sistema policial e jurídico.

Até 1776 os novos colonos norte-americanos foram aceitando os degredados e prostitutas enviados, mas a partir de então começaram a considerar indigno terem de absorver tão largo contingente de párias sociais. As prisões inglesas estavam a abarrotar e havia de encontrar uma solução.

Alguns dos membros da expedição de Cook sugeriram então que a Austrália fosse considerada para colonização com essa vasta amálgama de indesejados. A ideia pegou e assim iria nascer este país como o conhecemos agora. A proporção entre sexos dos primeiros colonos era na casa de 1 mulher por cada 4 degredados criando um desequilíbrio notável, que iria proporcionar mais tarde o título de **casa de prazeres** a esta novel colónia.

Entretanto, uma em cada cinco mulheres desta colónia era oficialmente prostituta, sendo poucas as que praticavam a monogamia sexual. Apesar do Capitão Arthur Phillip, primeiro Governador-geral da colónia ser uma pessoa extremamente humana e compreensiva, os primeiros contactos entre os aborígenes e colonos foram violentos e permeados de desentendimentos.

Ao mesmo tempo, confrontos entre os dois grupos de colonos e oficiais tomavam forma sob o nome de *emancipalistas* e *exclusionistas*. Os primeiros eram prisioneiros *emancipados* ou seus descendentes e os segundos eram apologistas da exclusão social dos ex-prisioneiros e de outras classes mais baixas.

A falta de uma classe média serviu apenas para exacerbar mais este fosso, cerca de 50 anos depois da chegada da primeira leva de colonos havia 4500 pessoas de grupos profissionais (criadores de gado, importadores mercantis, bancários, etc.) e 50 mil operários e outros trabalhadores, apenas com cerca de 1800 retalhistas e pequenos comerciantes a separar os dois grupos económico-sociais.

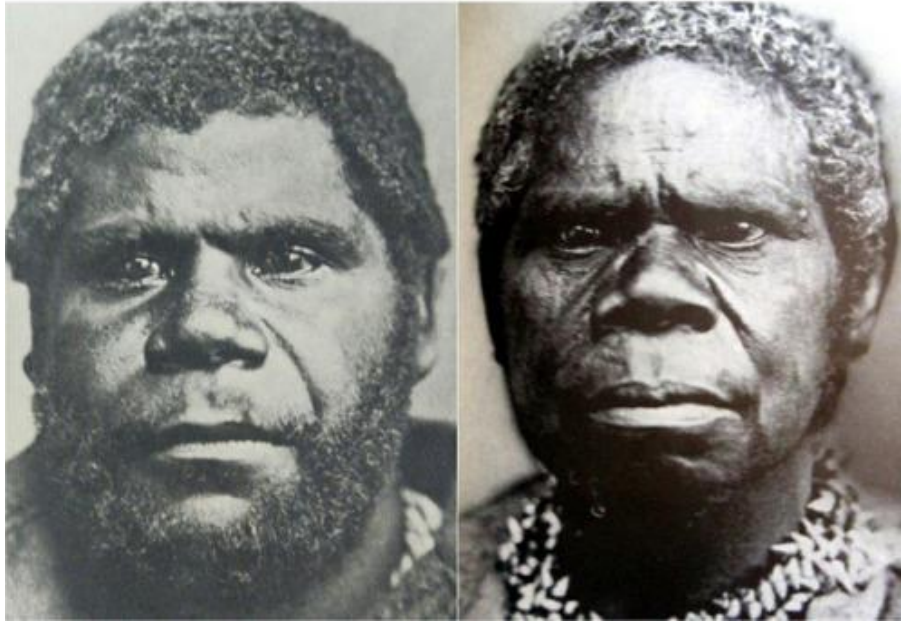
O sistema penitenciário que dera origem à colónia de Nova Gales do Sul acabaria por subverter a estrutura britânica, pervertendo os valores, ao ponto de o Governador-Geral Philip Gidley King (1800-1806) ter tido dois filhos de duas prostitutas deportadas.

A grande maioria dos filhos nascidos na colónia eram ilegítimos, sendo 9 em cada 10 recém-nascidos, filho de degredados e/ou prostitutas. Para tal contribuiu de forma notável o Rum, bebida que era consumida em largas quantidades e servia de moeda-troca, uma espécie de moeda colonial em que eram feitos os pagamentos às tropas.

A vinda para a Austrália, de revoltosos irlandeses opostos à Coroa de Londres, viria ainda exacerbar mais a difícil relação entre os colonos. Formaram-se grupos de irlandeses que armando os prisioneiros tentaram rebelar-se contra o *status quo* provocando sangrentos conflitos.

Entretanto, a exploração da costa permitiria levar a colonização até à Tasmânia, através do controle direto de Inglaterra. Nos primeiros quarenta a cinquenta anos (até 1825) a maioria dos aborígenes da Tasmânia foram dizimados, sendo as mulheres aproveitadas para concubinas dos colonos, dos pescadores e do restante pessoal envolvido na colonização da setentrional ilha.

The Tasmanian Genocide



OS ÚLTIMOS DOIS ELEMENTOS DE PURO-SANGUE ABORÍGENE DA TASMÂNIA. A MULHER ERA TRUGANINI. APÓS UMA VISITA DO BIÓLOGO E GEÓLOGO BRITÂNICO CHARLES DARWIN NO SÉC. XIX, DISSE: ONDE QUER QUE OS EUROPEUS PUSERAM O PÉ, A MORTE DOS ABORÍGENES VEM A SEGUIR.

Os aborígenes da Tasmânia (Parlevar ou Palawa) eram os nativos da grande ilha com uma população que deveria atingir 15 mil pessoas em 1803, antes da colonização britânica. Muitos historiadores seguem a linha de desculpa pelo extermínio dos aborígenes da Tasmânia devido á doença introduzida pelos brancos.

Geoffrey Blainey escreveu que em 1830 na Tasmânia: "A doença matou a maioria, mas a guerra e a violência privada contra eles também foram devastadoras".

Outros historiadores citam que a "Guerra Negra" contra os Palawa terá sido um dos primeiros casos contemporâneos de genocídio registado nos anais da história.

Benjamin Madley escreveu: "Mau grado mais de 170 anos de debate sobre o quê ou quem é responsável pelo seu extermínio ainda não existe consenso sobre se foi ou não genocídio, mas de acordo com as definições da ONU existe evidência suficiente para designar aquela catástrofe como um genocídio."

Em 1833, George Augustus Robinson, com o patrocínio do governador George Arthur, persuadiu os cerca de 200 sobreviventes para se renderem com a promessa

de que seriam protegidos e que, eventualmente, recuperariam a posse das suas terras. Tais promessas eram, obviamente mentiras, que os convenceram de que se poderiam reunir com os seus familiares sobreviventes e restante comunidade, mas que, de facto, se destinavam apenas a retirá-los da Terra de Van Diemen. Com efeito eles foram levados para a Ilha Flinders para o Centro Aborígene Wybalenna onde as doenças introduzidas pelos brancos os continuaram a dizimar.

Em 1847, os últimos 47 sobreviventes de Wybalenna foram transferidos para Oyster Cove, a sul de Hobart. Apenas dois indivíduos Trugemanner (1812 – 1876) e Fanny Cochrane Smith (1834 – 1905) foram considerados como sendo os últimos a terem descendência pura aborígene da Tasmânia. Todas as línguas nativas tasmanianas se perderam, embora a partir dos anos 1980 se tenham feito algumas tentativas para reconstruí-las através de listas de palavras conhecidas.

Existem ainda hoje milhares de pessoas na Tasmânia que podem dizer que são parcialmente Parlevar, dado que muitas mulheres foram raptadas – em especial pelos baleeiros que viviam nas pequenas ilhas do Estreito de Bass.

Houve outras mulheres que foram objeto de troca e algumas juntaram-se voluntariamente ao homem branco daí advindo o nascimento de filhos mestiços. Tais membros dessa comunidade de descendentes capazes de traçarem os seus laços ancestrais aos aborígenes da Tasmânia têm, porém, grande parte da genética europeia e nunca mantiveram a sua cultura tradicional Parlevar.

Outros grupos aborígenes na Tasmânia usam as palavras relacionadas com a área onde habitam ou onde viveram durante várias gerações. Muitos aspetos da cultura aborígene tasmaniana continuam a ser praticados de forma continuada em várias partes do Estado e nas Ilhas do Estreito de Bass.



MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS ABORÍGENES NA TASMÂNIA

Nos primeiros anos da ocupação branca, as mulheres aborígenes eram igualmente utilizadas para a pesca da baleia com as suas técnicas desconhecidas

do homem branco. Isto daria início a uma lucrativa exploração de derivados da pesca da baleia e da foca, que se tornariam na primeira exportação comercial da Austrália.

Aparte este comércio, a maior e mais valiosa mercadoria era a madeira, desde o cedro ao sândalo abundante nas ilhas adjacentes à Austrália, na Polinésia e Melanésia. Este lucrativo tráfico era, no entanto, permeado de riscos pois os nativos da Nova Zelândia, os **Māori** ou **Maori** [(pronunciado mau:ri, Mao-ri (mou r)] de origem Melanésia eram bem mais evoluídos militarmente que os seus parentes aborígenes, para além de peritos em canibalismo.

Por exemplo, o navio mercante Boyd zarpuou de Sidney para a Nova Zelândia para tomar uma carga de madeira preciosa. De todos os seus passageiros massacrados e devorados pelos Maori de Aotearoa (Nova Zelândia), apenas sobreviveu Betsy Broughton e sua mãe Ann Glossop, uma condenada então amante de William Broughton, Comissário Geral de Nova Gales do Sul. Mais tarde os sobreviventes foram salvos e transportados para Lima (Perú). Betsy embarcaria de regresso a Sidney um ano mais tarde, onde casaria com Charles Throsby, sobrinho do explorador do mesmo nome.



GUERREIRO MAORI

Um racismo vicioso e viciado era parte integrante da nova identidade nacional que se ia formando à medida que o avanço pastoral das novas fronteiras se enraizava. Foi nessa época, em plena metade do século XIX que se formou a noção, ainda hoje prevalecente, de *mateship* (camaradagem) em que um *mate* (espécie de companheiro, amigo, confidente, par em igualdade social, etc.) era uma espécie de código de honra entre pares, sobrepondo-se aos restantes membros da comunidade, considerados como inferiores.

O *mate*⁸ (ler *mei-te*) era normalmente um nacionalista, igualitário, democrático branco, o que nessa época queria apenas dizer que se tratava de um indivíduo mais

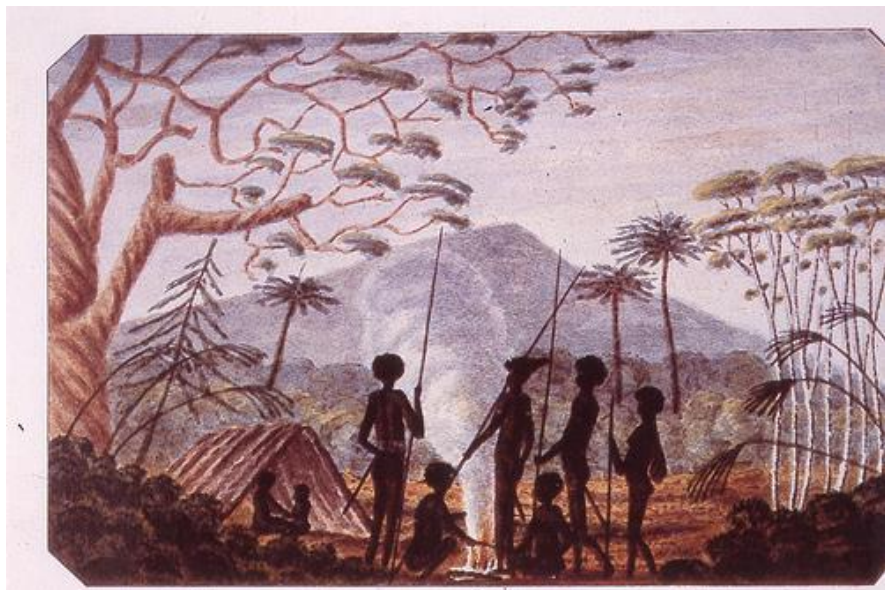
⁸ O **inglês australiano** (*Australian English*) é a forma da língua inglesa falada na Austrália, muito similar à variante neozelandesa e à encontrada no sudeste da Inglaterra, sendo moderadamente próxima do inglês britânico padrão e

racista do que a média, membro de uma confraria de brancos superiores aos restantes brancos, pela sua interunião.

A rápida expansão dos brancos, iniciada na Austrália de Leste, rapidamente provocaria redução dos aborígenes, estimados entre 300 a 400 mil, em 1788, para uns 50 mil apenas cem anos depois. Apenas um branco foi enforcado por matar um aborígene, durante um período de cem anos, dada a persistente opinião pública de que era despropositado aplicar a pena capital a um branco acusado de matar um nativo.



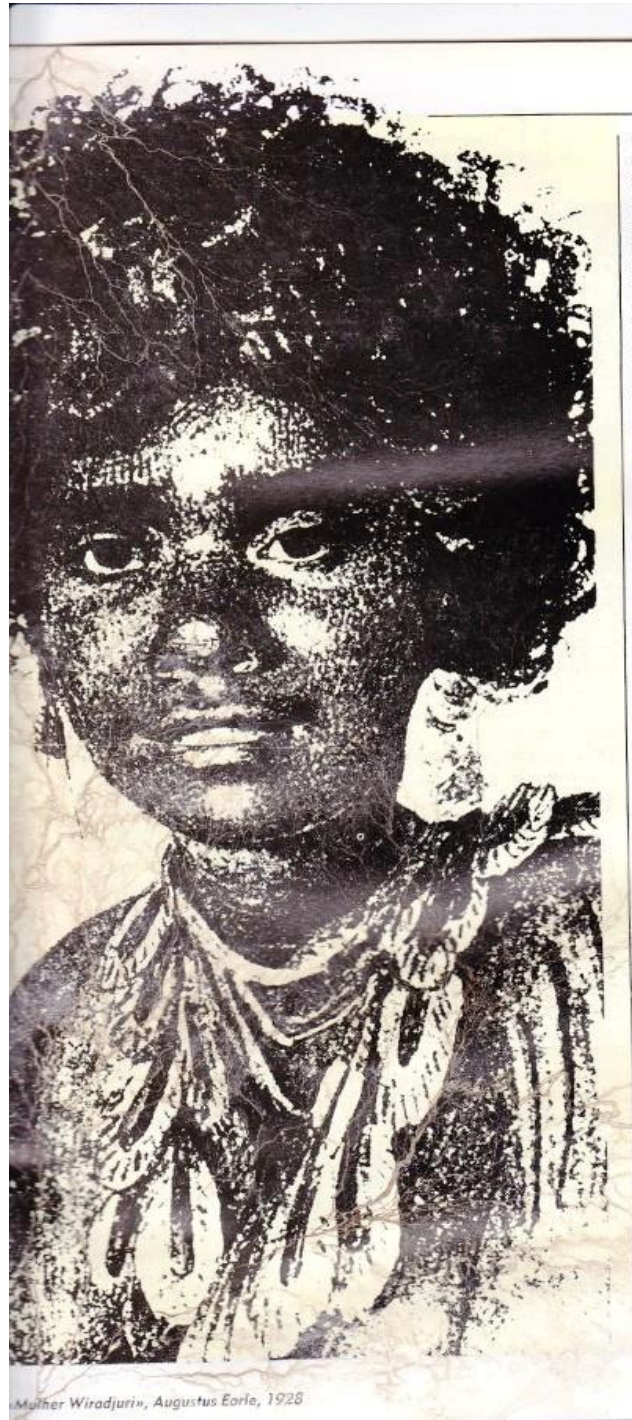
relativamente distante da variante norte-americana. No inglês australiano como também em outros dialetos (como o cockney e o geordie) se usa a palavra mate — que em inglês padrão significa “parceiro” — para referir a um amigo próximo do mesmo sexo ou a um parceiro platónico do sexo oposto, ainda que este último uso também se fez comum em outras variedades do inglês.





CRÓNICA XIII – ABORÍGENES E O GENOCÍDIO – PARTE IV

3. 1. A LEI MARCIAL DE 1824 ⁹



⁹ Originalmente publicada na revista Nam Van, n.º 16 de 1 de setembro de 1985.

CRONICA AUSTRAL



MASSACRE DE SLAUGHTERHOUSE CREEK EM 1838, COM A POLÍCIA MONTADA A ABATER OS ABORÍGENES



Ao longo das últimas crónicas temos vindo a focar, de uma forma geral e breve, o relacionamento entre brancos e aborígenes.

Vamos hoje concentrar-nos num exemplo trágico que ficou conhecido como o “*Massacre dos Wiradjuri (Wiradhuri)*” ou Lei Marcial de 1824.¹⁰

Os Wiradjuri ocupavam uma larga secção territorial de Nova Gales do Sul: a sua organização social era dividida por quatro grupos de descendência matriarcal. Nunca foram uma tribo guerreira e os primeiros encontros com os brancos foram amistosos.

As Montanhas Azuis [*Blue Mountains*] 80 km a noroeste de Sidney foram exploradas pela primeira vez em novembro de 1813, por um grupo de brancos liderado pelo Cartógrafo Adjunto, General Evans, os quais encontraram duas mulheres e quatro crianças nativas.

No seu regresso a Sidney, narraram a luxuriante vegetação e excelentes zonas de pastorícia, o que motivaria o interesse do então Governador Lachlan Macquarie (1810-1821) que prontamente ordenaria a construção de uma estrada até Bathurst a 200 km oeste da atual Sidney. Esta obra foi completada em apenas seis meses com o trabalho árduo de 30 degredados. No seu término foi fundada Bathurst, a qual distava nove dias de viagem por carruagem.

No auto da proclamação oficial desta cidade, Macquarie consideraria o povo Wiradjuri como *inofensivo e asseado*. Dez anos mais tarde, e apesar de não serem uma tribo guerreira estavam em guerra com os brancos.

¹⁰ *Bibliografia:*

1. Norman Tindale 'Aboriginal Tribes of Australia' (Tribos Aborígenes da Austrália), ed. Da Universidade de Berkeley, L.A., Califórnia;

2. Glenn Hennessy, T. Salisbury, P. J. Gresser, 'Windradin of the Wiradjuri', 1971

Com a chegada do novo Governador-geral a Bathurst em 1822, a feitoria do mesmo nome, que se vinha desenvolvendo lentamente passou a ser aceleradamente colonizada, com a concessão de várias estações de criação de gado e concessão de terras, o que imediatamente causou a hostilidade dos Wiradjuri que viam as suas terras tradicionais e colheitas naturais serem destruídas pelo gado.

Em setembro de 1823 uma fazenda, 16 km a norte de Bathurst, foi atacada tendo perecido um deportado que nela trabalhava. Para o eminente historiador australiano, Lawson, alguma provocação teria de ter existido para ter havido um ataque deste, sendo provável que um (ou mais) soldados e/ou degredados tivessem abusado de mulheres Wiradjuri. Tradicionalmente, os Wiradjuri aplicavam a pena de morte para o crime de violação e estupro.

Por outro lado, à medida que a fauna e flora iam desaparecendo fruto da presença branca, ia encurtando o Território dos Wiradjuri. Consultando jornais e o Boletim Oficial da época, lê-se que em 17 de outubro de 1823, o Barão Field, Juiz do Supremo Tribunal da colônia de Nova Gales do Sul, escrevia: "Os *nativos de Bathurst há mais de dois meses se encontram em estado de hostilidade para com os colonos, com ataques vários a fazendas de gado, o que motivou já o abandono do posto governamental de Swallow Creek*".



WINDRADIN OU WINDRADYNE



Windradin ou Windradyne (n 1800-21/03/1829, significa *sábado* em idioma Wiradjuri) fora o líder do ataque a Swallow Creek, tendo sido capturado e enjaulado, para o que, de acordo com a Gazeta de Sidney de 8 de janeiro de 1824, "*foram necessários seis guardas, tal a sua força, mas como se vissem incapazes de o dominar tiveram de o atingir com um tiro de fuzil ...*"

A reação dos colonos foi pronta e consistia basicamente no envenenamento de iscas de pesca com arsénico, as quais eram oferecidas de presente aos Wiradjuri ou deixadas em locais estratégicos. Deste modo, inúmeros morreram em extrema agonia.

Em maio de 1824, alguns parentes de Windradin foram chacinados ao colher batatas num campo de colonos. Menos de um mês mais tarde, uma estação de gado que havia sido construída num círculo de danças sagradas foi atacada, sendo mortos os criadores de gado, apreendidas as suas armas e munições, e as habitações incendiadas. Depois, os Wiradjuri atacaram e incendiaram outra quinta, morrendo ao todo nesse dia sete brancos.

Uma expedição punitiva foi, de pronto, enviada a Bathurst, tendo apenas liquidado três mulheres Wiradjuri. Pelo fim do mês toda a região estava já em pé de guerra, com vários grupos de nativos armados de setas e fuzis impedindo a normal atividade das fazendas coloniais.



A CAPTURA DE WINDRADIN OU WINDRADYNE

Na Gazeta de Sidney escrevia-se então: *“um largo contingente de nativos, entre 600 a 700 homens havia proclamado a sua hostilidade para com os colonos, pelo que qualquer verdadeiro amigo dos aborígenes deverá desejar vê-los punidos por meios mais radicais do que os já até agora utilizados, já que a disciplina suave e compreensiva os não impediu nos seus criminosos atos ...”*

Em 14 de agosto de 1824, o governador de Brisbane declarou a Lei Marcial e enviou o seu 40º Regimento para Bathurst. A guerra de exterminação começara e todos os Wiradjuri eram implacavelmente abatidos. Nalguns locais, os soldados e as milícias dos colonos ofereciam alimentos às crianças e mulheres para depois as abaterem a sangue frio, à medida que se aproximavam para recolher tais alimentos.

Em outubro desse ano, os 60 principais chefes Wiradjuri renderam-se. A Gazeta de Sidney reportava então que *“a crueldade dos Wiradjuri parece ter-se abatido ...,”* depois de Windradin, com 260 dos seus homens, se ter rendido após uma marcha de mais de 200 km, em Parramatta (a 45 km do centro da atual Sidney).

Entretanto, em Londres, o 3º Conde de Bathurst (que não pertencia à família do governador Bathurst, mas em honra de quem a cidade havia sido batizada) havia sido empossado como Secretário Colonial do Império Britânico, e, agastado com a arbitrária declaração da Lei Marcial e pela falta de senso do massacre de Bathurst exonerava em nome do Rei, o Governador-geral de Bathurst.

Assim, Windradin e o seu povo Wiradjuri através da sua heroica resistência aos colonos acabariam por impor a deposição do Governador-geral, que, diga-se em abono da verdade, não era muito benquisto na colónia.

Este episódio, pouco conhecido da guerra australiana contra os nativos, foi sucedido por outro: os condenados a quem os colonos haviam armado para combater os aborígenes revoltaram-se e formaram gangues criminosos que, durante alguns anos, se dedicaram a aterrorizar as fazendas brancas.

Hoje, os Wiradjuri desapareceram totalmente, existindo apenas alguns descendentes mistos que tentam honrar a memória dos seus antepassados numa clara manifestação de reafirmação da sua identidade e herança cultural. Foi através de um deles que tive conhecimento desta página negra da história do meu país, que aqui divulgarei especialmente em memória de Windradin.

Exemplos como este encontram-se em vários jornais e revistas da época, mas poucos têm sido republicados até agora, pois apenas a partir dos anos 70 os australianos começaram a saber destes massacres de aborígenes. Foi nessa época que, lentamente, alguns se dispuseram a admitir a existência de excessos dos seus antepassados.

O dia de reconciliação nacional, que muitos esperavam acontecesse durante as Celebrações do Bicentenário em 1988, estão ainda bem longe de acontecer. Lembre-se que até 1967 aos aborígenes não era sequer reconhecida a existência e muito menos a nacionalidade australiana.

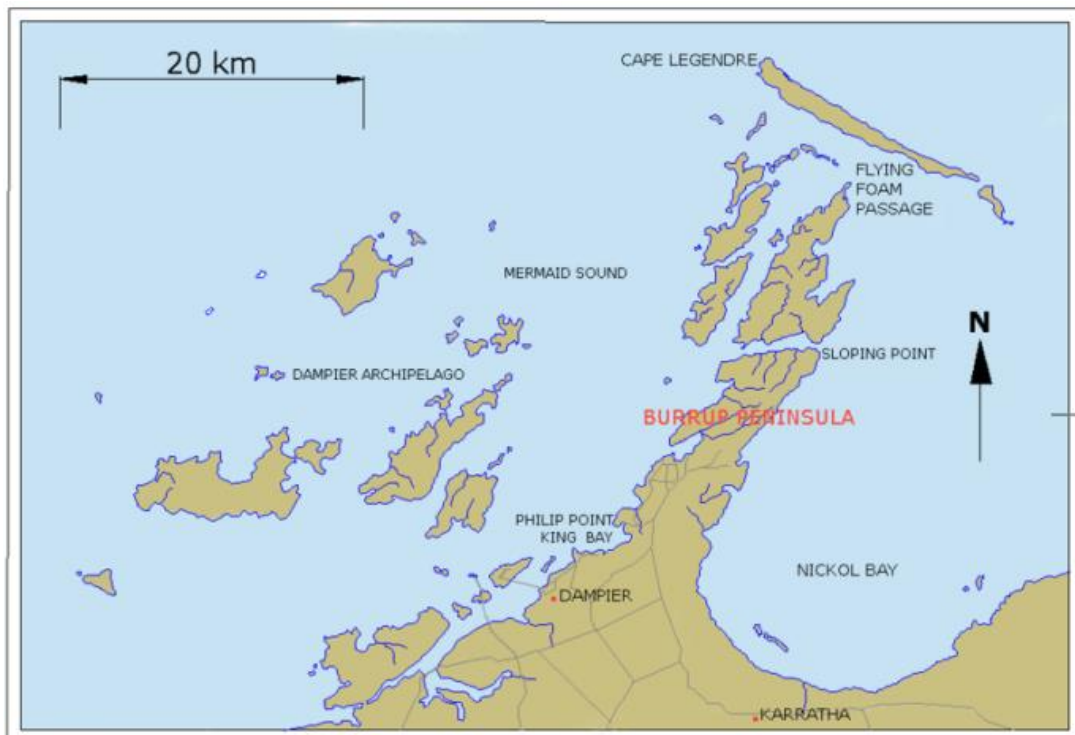
Claro, que era muito mais fácil, então falar do apartheid sul-africano...

Ainda hoje é difícil falar do genocídio aborígine australiano. Muitos não o aceitam, outros minorizam-no como um facto normal para a época e os costumes, outros dizem ser um exagero a afirmação, outros negam-no totalmente, mas o certo é que o fenómeno não é ainda estudado como devia ser.

Se bem que os povos aborígenes e das Ilhas Torres se esforcem há umas décadas para a consciencialização das suas gentes para esta sangrenta história de que foram vítimas os seus antepassados, a Austrália não-aborígine cresceu à margem desta problemática e ainda hoje a ignora de uma forma displicente.

Durante mais de três décadas estes artigos do autor eram a única publicação disponível em língua portuguesa, na internet, sobre aborígenes australianos, mas felizmente parece que começa a nascer agora um certo interesse em repor a verdade histórica.

13.2. O SEGREDO (SECRETO) DE WILLIAM DAMPIER



Na costa ocidental da Austrália existe um arquipélago de 42 ilhas e ilhéus com o nome de Dampier onde se localiza a maior coleção de arte rupestre com mais de 600 mil petróglifos. Noutro país isto teria sido convertido em Reserva e Património da Humanidade, mas entre 1963 e 2004 o governo estadual permitiu que as ilhas fossem usadas na indústria petroquímica e outros fins, destruindo um quarto daquela riqueza.





A área que mede 27 x 5 km, revela que as ilhas estiveram originalmente ligadas umas às outras e ao continente australiano, numa era em que o nível da água dos mares era bem inferior, há cerca de seis mil anos. Toda essa área constitui uma verdadeira lição de história da humanidade até ao Pleistoceno com locais que datam entre 40 e 60 mil anos.

Os primeiros habitantes eram os Yaburara (Jaburara, Yapurarra ou Yaburrara), que infelizmente foram aniquilados no que ficou conhecido como “*Flying Foam Massacre (o Massacre da Espuma Voadora)*” entre fevereiro e maio de 1868, em retaliação pelas mortes de três pessoas...

A história começa com o roubo de farinha por um nativo no interior do encalhado navio de caça às pérolas “*Nautilus*”. Um polícia, acompanhado de um ajudante aborígine, foi enviado para o local para deter o ladrão. Prendeu um nativo de nome Coolyerberri o qual ficou detido no acampamento dos apanhadores de pérolas (o navio estava encalhado e os tripulantes acampavam em terra). Durante a noite, outros aborígenes tentaram libertar o companheiro detido, tendo morrido neste assalto um polícia, o assistente e um trabalhador. Presume-se também que tivesse morrido Jarman, o Capitão do navio que não estava na tenda e nunca mais foi visto. Foi organizada uma milícia de agricultores (pastoralistas) e outros membros da comunidade branca que foram em busca e mataram todos os aborígenes que encontraram, estimados em mais de sessenta.¹¹

A outra história associada ao nome de Dampier refere-se à rua com o seu nome¹² em Kurnell, uma península a sul de Sidney, onde todos desconheciam até 1988 um incidente envolvendo Dampier na sua primeira estadia em solo australiano em 1699.

Hoje, porém, a maior parte dos estudantes de História Australiana no secundário continua a desconhecê-la.

William Dampier, o primeiro navegador inglês e explorador a pisar solo australiano, foi também o primeiro inglês a matar aborígenes sob custódia.

¹¹ Michael Dyson “*Flying Foam Massacre, a grey area in the history of the Burrup Peninsula. British justice or Down right vengeful bloody murder*”, Karratha CAD Centre.

¹² Helen Pitt, jornal Sydney Morning Herald de 18 julho 1988



O Dr. Bernard Barrett, historiador estadual de Vitória afirma que Dampier matou um homem aborígine em 1699, depois de o ter capturado durante um assalto não provocado, aos aborígenes num local hoje conhecido como a cidade de Dampier na Austrália Ocidental.

Call to Remember First Killing

NZPA Melbourne

An Australian historian wants to erect a memorial for the first Aborigine shot by an Englishman. Dr Bernard Barrett, Victoria's state historian, says the navigator William Dampier fired the shot in August 1699 near Broome, in Western Australia.

He proposes a bronze plaque on a wall in a church or other public building in Broome.

The inscription would read: "This plaque is in memory of an Aboriginal Australian who was shot during an encounter with the English navigator William Dampier, captain of His Majesty's ship Roebuck, in Roebuck Bay, in August 1699 during Dampier's second visit to Australia."

He said he was making the call after learning that the Dampier Community Association, near Karrara, planned to hold a commemoration on July 23 which would reenact his stepping ashore in Australia.

"The events planned for July 23 will only reinforce public ignorance about a significant milestone in Australia's past," Dr Barrett said.

Dampier first visited Australia's north-west coast as a buccaneer in 1688.

He came again in 1699 as commander of an official British expedition and, according to his journal, went ashore in Roebuck Bay with some men armed with muskets and cutlasses to search for fresh water.

"Seeing a few shy Aborigines, they decided to chase them and hold one as a prisoner until his thirst would lead them to water," said Dr Barrett.

"Dampier's journal says that the nimble Aborigines evaded capture and then reassembled defiantly."

Dr Barrett quoted the journal: "I thought it high time to charge again and shoot one of them, which I did."

The shot Aborigine, the journal says, was carried away by the other tribesmen.

Dampier's journal noted he had then abandoned the attack because he was "sorry for what had happened."



William Dampier

Plea to end miserable deal for a man who beat Cook

Not the young man of Herold June 14-1886

By PAUL McGOUGH

PERTH: A leading West Australian academic has accused his east coast colleagues of foisting their "heroes" on the nation at the expense of the historically maligned William Dampier.

Professor Leslie E. Marchant insists that Dampier was not the buccaneer portrayed in so many history books.

And he says Dampier did not visit Cygnet Bay, a point on the north-west coast named after one of his ships which generations of WA school children remember as one of his principal 17th century landings.

Dampier, who first visited Australia in 1688, is remembered most as a bit of a villain and for his memorable description of north-west Aborigines as "the miserablest people in the world".

Professor Marchant blames the erroneous place names on a British hydrographic surveyor who went east, rather than west, of a critical landmark in retracing Dampier's voyages.

But he blames his colleagues generally for the lack of recognition given to Dampier's work.

Dampier did steal from ships on the high seas, but Professor Marchant makes the fine distinction between "privateers" and "buccaneers".

He says: "He was no more an outlaw than was Francis Drake — who made the Queen's honours list."


He concedes that Dampier had shortcomings as a ship's captain but points out that when obliged to shoot one of the Aborigines Dampier had recorded he was "sorry for what had happened".

According to Professor Marchant: "Dampier deserves more recognition by historians.

"The French were certainly impressed, at the time they directed their scientific attention wholeheartedly to Australian discovery.

"A host of Dampier — a subject of France's mortal enemy, England — adorned Napoleon's Gallery of Notables, indicating the respect given to the man by the French savants."

Attempting to put Dampier in his correct historical perspective, Professor Marchant said: "He preceded Banks and Cook by 100 years ... Cook didn't come here [Western Australia] and he means little to this half of the continent. It is time to re-evaluate the history books."



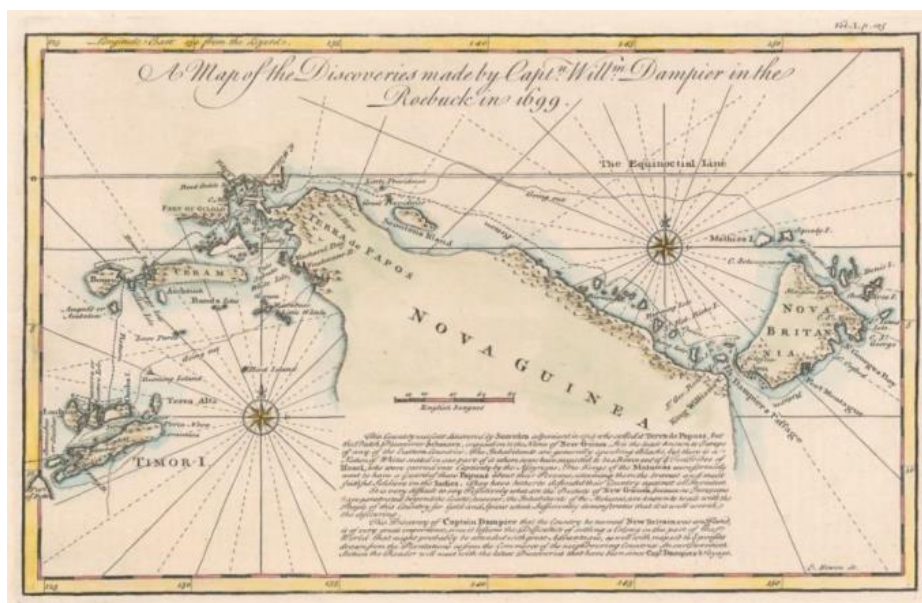
William Dampier ... stole only from his enemies.



WILLIAM DAMPIER 1651-1715

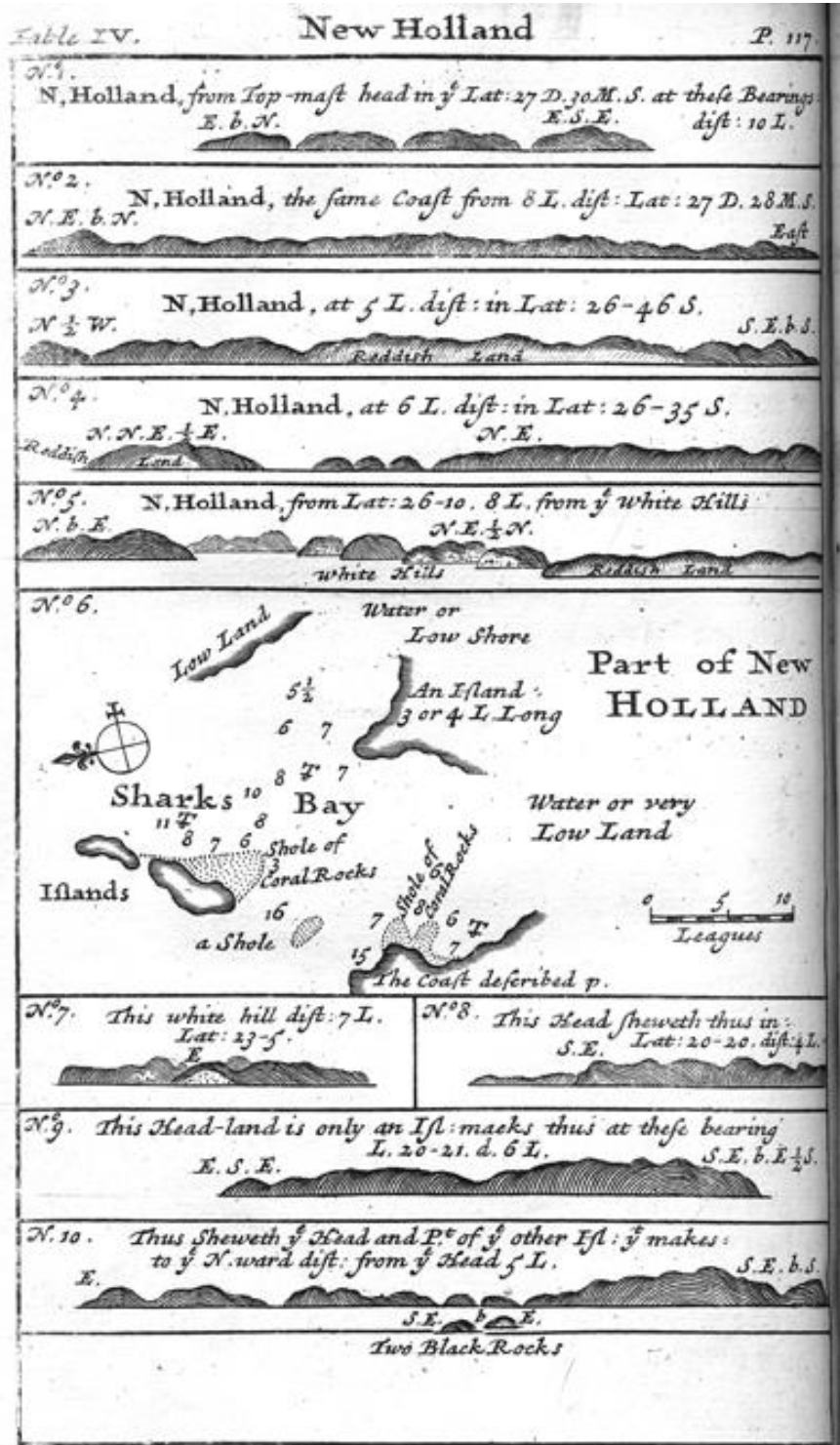
Este facto, de acordo com aquele historiador foi sempre escamoteado dos livros de História Australiana. "Dampier, que trouxe a primeira bandeira inglesa para a Austrália, um século antes de Cook, é o primeiro inglês conhecido que matou um aborígene. O facto necessita ser desvendado, para que a nossa História não seja como os filmes com uma classificação PARA TODOS quando deveria ser de APENAS PARA MAIORES DE 18."

Sabe-se que nasceu em Somerset (East Coker) filho de um agricultor, tendo estudado Latim e Aritmética depois de ficar órfão aos sete anos de idade e se ter alistado como grumete, em viagens a França, à Terra Nova e a Java (1670). Dampier juntou-se a um grupo de corsários em 1683 no Cabo Horn para rumarem ao Pacífico. Três anos depois alistou-se como marinheiro no *Cygnet* e além do sudeste asiático, visitou primeiramente a costa noroeste da Austrália como flibusteiro durante três meses em 1688 na zona de King Sound (na foz do rio Fitzroy na Austrália Ocidental).



MAPA DAS DESCOBERTAS DE DAMPIER EM 1699

De acordo com o seu Diário de Bordo, ele e um pequeno grupo foi explorar as cercanias e estava em busca de água, quando viram um pequeno grupo de tímidos aborígenes, decidiram tomar um como prisioneiro, até que a sede dele se apossasse e os conduzisse até à água. Depois de ter havido uma disputa entre o grupo e os aborígenes, Dampier afirma "Achei que era a altura de atacar de novo e matei um deles."



Depois de os outros membros do grupo aborígene terem carregado o corpo do morto, Dampier arrependeu-se e não prosseguiu com o ataque. O certo, porém, é

que em 1988 e dentro do espírito de celebração do Bicentenário da Austrália foi erigido um monumento de Comemoração de William Dampier, e apenas houve uma contramanifestação feita por aborígenes que afirmaram que *ninguém pode mudar a história, mas não temos de fingir que ela não aconteceu; se a pudessemos reescrever muitos Australianos ficariam surpreendidos com os factos e teriam de por cobro a muitos mitos que se perpetuam, através da interpretação da história e não dos factos.*

Antes de regressar a Inglaterra em 1691 tinha também escalado as Filipinas. Publicou depois em 1697 e 1699 livros sobre as suas aventuras marítimas, o que fez dele um perito nos mares do sul e consultor do Almirantado.

Promovido a Capitão voltou em 1699 como comandante de uma expedição oficial inglesa a bordo do *Roebuck*, tendo explorado a costa desde a Baía dos Tubarões (Shark Bay) perto de Carnarvon até à Baía de Roebuck (Bay) perto de Broome na costa norte da Austrália Ocidental. Em busca de água ao longo da costa nordeste rumou a Timor e entre janeiro e abril de 1700 esteve na costa norte da Nova Guiné e descobriu a Nova Bretanha. O mau estado do barco e o facto de ter encalhado impediu-o de descobrir a costa leste australiana.

A viagem do *Roebuck* foi a primeira expedição científica britânica, precursora das de Samuel Wallis, Philip Carteret e James Cook, e no regresso foram trazidos espécimes recolhidos nessa viagem.

Bom navegante, mas péssimo condutor de gente e de embarcações, um tribunal marcial declarou-o incompetente em 1702 para comandar navios de Sua Majestade.

Dampier fez mais viagens aos mares do sul, entre 1708 e 1711, esta última como piloto do Capitão Woodes Rogers. Pode ter sido um mau marinheiro, mas era um autor imensamente popular tendo influenciado Swift e Defoe.

“*New Voyage around the World*” publicado em 1697 teve quatro edições em dois anos e em 1727 havia já sete edições dos seus trabalhos.

Ao segundo livro publicado em 1699, seguiram-se livros sobre o *Roebuck* em 1703 e 1709, incluindo em 1707 o livro “*Cap. Dampiers Vindication of his Voyage to the South Seas in the ship St George (A Desforra da viagem do Capitão Dampier aos mares do sul no navio S. Jorge).*”

Morreu em 1715, mas o seu relato de correntes e ventos no Pacífico ainda hoje é respeitado por navegadores e meteorologistas.

Curiosamente as palavras inglesas “*avocado, barbecue, grapefruit, cashew, catamaran e chopsticks* [abacate, grelhado, toranja, caju, catamarã e pauzinhos de comer chineses] entraram na língua inglesa através do explorador, naturalista e corsário Dampier. Foi sem dúvida o mais importante aventureiro marítimo inglês do século XVII, tendo sido a primeira pessoa a circum-navegar o mundo três vezes.

Não obstante a sua importância como precursor de outras expedições (a mais importante seria a de James Cook), certo é que o episódio da morte do primeiro nativo australiano permanece obscuro na história e ausente dos livros escolares.

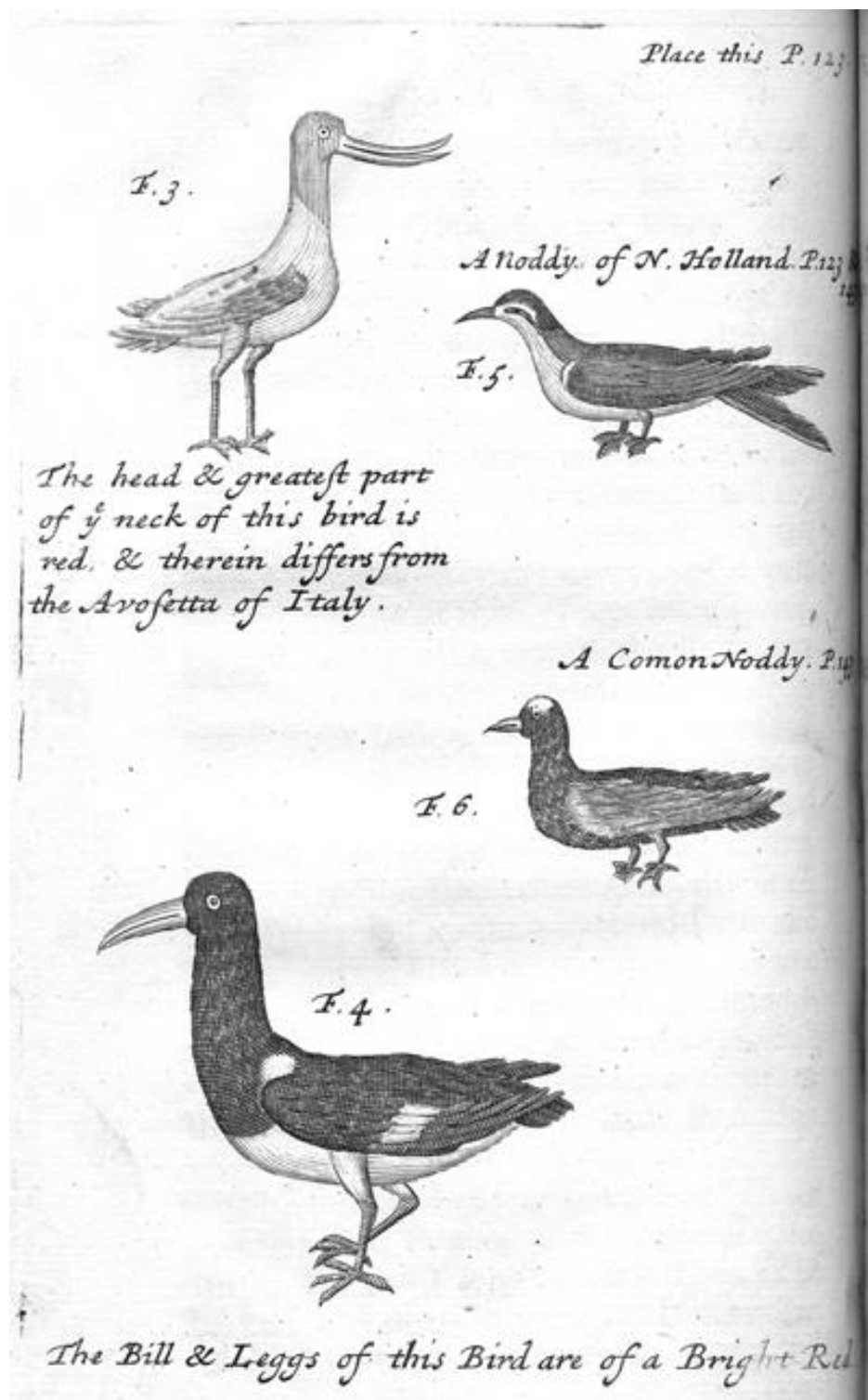
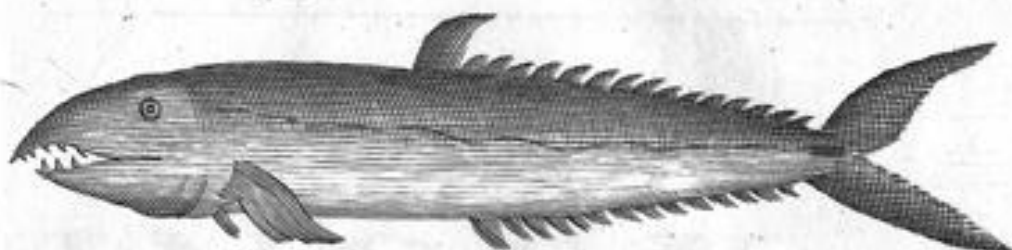


Plate 3.

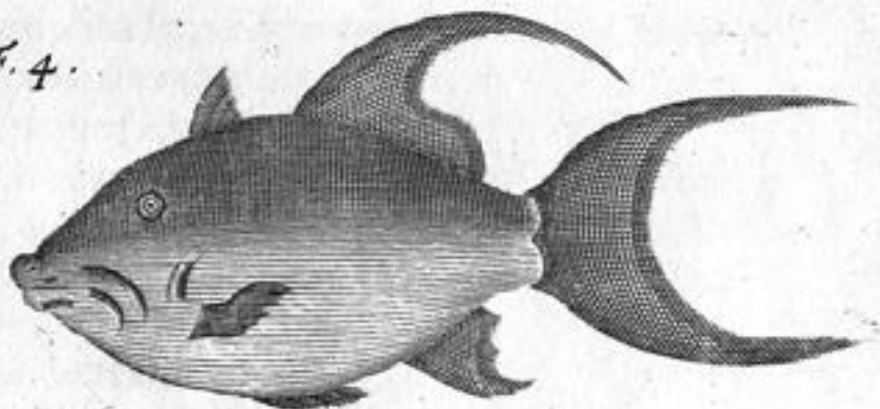
A Fish of the Tunng kind taken on y^e Coast of N. Hollan



F. 5.

A Fish called by the seamen the Old Wife .

F. 4.



Plants found in New Holland.

F. 1.



2



3



4





RETRATO E SELO AUSTRALIANO DE WILLIAM DAMPIER

A TEORIA DA TERRA NULLIUS



Começamos pela definição do termo “*Terra nullius*” que é uma expressão latina decorrente do antigo direito romano significando literalmente “terra que pertence a ninguém”, terra de ninguém, ou seja, terra vazia, desolada, aplicando o princípio geral *res nullius* aos bens imóveis em termos de propriedade privada ou como território ao abrigo do direito público.



Passemos agora à História. Como em tantos outros casos judiciais os pormenores do caso eram menos importantes do que os princípios.

Em junho de 1992, o que estava em disputa era apenas o controle de três pequenas ilhas na costa norte da Austrália, depois de uma campanha de mais de 10 anos pelo povo Meriam das Ilhas Murray, as ilhas mais orientais do arquipélago Torres. O Supremo Tribunal Australiano concedeu-lhes a titularidade de posse, ou título nativo à posse daquelas terras. Isto poderá parecer simbólico, se não se soubesse que desde 1780 vinha vigorando o princípio de *Terra Nullius*, uma ficção legal que declarava que a Austrália pró-europeia era uma terra deserta, sem nenhuma prévia declaração de posse. Dois dos juízes declararam que “*tirar a posse da terra aos aborígenes é o aspeto mais negro da nossa História.*”

Apesar dos meandros legais que compõem a decisão final que *per se* é aplicável apenas a 300 habitantes daquelas pequenas ilhas, ela constitui na altura um precedente para vastas áreas da Austrália (atualmente encontram-se na posse nativa pouco mais de 50% da massa continental). Não é permitido reclamar a posse nativa sobre estações pastorais (de pastorícia) ou propriedade de brancos australianos, e os aborígenes devem provar que existiu um vínculo ininterrupto com as suas terras. A atribuição da titularidade das terras continua, porém, sujeita a ser sobreposta por leis federais e estaduais não havendo lugar a compensações financeiras por parte dos antigos proprietários.

Tudo começou quando Eddie Mabo de 56 anos (falecido em janeiro 1992) quis na década de 60, voltar à terra natal (a Ilha Mer) e lhe foi recusada autorização para o fazer. Depois, com a ajuda de um amigo professor da Universidade James Cook (Henry Reynolds), levou o caso a tribunal, onde se arrastou desde 1982, para declarar que a lei Comum Australiana não reconhecia o direito nem o título comunal nativo. Assim o povo Meriam (da Ilha Mer) lutando pela sua terra podem enfrentar as gerações vindouras com o sorriso de quem viu reconhecido um direito adquirido há milhares de anos. Vejamos uma curta resenha de como foi esta evolução legal:

177 0	○ Capitão Cook na Ilha da Possessão proclama toda a costa oriental como Nova Gales do Sul.
1778	A 1º Armada desembarca em Sidney Cove (na Angra de Sidney).

1876	Truganini, então considerado o último aborígine da Tasmânia morre em Hobart e o governo recusa reconhecer qualquer aborígine como descendente da Tasmânia, ou seja, qualquer Tasmaniano como sendo de descendência aborígine.
1901	A Federação é instituída, mas aos aborígenes é negada a cidadania, direitos de voto e o direito a serem recenseados no Censo Geral da População.
1966	Os aborígenes Gurundji abandonam as estações de gado de Wave Hill e Newcastle Waters, começando uma luta vitoriosa durante sete anos para ganharem a titularidade daquelas terras. Mais tarde isto é considerado como o início do movimento do direito à terra (Land Rights Movement)
1967	Um referendo apoia de forma maioritária a cidadania para os aborígenes, dando ao governo federal poder sobre os seus assuntos.
1974	O relatório da Comissão Woodward sobre os direitos à terra para os aborígenes recomenda que os aborígenes devem receber título de posse à terra onde se possa provar ter existido a posse tradicional ou o seu direito quer em terrenos da Coroa quer em reservas aborígenes, desde que tal possa ser demonstrado.
1985	Uluru (Ayers Rock) é devolvido aos seus donos tradicionais
1992	1992- O Supremo Tribunal anula o princípio de Terra Nullius. ¹³

Os debates sobre as virtudes do caso Mabo, como ficou conhecida a decisão do Supremo Tribunal, em junho 1992 demoraram anos a passar a rodapé de notícia, mas será conveniente passar em revista algumas das declarações e acontecimentos do apogeu daqueles debates, em 1994. O Ministro Plenipotenciário do Território Norte da Austrália (uma região autónoma que não foi ainda declarada Estado), Marshall Perron citava o facto de os aborígenes viverem no meio de cães nos seus acampamentos como prova de que *estavam centenas de anos atrasados nas suas atitudes culturais e aspirações*.

Sir Peter Hasluck, arquiteto da política de assimilação deve-se ter revolido na sua campa. Já em 1952, ao contemplar as relações interraciais em áreas remotas da Austrália, ele se preocupava com o facto de o termo *aborígine* ter adquirido laivos negativos e pejorativos, pois que àqueles a quem tal epíteto era atribuído eram normalmente “*sujos, malcheirosos, andrajosos e rodeados por nuvens de moscas. Acrescentando, até mesmo uma família de cor que se eleve socialmente o certo é que todos os nativos são julgados pela decrepitude dos negros sem posses, como o padrão pelo qual são julgados todos os nativos, e esta visão do homem primitivo e insanitário será sempre um obstáculo à aceitação pelo mérito de outros aborígenes. A melhoria social deve anteceder sempre qualquer tentativa de melhorar as relações interraciais, e alojar e educar os aborígenes é uma forma de neutralizar esse estigma.*”

Embora Hasluck criticasse o governo e o povo em geral pela utilização abusiva do termo aborígine certo é que esta visibilidade se mantém. A saúde aborígine ou as mortes aborígenes nas cadeias australianas são disso exemplo, como foco de notícias permanente e negativo, sempre agregado a qualquer governo desde essa já longínqua década de 50.

Muitas vezes se tem afirmado que a negligência do (s) governo (s) é uma das causas da excessivamente elevada taxa de mortalidade e morbidez (doença) das comunidades aborígenes, e se bem que isto seja parcialmente verdadeiro o certo é que aceitá-lo é negar a verdadeira dimensão do problema.

Foi a confrontá-la que o Juiz Muirhead no seu Relatório Interino da Real Comissão sobre as Mortes aborígenes nas cadeias, acabaria por demonstrar que a já longa e suspeitada desconfiança de mau procedimento policial estaria na base da maior

¹³ 1. Bill Mellor in Time, junho, 15, 1992
2. Tim Rowse, Time, março, 7, 1994

parte daquelas mortes, era de facto verdadeira, não obstante o folclore nacional as atribuir ao álcool seguindo a polícia, como o único elemento constante e permanente em todas essas mortes.

O racismo australiano e as críticas ao mesmo são geralmente mal acatados por uma crença enraizada por preconceitos perpetuados ao longo de mais de 200 anos. O certo é que a realidade é um misto de folclore e de abuso de álcool, tal como pode ser visto no documentário de David Bradbury (cadeia nacional de TV, ABC) *State of Shock* (Estado de Choque) onde se mostrava aborígenes em permanente estágio de alcoolismo, crime, vivendo em campos de patologias sociais.

Existe em certos setores da comunidade aborígine um mal-estar generalizado pelo círculo vicioso do álcool. Se, para uns o álcool e a violência são uma patologia própria da situação de colonizados (aborígenes), para outros o álcool é apenas uma desculpa para perpetuar a autopiedade e negação aborígine. Há quem pense, porém, que o que interessa é resolver este problema em vez de perpetuar o seu círculo mortal vicioso.

O estudo sistemático das doenças nos aborígenes só se iniciou na década de 70 e as estatísticas só começaram a ser feitas a partir de 1984. O certo é que apenas se sabe que as taxas de mortalidade e morbidez são bem piores do que a maior parte dos países mais atrasados de África, e a reconciliação entre os povos indígenas com as suas patologias sociais e físicas e a Austrália Branca continua por fazer.



250 ANOS ANTES DA CHEGADA DO CAPITÃO COOK

J. Chris Chrystello, na Austrália



13.3. A AUSTRÁLIA NO BICENTENÁRIO (1988) ¹⁴

Embora quer o Capitão James Cook, quer Arthur Phillip tenham utilizado mapas que os Portugueses haviam traçado 250 anos antes, não houve em 26 de janeiro de 1988, aquando da celebração do Bicentenário da Austrália, nenhuma menção nem comemoração do facto.

Em 16 de janeiro de 1988 mais de dez mil aborígenes marcharam pelas ruas de Sidney protestando contra as manifestações do bicentenário da Austrália Branca. Entre eles, alguns descendentes de Portugueses, incógnitos quer por preferirem identificar-se com o movimento aborígene, quer por desconhecerem a sua ligação a Portugal, quer ainda por se perder na obscuridade dos tempos a data de tal ligação. Lembro-me, por exemplo, de ter trabalhado com uma aborígene de apelido bem português que desconhecia totalmente a origem etimológica de tal nome.

Havia ainda outros nomes portugueses na multidão, mas eram de paquistaneses, malaios, indianos, para quem apelidos como de Sousa (d'Sousa, de Souza), Lobo, de Silva, Corrêa (Correia), Freitas, Vaz e outros desde há muito são considerados como próprios dos seus países de origem, embora algumas vezes obliterados da sua ligação secular.

¹⁴ Originalmente publicado na revista 'Macau' #10 em abril 1988.

Outros eram originários das Índias Ocidentais, do Sri Lanka (antigo Ceilão), a Taprobana tão descrita no épico Os Lusíadas. Curioso, porém, como há ainda hoje muita gente no Sri Lanka que muda os seus nomes de origem Tâmil ou Singalês (Sinhaleses) para nomes de origem Portuguesa ou Holandesa, para evitarem perseguições políticas e religiosas daqueles dois grupos envolvidos em sangrenta guerra civil há mais de duas décadas.

As câmaras de TV de todo o mundo, as estações de rádio e os correspondentes estrangeiros cobriam, entretanto, a cena do maravilhoso porto de Sidney que era descrito na Internet como uma enorme mancha multicolorida feita de embarcações de todo o mundo. Com efeito, mais de dez mil embarcações, incluindo os 25 Altos Veleiros (*Tall Ships*) e os navios de reencenação da viagem da 1ª Armada deslizavam ao vento perante mais de dois milhões e meio de espetadores que enchiam as verdes escarpas e as praias da Baía de Sidney (a quem alguns colegas jornalistas Portugueses teimavam em chamar a capital australiana, esquecidos da artificial e lânguida Camberra).

Dentre esses milhões muitos eram, de facto, descendentes de Portugueses, diretos e recentes da Madeira, do Algarve e de outras regiões, desde há muito radicados nesta sua Austrália. O português era, para muitos deles, um idioma estrangeiro. Os pais ainda o falavam (se bem que mal, que tempo não houvera para estudar) mas os filhos detinham apenas conhecimentos básicos e de vocabulário isolado. Nem todos os emigrados mandam os seus filhos às escolas de Língua e Cultura Portuguesas que funcionam depois das horas do currículo normal australiano.

O príncipe Carlos e a sua fotogénica mulher, Diana despertavam as emoções dentre os mais afeitos às tradições britânicas e inspecionavam as tropas vestidas à época colonial da chegada da 1ª Armada em 1788.

Ninguém mencionava o nome de Portugal e um grupo aguerrido de brasileiros aproveitava a desculpa para mais uma sessão de samba na conhecida praia de Bondi (diz-se *Bondái* e não *Bondj*, como ouvíamos os colegas jornalistas dizerem).

O então primeiro-ministro, Bob Hawke, em tom conciliatório, declarava que era altura de pôr de parte as querelas do passado, e construir o futuro da nação, para que nos próximos duzentos anos a harmonia reinasse na nação mais multicultural do mundo.

Durante cerca de doze horas o mundo parou para ver as celebrações bicentenárias, mas os aborígenes que ocupam este continente-ilha há mais de 40 mil anos, não se mostraram impressionados. Duzentos e vinte e sete mil deles iniciaram o ano com taxas de mortalidade infantil e adulta mais dignas de países do terceiro Mundo. O mesmo se diria das taxas de morbidez (doença) e de desemprego. Até a África do Sul se gabava de ter tratado os seus nativos melhor do que a Austrália.

Os aborígenes continuavam a morrer nas cadeias por alegado suicídio: 18 casos em 1987 e uma centena desde 1980, o que motivara já a instauração de Reais

Comissões de Inquérito, mudanças de lei. Nada se alteraria e o quadro negro mantém-se em 1998.

Os aborígenes eram não-cidadãos até 27 de maio de 1967, não dispendo de direito a passaporte ou direito de voto e eram os únicos habitantes do país sujeitos a prova de identidade ou identificação. Uma espécie de apartheid silencioso.

As crianças haviam sido retiradas do seu seio familiar e remetidas para missões brancas onde lhes eram ensinados os modos para viverem como os brancos (The Lost Generation - A Geração Perdida).

Em 27 de abril de 1971 um Juiz do Supremo decidiu que os aborígenes não tinham direito ao solo pátrio, pois este continente era desabitado à data da chegada e anexação à Coroa britânica ... de acordo com a proclamação do Capitão Cook. Este ainda é, por muitos, considerado como o *descobridor* da Austrália, embora os historiadores refiram os Portugueses, holandeses e franceses antecedendo aquele.

Em 1988 nos céus de Sidney, o fogo de artifício meticulosamente preparado celebrava o bicentenário, numa noite calma do verão austral, indiferente aos manifestantes aborígenes que continuavam a palmilhar as ruas da cidade, indiferente aos problemas de afirmação pessoal desta novel nação.

Os políticos regozijavam-se com a presença de mais de 25 milhões de pessoas nas celebrações, e com a inexistência de acidentes com os mais de dez mil barcos que enchiam a bela Baía de Sidney. Tudo o que navegasse estava na água, de jangadas a pranchas de surf. Uma nação em festa durante doze meses, sob o escrutínio dos correspondentes estrangeiros, celebrava então a sangrenta colonização e o estabelecimento da colónia penal de Nova Gales do Sul.

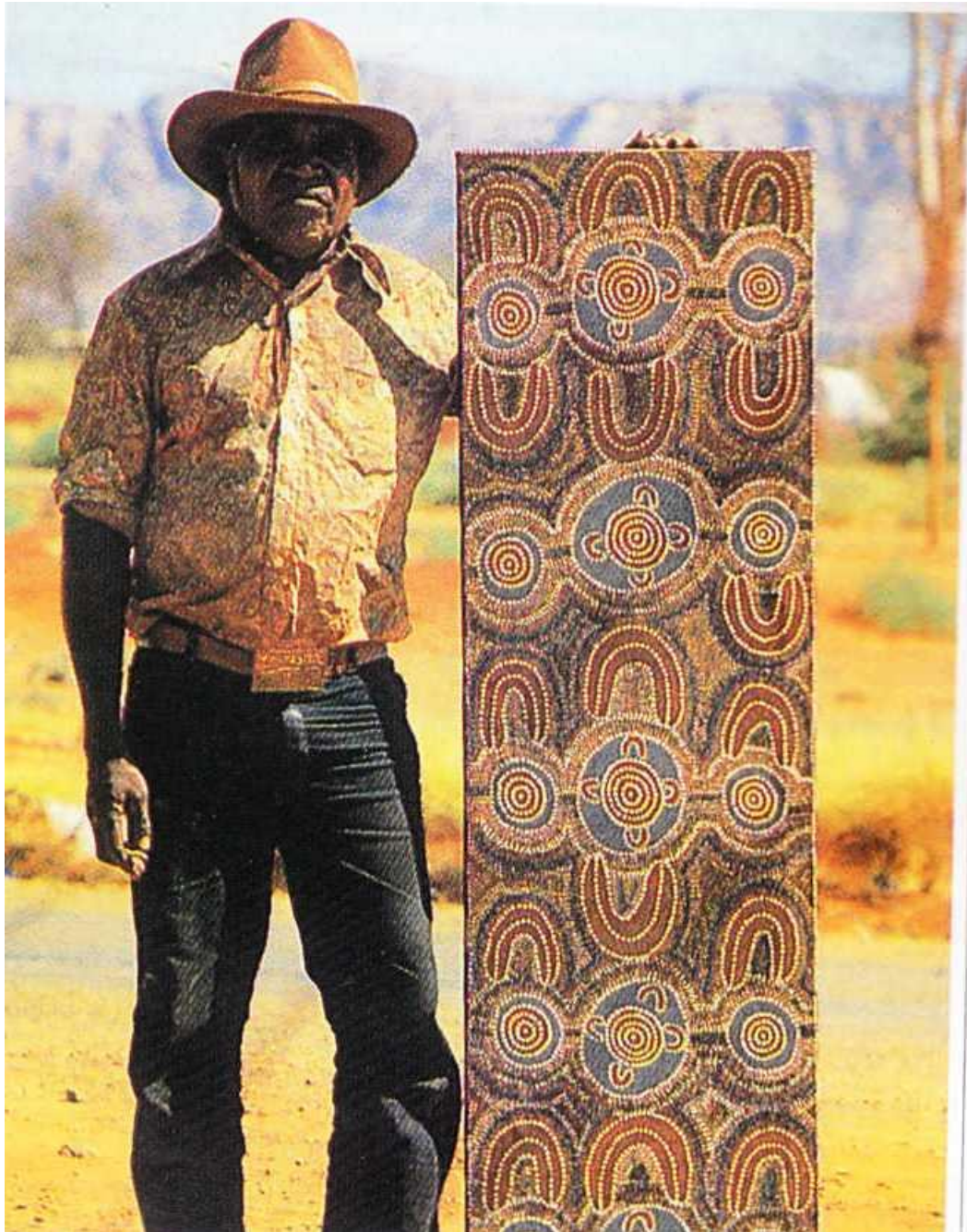
Apesar de os Portugueses aqui terem chegado antes de outros europeus a língua que se falava era o inglês, e nas escolas oficiais muitos dos livros continuavam a dizer que o Capitão Cook *descobriu* a Austrália.

Mais de cento e cinquenta nacionalidades diferentes compõem hoje o panorama étnico do país, sem pruridos monárquicos, sem partilharem da herança cultural de duzentos anos que mais de 16 milhões de pessoas celebravam de acordo com as estatísticas oficiais.

O (então) primeiro-ministro Bob Hawke satisfeito com as celebrações e o fogo de artifício, dizia que esta é uma grande nação, onde todos devemos viver em paz, esquecendo os erros do passado, evitando repeti-los nos próximos duzentos anos.

À mesma hora, noutras paragens, a réplica da nau de Bartolomeu Dias, celebrava factos bem mais antigos do que a chegada de uma qualquer 1ª Armada.

Menos heroicamente talvez, mas ainda dispostos a arriscar e a deslocarem-se para as plagas mais inóspitas deste vasto continente-ilha, os aborígenes menos europeizados têm-se radicado em pequenas comunidades do interior. A sua falta de domínio da língua inglesa e a sua natural tendência para a procriação levaram-nos em décadas idas a radicarem-se em locais inóspitos.



O mote político favorito nessas eras (não tão remotas como muitos pensam) era ainda o de uma **Austrália Branca** (leia-se Anglo-Saxónica ou anglo-celta). Por tal motivo, afastados da dita civilização ocidental e superior, incapazes por motivações socioeconómicas de se miscigenarem com os anglo-saxónicos ou anglo-celtas, predominantes no país, viram-se, assim, compelidos a repetir percursos seculares e ancestrais. Daí haver ainda hoje tantos aborígenes que ignoram o facto e nem sequer o reconhecem.



Há quem afirme que isto é um processo repetido por Portugueses desde há mais de 150 anos na Austrália, mas a inexistência de registos civis, a frequente mudança de nomes, e o anglicisamento desses nomes torna extremamente difícil tal pesquisa. Em muitos casos, os arquivos das igrejas católicas romanas poderiam ajudar, mas convém não esquecer que este país foi até há pouco tempo quase exclusivamente anglicano.

Em Timor-Leste ainda hoje os Hornay, e os da Costa atestam aquilo que se passa desde há cinco séculos: a miscigenação dos Portugueses com os nativos e se alguns deles parecem aborígenes louros, outros parecem mais fruto da diáspora portuguesa de antanho. Prová-lo, por vezes, é bem mais difícil do que especulá-lo.

Os emigrados Portugueses aqui radicados não se diferenciam muito dos seus antecessores anglo-saxónicos pois que também eles olham com desprezo a raça aborígene e interrogam-se sobre os enormes custos de a manter. Para eles, os aborígenes não passam de uma raça inferior, incapaz de se adaptar às contingências contemporâneas, incapazes de sobreviverem às constantes mutações sofridas por este continente nos últimos duzentos anos.





CRÓNICA XIV - ABORÍGENES NO TEMPO – PARTE V

14.1. A IDADE DAS PEDRAS E DOS HOMENS

Quando o Dr. Alan Thorne recebeu um crânio opalizado encontrado nas dunas perto do Lago Mungo no interior oeste de Nova Gales do Sul, pensou ter descoberto prova de que um povo, bem mais antigo do que se pensava teria colonizado a Austrália.

Os testes de datagem, contudo, foram uma decepção, pois indicavam apenas uma idade provável de 15 mil anos, recente, portanto, ao contrário da natureza robusta do crânio e da mineralização que apontavam para uma data bem mais anterior.



LAGO MUNGO



Alan Thorne, um dos mais respeitados antropólogos físicos do país não está convencido que os resultados da datagem por radiocarbono estejam corretos. Este

é o segundo enigma que confronta todos os que estudam a história dos primeiros seres humanos na Austrália. Há uns anos atrás em Warrnambool (sudoeste no Estado de Vitória) foi descoberto um local que parece ter sido um acampamento, com restos de conchas e pedras de cozer, datando de há 120 mil anos, mas não foram encontrados fósseis para consubstanciar a presença humana, e mesmo encontrando-os tal seria difícil.



Em 1988, outro enigma surgiu, nas margens do seco Lago Eyre com fragmentos de um crânio humano que se crê ter mais de 60 mil anos pelo montante de fluorine encontrado naquele pedaço de osso bem fossilizado.

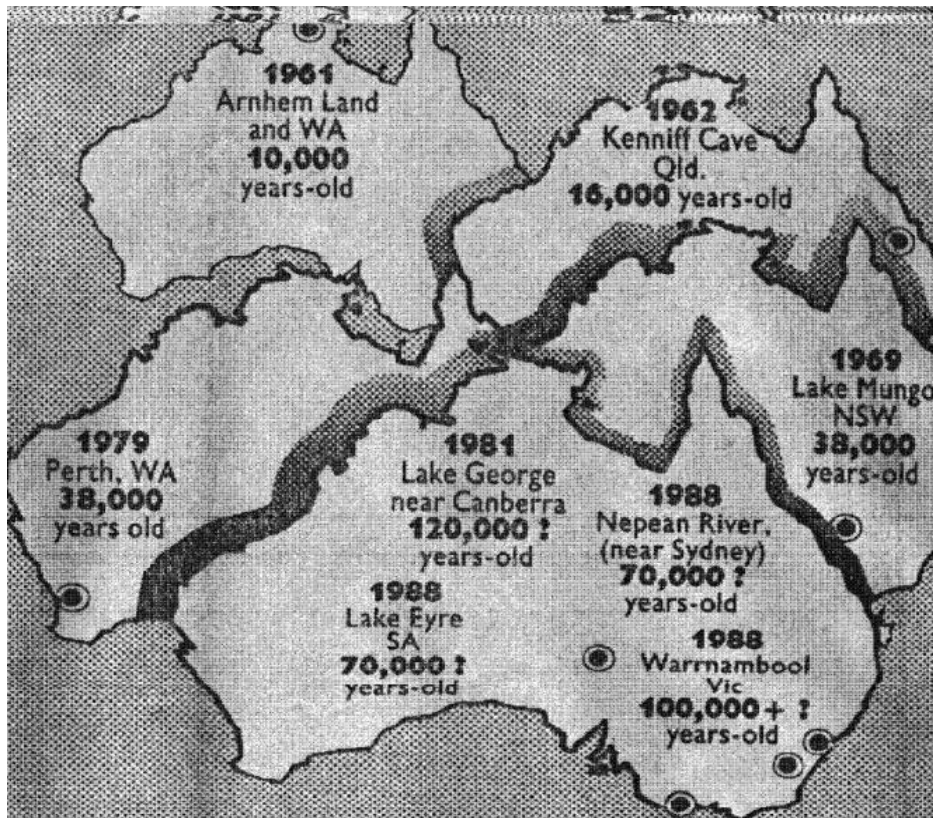
Os factos científicos capazes de provar a presença humana na história australiana para além de 40 mil anos continuam débeis.

Existe um vazio de cerca de 60 mil anos que falta comprovar para além de especulação mais ou menos científica.

A data 40 000 BP (ou Antes do Presente, *Before Present*) é a mais comumente aceite, mas ela está ligada ao limite técnico da datagem por isótopos de radiocarbono usada rotineiramente em restos humanos, se bem que uma visão global aponte para uma chegada ao continente entre 10 a 20 mil anos antes. (ver figura seguinte)



LAGO EYRE



A IDADE DA AUSTRÁLIA

O desenvolvimento de técnicas apuradas de datagem nas últimas décadas veio proporcionar um alicerce científico quase inabalável à história dos primeiros humanos, e os métodos demonstradamente resistiram a dúvidas e mesmo a falsificações como foi a *partida* pregada à comunidade científica com o Homem de Piltdown a qual durante mais de 30 anos resistiu a ser desmistificada.

Um osso de orangotango e um crânio antigo foram enterrados entre 1908 e 1912 em Piltdown, Sussex (Reino Unido) mas só com o aparecimento da técnica de

datagem por fluorine (a mesma usada no Lago Eyre) foi possível descobrir que o crânio era de 1230 AC (roubado de um cemitério medieval) e não tinha nada a ver com o do orangotango do princípio deste século. O método de datagem, por carbono, confirmou na década de 80 que o Manto de Turim não poderia pertencer à era em que Cristo viveu, embora fontes da Igreja disputem aquela conclusão. Claro que as técnicas de datagem não são infalíveis, mas o que frustra mais os cientistas australianos é que elas impõem tantas limitações.

Nas margens do rio Nepean, perto de Penrith nos limites metropolitanos de Sidney, cientistas descobriram pedras cortadas de uma pedreira com a idade de 30 a 40 mil anos, mas testes posteriores com termoluminiscência feitos pelo professor Gerald Nanson do Departamento de Geografia da Universidade de Wollongong apontam para uma data bem anterior (cerca de 70 mil anos).

O Professor Nanson é um dos que se opõe ao método de radiocarbono para materiais com mais de 40 mil anos, dado que os erros são enormes, citando o estudo de ribeiros e canais na região de Murrumbidgee inicialmente calculados entre 30 a 40 mil anos, mas que se sabe agora terem 400 mil anos.

Muitos outros cientistas acreditam que a termoluminiscência alcança a medição do tempo onde o radiocarbono para, embora o problema seja o de só poder ser aplicada a rochas com cristais, que tenham absorvido radiação do meio ambiente. Isto deixa de parte os ossos humanos, a menos que estejam firmemente fixados nos registos fossilizados junto daqueles vestígios rochosos. Este sistema datou os vestígios de pedras de cozer de Warrnambool em 132 mil anos, e o local onde elas se encontram data entre 80 a 104 mil anos, de acordo com o Professor John Prescott da Universidade de Adelaide.

Embora o aspeto do local possa sugerir uma presença humana, a natureza também pode ter pregado uma das suas partidas. Alan Thorne, perito de renome mundial, assinala que os humanos se estabeleceram na parte meridional do continente há pelo menos 40 mil anos, mas existem artefactos que parecem ser mais antigos do que a presença humana.



O local cientificamente comprovado como sendo o mais antigo é no Lago Mungo, onde em 1970 foi confirmada a presença humana datando de há 38 mil anos, incluindo um local de enterro e cremação.

Idêntica descoberta foi feita em Perth, na Austrália Ocidental, o que leva a supor que ou os humanos chegaram todos ao mesmo tempo àqueles dois locais, que

distam uns milhares de quilómetros entre si, ou então é admissível supor eles terem chegado uns 5 a 10 mil anos antes.

Os esqueletos encontrados são dos mais antigos da História: **Mungo 1** (mulher) foi descoberta em 1969 e é dos mais antigos corpos cremados e encontrados até hoje. **Mungo 3** (homem) foi descoberto em 1974 e viveu há 40 a 68 mil anos atrás no período pleistoceno.

Falta compilar muitos dados, mas os corpos foram entregues aos seus descendentes em 1992, uma coligação de povos (*Paakantji, Mathi Mathi e Ngiyampaa*).

O mais curioso de **Mungo 1** é tratar-se de um corpo cremado, que depois foi esmagado e queimado uma segunda vez antes de ser coberto com ocre proveniente de um local distante várias centenas de quilómetros, sugerindo um ritual para evitar que os mortos voltassem para assombrar os que sobreviveram.

Os restos de **Mungo 3** são mais difíceis de analisar, presumindo tratar-se de um homem, de avançada idade (50 anos) extremamente alto (1.96 m) padecendo de osteoartrite e com os dentes extremamente gastos. Estava deitado de costas com as mãos cruzadas sobre a parte pélvica. Sendo o mais antigo exemplo de uma cremação ritualística sofisticada e artística, isto só vem comprovar que há tradições culturais australianas bem mais antigas do que se supunha até agora.

Os vários métodos de datação que foram evoluindo desde a primeira em 1976 indicavam então uma idade entre 28 e 32 mil anos. A datação de 1999 indica 62 mil anos (± 6 mil anos) mas é controversa, e em 2003 atingiu-se, por consenso, uma datação de 40 mil anos. Sabe-se que todos os humanos de hoje descendem de um exemplar africano que deixou aquele continente há cerca de 60 mil anos atrás.

Curiosamente, o estudo de ADN indica não haver correlação entre Mungo e os atuais aborígenes, mas antes deve ter-se tratado de uma subespécie que se extinguiu provando a origem multirregional do homem moderno.

Evidência mais recente da Indonésia pode provar que a emigração do *Homo Sapiens* pode servir de especulação para se saber quando chegaram os primeiros homens à Austrália.

Existem registos contínuos da população Solo (*Homo Erectus*) na Indonésia entre 1 milhão a 100 mil anos atrás, quando o homem moderno emigrou da Ásia (continental) para substituir o Homem de Solo.

O Dr. Jim Bowler, do Museu de Vitória é perentório ao declarar que as técnicas de datagem se confrontam com dois problemas; um são os limites técnicos e o outro são as modificações do meio físico ambiente.

O homem europeu chegou, removeu a vegetação, reativou as dunas, mudou os níveis subterrâneos da água e alterou toda a dinâmica de solos e subsolos.

14.2. COMO É QUE OS CIENTISTAS MEDEM O TEMPO OU A IDADE?



MUNGO MAN (MUNGO I)

Todos os organismos vivos absorvem do meio ambiente baixos níveis de carbono 14, o qual é levemente radioativo pela forma como é processado nas altas camadas da atmosfera por ação dos raios solares. Só quando um organismo morre é que essa absorção cessa e começa o processo reverso de decomposição, o que provoca um autêntico relógio do tempo e desde 1940 a datação por radiocarbono tornou-se no meio mais comum de datar todos os vestígios orgânicos.

Ao fim de 40 mil anos o montante de carbono 14 é quase impercetível e a mais pequena contaminação desses vestígios pode alterar a análise.

Para se datarem vestígios mais antigos as dificuldades aumentam a menos que os vestígios estejam num registo fossilizado onde existam outros materiais que possam ser datados por outro processo. Destes, o mais comum na Austrália é o da termoluminiscência. Cristais, tais como o quartzo e o feldspato (felspar) absorvem radiações ambientais de origens tais como urânio, tório e potássio. Quando as rochas aquecem, este relógio é de novo ativado, o que torna esta técnica ideal para datar materiais que tenham sido colocados num fogo, de pedras ou cerâmica. O montante de energia armazenado na rocha pode ser medido se se aquecer o objeto e se medir o seu brilho a luminescência.

Alternativamente, com o método de datagem por fluorine, uma técnica bem mais antiga se utiliza. Esta mede a concentração numa amostra de iões de fluorine os quais também são absorvidos do ambiente. Como as taxas de absorção variam de local para local o método não pode ser utilizado como um relógio biológico, mas sim como uma técnica associada a outros materiais que tenham fornecido datas firmes e seguras¹⁵.

Os fragmentos de ossos humanos descobertos em 1969 no Lago Mungo foram datados entre 24 e 30 mil anos e pertenceram a uma jovem denominada Mungo I, que foi cremada. Os ossos foram então esmagados e enterrados numa campa pouco funda: a evidência de ritos de cremação mostra tratar-se dos mais antigos em todo o mundo e vinha demonstrar a existência de crença religiosa. O significado da descoberta do Lago Mungo não é só importante pela idade a que se reporta, mas à luz que vieram trazer a uma sociedade de pessoas vivendo nas margens de um lago, ora morto, há um milhar de gerações.

Podemos quase visualizar um bando de pessoas, as mulheres a apanharem moluscos da lama nas margens do lago e outras pessoas a pescarem a perca dourada, usando talvez redes entrelaçadas. Para cá das margens do lago por entre os arbustos secos havia ovos de emú (ema) e podiam apanhar-se pequenos marsupiais. Instrumentos de pedra, feitos de quartzitos, completavam a parafernália do bando, tais como raspadores de gumes afiados, que até podem ter sido usados para afiar as setas de madeira ou os paus de cavar.

Uma das mais recentes descobertas com prova de antiga ocupação humana da Australásia (Austrália e Papua Nova Guiné) e talvez a mais antiga foi feita na península Huon a noroeste da Nova Guiné. Ali, por entre as paredes de um pequeno riacho correndo por entre terraços elevados de velho coral, foram encontrados utensílios de pedra bem distintos. A estimativa quanto à sua origem apontava conservadoramente para mais de 40 mil anos. E isto porque como atrás foi explicado o sistema de datagem de radiocarbono não consegue aplicar-se para idades anteriores a 40 mil anos.

¹⁵ *Bibliografia:*

1. Peter Quidington, *Editor Científico do jornal Sydney Morning Herald*, Nov., 1988
2. Dr. Rhys Jones, *professor da ANU (Universidade Nacional Australiana, Camberra), Departamento de Pré-História e Conferência "Terra Australis Australia" setembro 1988, Sidney.*

Existem inúmeros locais na Austrália com pedras e outros artefactos estratificados abaixo de zonas de carvão negro (hulha), incluindo¹⁶ um escavado pelo professor Rhys Jones da Universidade Nacional Australiana (departamento de Pré-História) no Parque Nacional de Kakadu (Território do Norte Australiano, numa vasta região cuja titularidade de posse da terra foi entregue aos nativos na década de 80 e onde existe uma das maiores reservas de urânio do mundo). Nenhum deles pode ser datado pelos métodos existentes.

Outras enigmáticas descobertas incluem a de poros de pólen profundos encontrados por Gurdip Singh no leito do Lago George, perto de Camberra, a qual sugere a aparição súbita de vastas quantidades de fragmentos de carvão e uma notável mudança da composição arbórea ocorrida há cerca de 120 mil anos. Singh era da opinião de que tal tipo de mudanças só pode ter acontecido como resultado da chegada de seres humanos e do impacto do seu regime de fogo no meio ambiente. Uma alternativa do perfil de pólen sugere que tal evento possa ter tido lugar há 60 mil anos, o que sendo consideravelmente anterior a qualquer descoberta arqueológica, não está fora de especulação científica.

Os primeiros imigrantes australianos devem inicialmente ter vivido nas terras baixas florestadas do sudeste asiático. Muitos dos recursos animais e vegetais na costa noroeste da Austrália – Nova Guiné ser-lhe-iam bem familiares. Desde as praias de chegada, uma das maiores zonas ecológicas por onde esses primeiros imigrantes colonizadores teriam de passar seriam as florestas tropicais da Nova Guiné: lá existe evidência arqueológica de penetração humana nestes altos vales há mais de 30 mil anos.

Uma segunda vaga de expansão seria pelas savanas secas da Austrália. Até há poucos anos era incerto se a ocupação do miolo do deserto teria sido ocupada antes do fim do Pliocénico (entre 10 a 12 mil anos).

Escavações durante a década passada na Cordilheira McDonnell, perto de Alice Springs, mostraram a existência de fornos (lareiras) e utensílios de pedra com mais de 22 mil anos, com mais depósitos a níveis mais profundos (consequentemente mais antigos).

Outros locais de antiguidade idêntica nas zonas áridas foram descobertos na zona de Pilbara e na Planície de Nullarbor (na zona mais meridional da Austrália do Sul).

Reclamar a terra exigia não só uma capacidade ecológica de colher o que ela tinha para dar, mas também uma capacidade intelectual de conhecer locais e a abundância sazonal de recursos, incluindo a água. Talvez, ainda mais importante era saber a relação existente entre as pessoas e pedaços específicos de terra, e a relação entre elas.

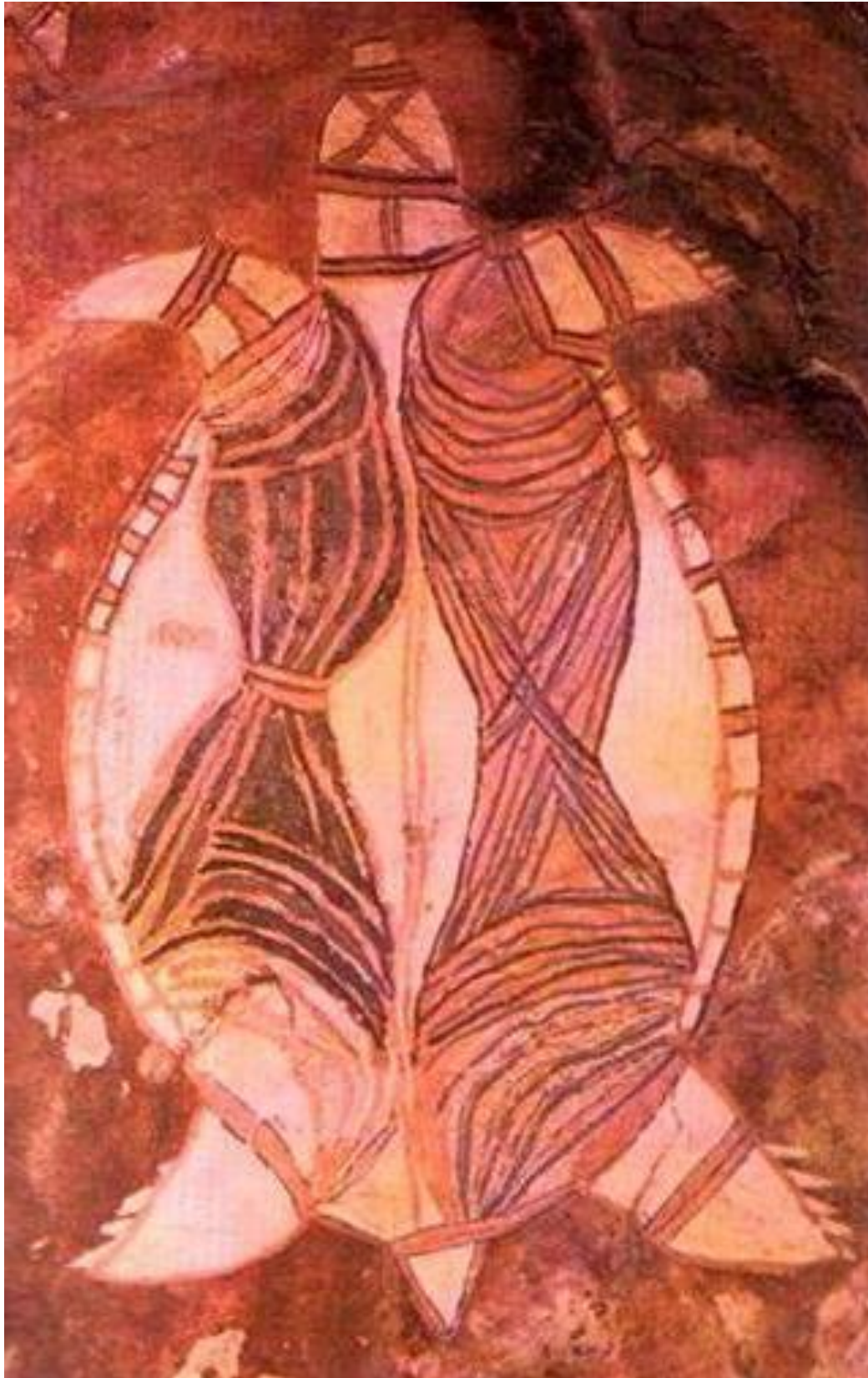
¹⁶ Denominado Lindner Site (o local de Lindner), *Nauwalabila I*.

¹⁰² David Leser e jornal *Australian*, abril 1986.

¹⁰³ Derivada da hilariante série satírica inglesa dos anos 70, 'Monthy Python' com John Cleese.



PINTURAS NA ROCHA HÁ DEZ MIL ANOS



Uma das impressões mais duradoiras e avassaladoras é a que se obtém da literatura etnográfica australiana, ou através de experiências contemporâneas com os aborígenes que ainda utilizam aspetos peculiares da sua cultura tradicional em Arnhemland (Terra de Arnhem, norte da Queenslândia) no Grande Deserto

Ocidental ou em qualquer outro lugar. O investimento cultural através da arte, dança, música, e cerimónias religiosas assegurava e mantinha esse relacionamento fundamental.

Em Nauwalabila encontraram-se pedaços de ocre em depósitos sob as areias e a níveis de profundidade que se crê serem de há 30 mil anos, e lá estavam *crayons* de hematite de alta qualidade e minério de ferro mostrando facetas intersetadas (fruto de mãos humanas?) A fim de colocar estas descobertas numa perspetiva global, poderemos recordar que a arte antiga em termos de Europa Ocidental (Lascaux, França; Altamira, Espanha, ou mesmo Foz Coa, Portugal) data de há 32 mil anos, ou seja, no mínimo contemporânea da arte aborígene.

Pesquisas recentes na periferia do continente australiano ilustram o facto de o ritmo das descobertas não estar a abrandar. Os colonos da Nova Irlanda, a oriente da Nova Guiné, por exemplo tinham uma excelente técnica de atravessar as águas e aptidões consideráveis para aproveitarem os recursos marinhos.

Fascinante também é que a ocupação das grandes ilhas do Pacífico Ocidental foi feita pouco depois do grande continente australiano. O homem foi também até ao extremo sul do continente, antes de os altos mares cortarem o acesso à Tasmânia, ligada ao continente até há 12 mil anos atrás. A ocupação mais antiga da Tasmânia foi comprovada na Cave Bluff na Florentine como tendo ocorrido há 23 mil anos.

Uma das dificuldades existentes é datar com precisão essas descobertas. Mungo I de há 26 mil anos é uma jovem extremamente graciosa. Outros fósseis de aproximadamente a mesma idade são bem mais grosseiros e mostram características faciais mais *primitivas* tais como largos maxilares e sobrelhas elevadas e salientes.

Em termos de parâmetros chave, existe maior variação entre os homídeos do Pliocénico recuperados na região dos Lagos Willandra, a oeste de Nova Gales do Sul, do que existe agora entre toda a humanidade em toda a terra. Ou será que estamos perante representantes de duas espécies distintas de colonos do continente?

Ao lidarmos com acontecimentos de há 20, 30 mil ou mais anos, estamos a lidar com os antepassados mais chegados atuais aborígenes australianos, Papuas da Nova Guiné, melanésios de Irian Jaya (Papua Ocidental) e habitantes das Ilhas Salomão a norte da Papua. Sem dúvida que muitos dos seus descendentes são hoje membros das comunidades indígenas das ilhas e territórios do Pacífico.

Existe um grande lapso de tempo entre o moderno aborígene e aqueles a cujos traços atrás se descreveram.



LAGO WILLANDRA



LAGO WILLANDRA



A nível de pré-história não existem preconceitos raciais ou orgulhos étnicos. O facto saliente que emerge de uma perspetiva global é a semelhança das vidas, os restos de artefactos. Os produtos e auxiliares de todos nós humanos em todos os continentes.

Nos últimos séculos os grandes exploradores atravessaram o globo e compete aos da geração presente recriarem essas viagens ao passado, explorando essas paisagens de um futuro comum para quem vem de um passado comum.



CRÓNICA XV – ABORÍGENES NO TEMPO - PARTE VI

15. O TÚNEL DO TEMPO ¹⁷



RIVERSLEIGH





Foi já em 1986 que a Austrália descobriu o que muitos consideravam a sua *Pedra de Roseta* do passado: o maior depósito de fósseis com uma idade de cerca de 15 milhões de anos.

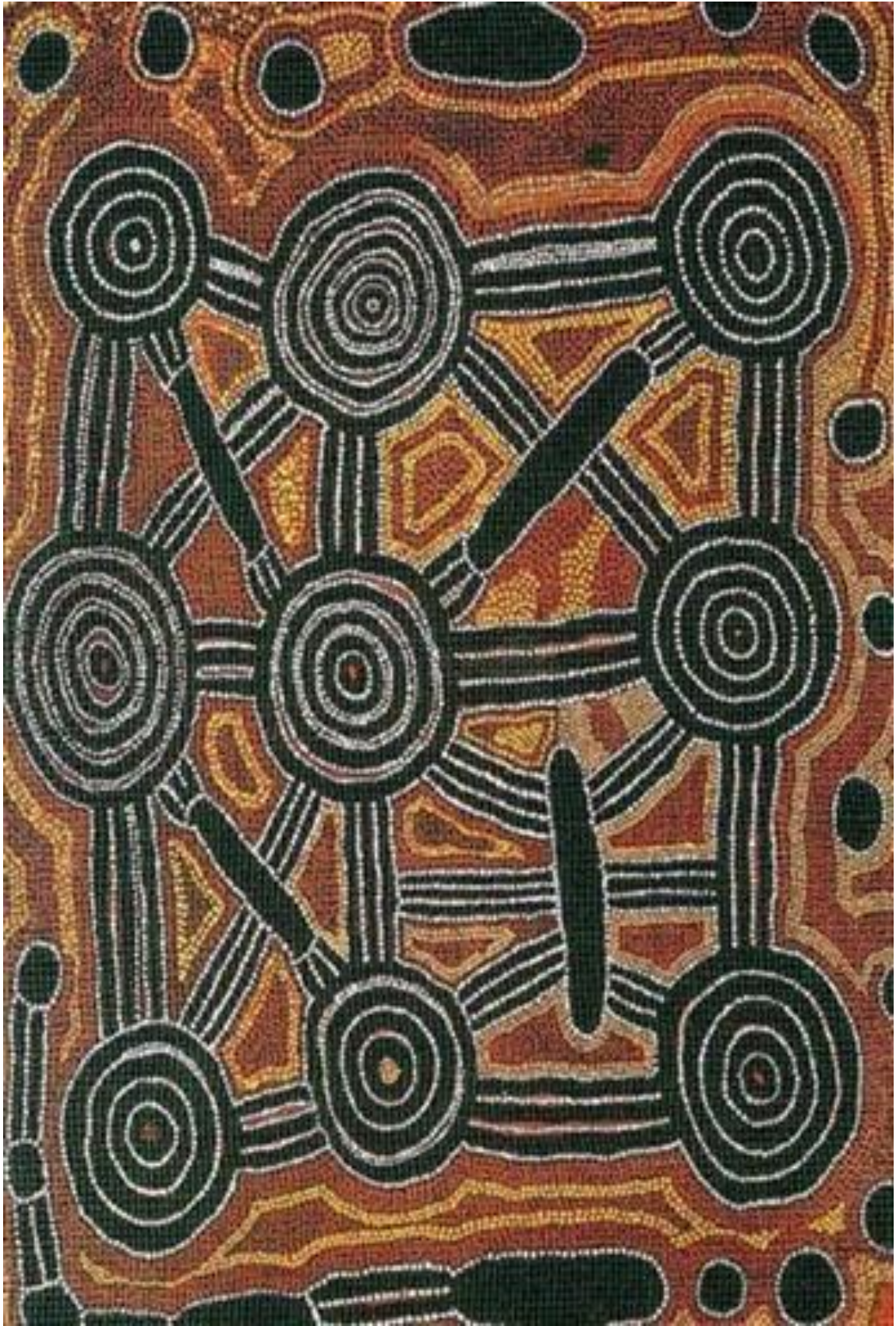
A região parecia mais uma imagem do fim do mundo permeada de rochas de calcário, poeira cor de siena (castanho avermelhado, a chamada terra ruiva) e colinas estendendo-se através do planalto continental.

Foi aqui que, em 1800, o guarda florestal Joe Flick foi morto pelos soldados britânicos, que o enterraram de cabeça para baixo para ir mais depressa para o inferno, e para quem veja a paisagem pela primeira vez isto parece o caminho certo naquela direção.

A estação de pastorícia de Riversleigh, nos confins da Queenslândia, 300 km a noroeste de Mt. Isa, parece ser mais o começo do que o fim, uma espécie de Pedra de Roseta para o passado australiano do que uma portinhola aberta para o inferno.

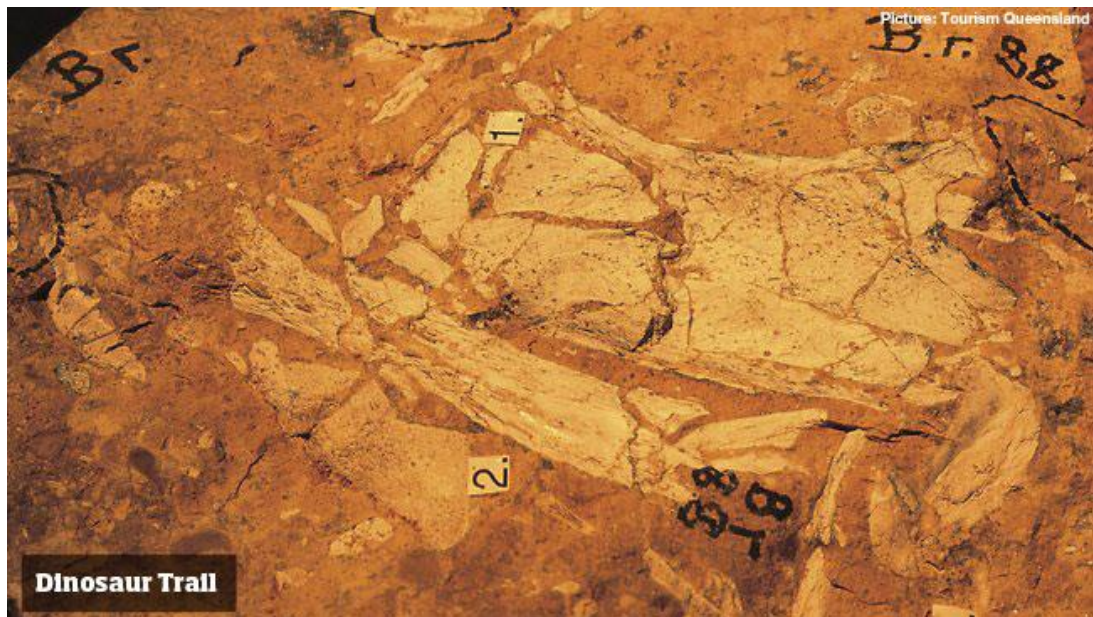


PEGADAS FOSSILIZADAS



Foi lá que os mais ricos depósitos de fósseis foram encontrados e os primeiros na Austrália, com mamíferos, anteriormente apenas conhecidos de outros continentes. É naquele local que se encontram 20 diferentes períodos de tempo, ou eras, entre

50 mil anos a 15 milhões, embrenhados no calcário, capaz de permitir aos cientistas estudar toda a história evolucionista de um continente num só local.



Antes das descobertas de Riversleigh apenas se conheciam 70 espécies de mamíferos como tendo existido na Austrália, enquanto atualmente esse número se situa em mais de 170, dos quais só cem numa pequena área com um quilómetro quadrado.

Quando o Professor Michael Archer começou as suas escavações em 1976, ele que se tornou numa espécie de Indiana Jones dos paleontólogos australianos, jamais esperava vir a abrir uma caixinha de Pandora destas.

Nessa altura descobriram uma criatura tão esquisita que lhe chamaram a *coisadente* (*thingodonta*) para uma espécie de animais tão diferente das outras como uma baleia de um macaco. No ano seguinte descobriram a sua mandíbula, e em 1986, o focinho.

Depois seguiram-se descobertas tais como o cérebro fossilizado de um monotrema: uma espécie de ornitorrinco (platypus) ovíparo.

Noutro local, perto dos antigos e luxuriantes terraços do Rio Gregory, descobriram-se os restos do maior marsupial do continente, um *Diprotodonte optatum*, um animal do tamanho de uma vaca que viveu há cerca de 50 mil anos atrás. A estação de Riversleigh não foi só fértil em milhares de fósseis de mamíferos, mas também se revelou uma verdadeira mina de ouro quanto a restos de animais e répteis. Um leão marsupial semiarbóreo (semivegetariano), uma nova espécie de lobo marsupial, uma nova família de Possum plantigeriformes e um minúsculo coala, provavelmente um elo de ligação entre os antigos e os atuais.



THINGODONTA

Numa rocha encontraram-se 40 vértebras de um píton enorme, com uma espessura de 30 centímetros e pela época em que habitava estas paragens, durante o período Miocénico, há cerca de 15 milhões de anos, era provavelmente o maior réptil do mundo, pelo que foi apropriadamente denominada de *Monty Pythonoide*⁸.

Outra rocha tinha tanta matéria orgânica que produziu cerca de 60 espécies diferentes de animais, e perto desta estavam os restos fossilizados de um crocodilo de há 13 milhões de anos.

Ainda noutra local desta área, em leitos secos do período pré-câmbrico, de há 1,5 biliões de anos, surgiu uma das mais espantosas descobertas: os restos de um Dromornitóide ou pássaro trovão (Thunderbird) que habitou esta terra durante o período terciário, há cerca de 15 milhões de anos e o qual foi batizado como o *Grande Pássaro*.

A parte inferior desta gigantesca galinha é protuberante como se fosse de um elefante. A pélvis e o osso grande da pata (o dedão) estão também na rocha junto de pequenas pedras ingeridas pelo enorme pássaro não voador, para auxiliar a sua digestão. Ingeriam as pedras com os frutos e as sementes para as esmigalharem dado que ao longo do processo evolutivo perderam os dentes. Apenas, por especulação, se pode tentar saber porque tal animal morreu assim: um crocodilo comeu-lhe a cabeça e deixou a carcaça a apodrecer? Ou talvez tenha caído dentro de uma enorme piscina das que se formavam dos sistemas de lagos de água fresca nesta fase do Miocénico?



added on WithFriendship.com

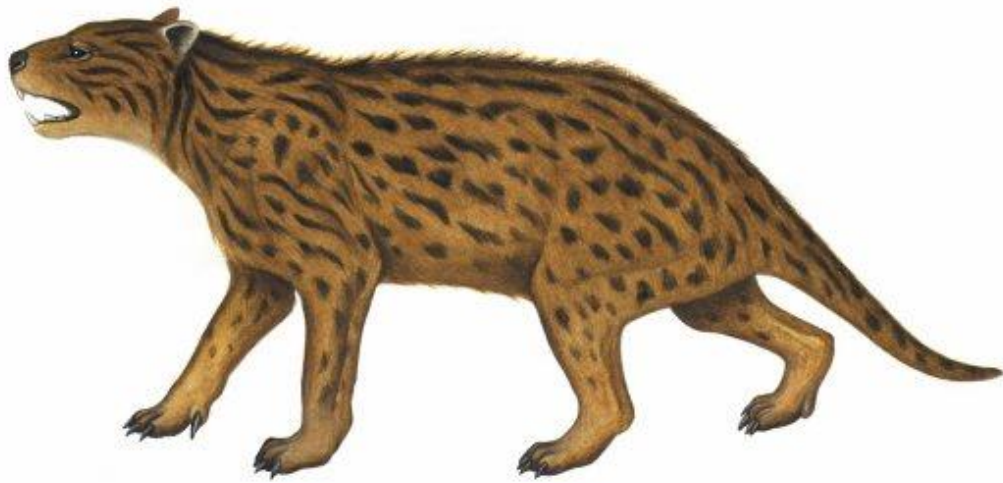
DROMORNITÓIDE OU PÁSSARO TROVÃO (THUNDERBIRD)



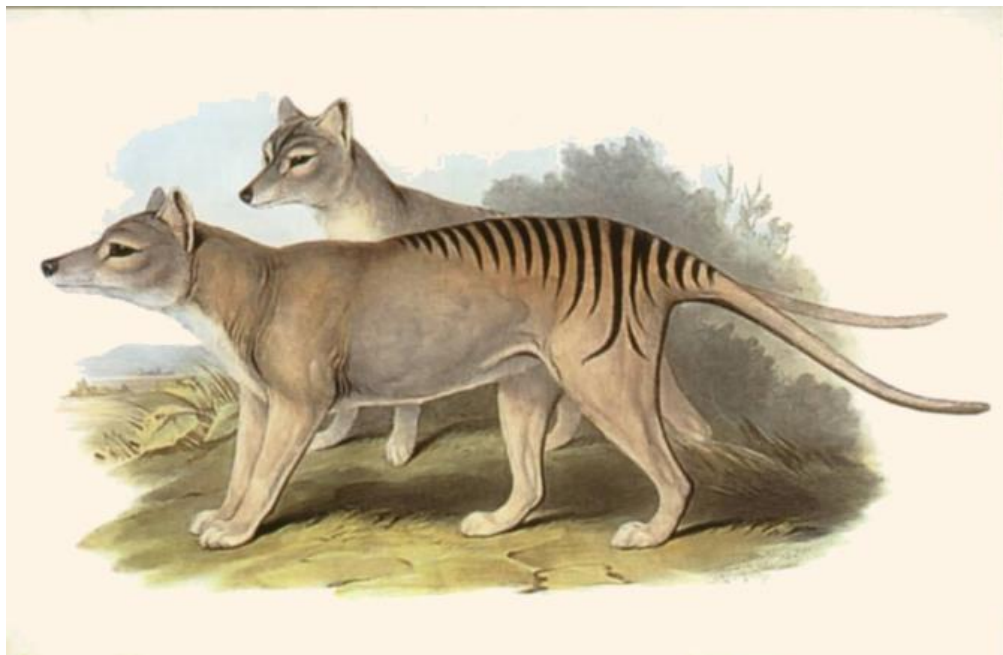
Toda esta área, de acordo com o professor Archer, era uma enorme floresta tropical com dezenas de tipos diferentes de Possum (opossum) escondidos à sombra das folhas da palmeira livastónia, das pandamas e melaleucas, onde répteis gigantes, lagartos e sapos enfiados no solo, enquanto aqueles enormes pássaros não voadores vasculhavam o chão da selva. As enormes piscinas naturais onde estes animais caíam eram cobertas de cal, proveniente da erosão do calcário Câmbrico e são os seus ossos que hoje se podem ver em Riversleigh.

Esta variedade fenomenal de espécies começou a extinguir-se há cerca de 15 milhões de anos quando a crosta da plataforma continental australiana chocou com

a plataforma indiana, provocando a elevação daquilo que é hoje o sudeste asiático. Este contacto provocou a formação da Nova Guiné e levou consigo toda a vasta fauna de Riversleigh.



WAKALEO VANDERLEURI, LEÃO MARSUPIAL



THYLACINE / TASMANIAN TIGER (LEÃO MARSUPIAL - TIGRE DA TASMÂNIA)



Os que restam hoje são os antepassados atuais daquelas criaturas das florestas tropicais, mas bastante mais resistentes pois adaptaram-se a um ambiente em mutação e sobreviveram. O Dr. Archer de 52 anos, de origem norte-americana, começou a ter interesse em paleontologia e zoologia aos onze anos de idade nos Adirondack no Estado de Nova Iorque onde cresceu e admira-se que esta região tendo sido descoberta originalmente como tendo fósseis em 1901, só tenha sido explorada tão tarde.

Bruce Stannard do jornal Sidney Morning Herald escrevia em 1987 que visitar

Riversleigh era *como se sentiria um exultante visitante do tempo ao aterrar depois de uma viagem de 15 milhões de anos*. Milhões de anos de erosão estavam, por fim a abrir uma janela não sobre um mundo perdido, mas sobre uns 30.

Ou como diria, Michael Archer uma pessoa chega aqui cheia dos imensos conhecimentos científicos que tem e sai profundamente humilhada. Quanto mais vemos, mais nos apercebemos do pouco que sabemos e do muitíssimo que há ainda para aprender. Ao chegarmos, estamos convencidos de que, se seguirmos as regras da ciência, tudo fará sentido, mas descobrimos que o livro porque nos guiamos foi escrito noutra local, noutra tempo, espaço, por outra pessoa, e que nada do que lá vem se aplica aqui.

Apesar de tudo o que vemos, isto parece um enorme puzzle que foi desfeito por uma criança de dois anos e onde a maioria das peças que fazem sentido se perderam. Por exemplo, poderemos comparar os morcegos protuberantes das rochas onde ficaram fossilizados, pertencendo a várias eras e analisar datas radioisométricas com exemplares semelhantes da Europa e Ásia, e isso vai-nos ajudar a entender os diferentes estádios da evolução e datar convenientemente o que se passou aqui.

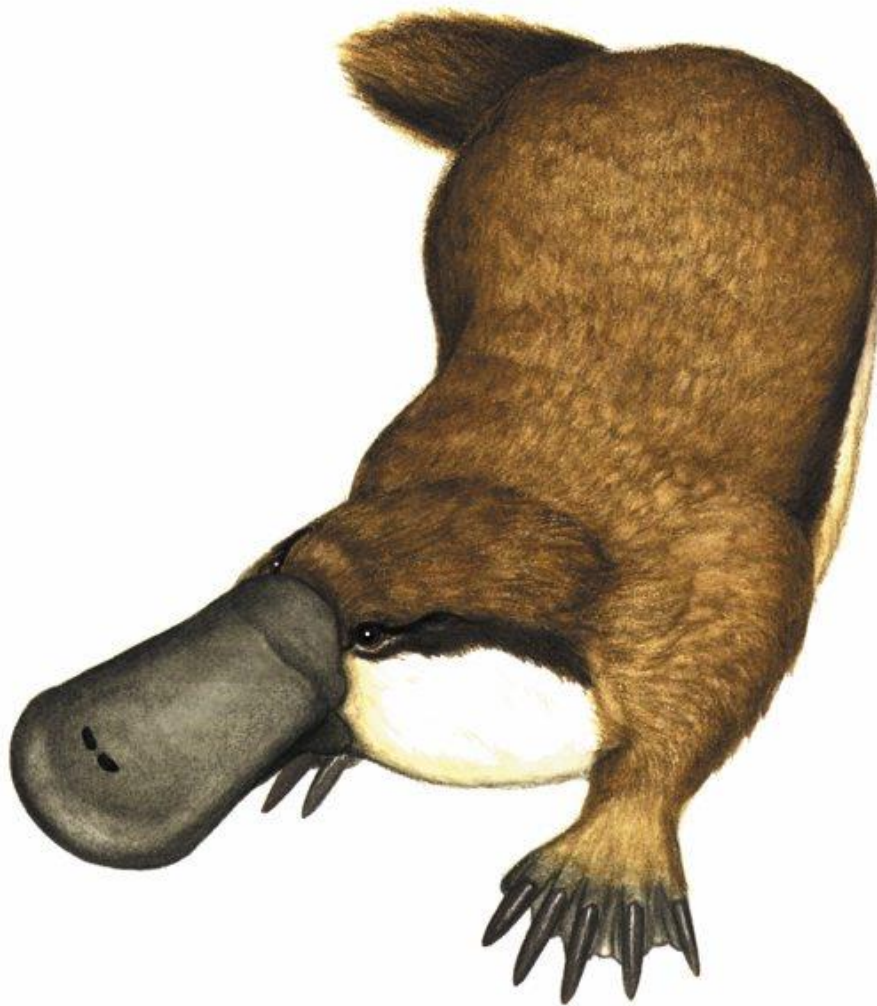
E o professor acrescenta: “Quando descobrimos o crânio do Obdurodonte, completo com dentes e a base do crânio, onde as mudanças são pequenas e permitem estudar bem a evolução de uma espécie, e as marcas das veias, a única coisa que faltava era poder ler os últimos pensamentos daquele gigante ao afundar-se na lama onde morreu. Nada, porém, foi mais espantoso que a Coisadente (Thingadonta - Thingadon).”



Trata-se de um mamífero, provavelmente com pelo e não maior do que um coelho. Os seus dentes são diferentes de todos os outros mamíferos. É como, se não

conhecêssemos uma baleia, estivéssemos diante de um oceano e uma aparecesse. Só que neste caso, nada existe para fazer uma analogia, porque este animal é único.

Normalmente associa-se esmagar e moer com mamíferos, mas o Thingodonta não tem nenhuma capacidade de fazer isso. Os seus dentes são como pequenas tesouras. Tudo o que podia fazer era cortar, talhar, cortar, e o que é que um animal com dentes assim faz? Só saberemos se encontrarmos o resto do corpo, pode ser que se tratasse de um animal aquático, que passasse o tempo a nadar e a cortar a cauda dos peixes, ou então um animal que se especializasse em cortar a carapaça dos ovos das aves, engolindo o embrião todo de uma vez.



Obdurodon dicksoni © Anne Musser

O *Yalkaparidon coheni* (Cohens Thingodonta) é um dos marsupiais mais fora do comum dentre todos os animais encontrados em Riversleigh (área Patrimônio da Humanidade) na Queensland. Não existe paralelo em qualquer outra jazida de fósseis na Austrália. A sua peculiaridade assenta na dentição daí advém o seu nome, thingodonta (donta significa dente em Grego Antigo).

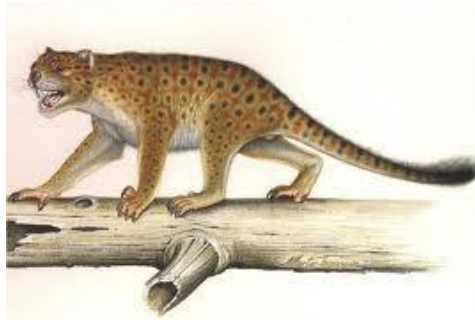


MANDÍBULA DE THINGODONTA



RECONSTRUÇÃO DE YALKAPARIDON COHENI – ARTWORK DE FILIPE MARTINHO

O leão marsupial (*Thylacoleo carnifex*), que atrás mencionamos, também percorreu esta região durante o Miocénico e se bem que se assemelhasse a um opossum o seu comportamento nada tinha a ver com essa aparência. Especializados em comer carne, tinham incisivos compridos e bem fortes, para além de longas e aceradas lâminas na frente das mandíbulas. Os seus dentes eram tão afiados que podiam servir para uma pessoa se barbear, sendo capazes de cortar uma perna a um canguru sem se aperceberem de que o tinham feito.



LEÃO MARSUPIAL (THYLACOLEO CARNIFEX)

Mas, até agora o maior marsupial foi sem dúvida o *Diprotodonte optatum*, do tamanho de uma vaca, com um crânio com cerca de meio metro e um cérebro do tamanho de um polegar humano, o que de facto, era uma pena, pois se encontrassem um ser humano não saberiam o que fazer. Eram tão estúpidos, que os aborígenes de há 50 mil anos seriam capazes de lhe retalhar uns bifés para o almoço, voltar para buscar mais para o jantar e ainda encontrarem o *Diprotodonte* no mesmo sítio à espera.



DIPROTODONTE OPTATUM

Existe mesmo evidência de que os aborígenes os comiam e retalhavam, embora não como descrevi, pois, encontraram-se restos de ossos com marcas óbvias de facas primitivas.

Archer confessa ainda que embora seja crente não pode aceitar a teoria criacionista pois como paleontólogo não pode aceitar a arrogância de dizer que o homem é um animal superior aos outros, quando toda a evidência sob os seus olhos afirma o contrário. Há criaturas mais importantes, nós somos só animais.



TOCANDO O DIDGERIDOO



CRÓNICA XVI